



REGENERAR A PARTIR DO CENTRO

PÁTIO: ESPAÇO DE TRANSIÇÃO ENTRE A CASA E A CIDADE

João Pedro Soares Fernandes Dias Farinha

Mestrado Integrado em Arquitectura

Professora Doutora Filipa Roseta (Orientadora Científica)

Professor Doutor João Cabral (Co-orientador Científico)

Professor Doutor Ricardo Silva Pinto (Presidente do Júri)

Arquitecta Cristina Veríssimo (Vogal)

Lisboa, FAUL, Julho, 2014

REGENERAR A PARTIR DO CENTRO

PÁTIO: ESPAÇO DE TRANSIÇÃO ENTRE A CASA E A CIDADE

João Pedro Soares Fernandes Dias Farinha

Mestrado Integrado em Arquitectura

Professora Doutora Filipa Roseta (Orientadora Científica)

Professor Doutor João Cabral (Co-orientador Científico)

Professor Doutor Ricardo Silva Pinto (Presidente do Júri)

Arquitecta Cristina Veríssimo (Arguente)

Lisboa, FAUL, Julho, 2014

REGENERAR, v. tr,. Tornar a gerar; dar vida (moralmente); reorganizar; restaurar; melhorar; corrigir (moralmente); reformar; aperfeiçoar (Do lat. Regenerãre «id.»)



Página anterior

*Fig. 0 _ Pátio no Chiado. Álvaro Siza
Vieira. Reabilitação do Chiado, 1988*

RESUMO

Título

Regenerar a partir do Centro

Pátio: Espaço de Transição entre a Casa e Cidade

Nome

João Pedro Soares
Fernandes Dias Farinha

Orientador

Professora Doutora
Filipa Maria Salema
Roseta Vaz Monteiro

Co-orientador

Professor Doutor João
Carlos Vassalo Santos
Cabral

Mestrado Integrado
em Arquitectura

Lisboa, Julho de 2014

No nosso *quotidiano* deparamo-nos com realidades urbanas difusas e fragmentadas. Os contornos urbanos, outrora muito marcados, dispersam-se indiferentemente pelas periferias, fundindo-se com território rural. A metrópole que se forma, de desmedida extensão, possui, para além de uma cultura urbana questionável, custos incomportáveis, que nos levam a debater o nosso modo de habitar. No entanto, questionar o *habitar* transcende os limites da casa que nos abriga, pois, tal como as paredes estruturam a casa, é a própria casa que estrutura a cidade. Deste modo, a cidade torna-se reflexo das sucessivas vivências que nela se sobrepõem, ao longo do tempo, e que a marcam de forma duradoura.

Regenerar a Partir do Centro, propõe a reversão do fenómeno de suburbanização, analisando casos notáveis de revitalização e reabilitação urbana, as diferentes vantagens, alternativas e o impacto de *re-habitar* o centro histórico, quer para a cidade consolidada como para a metrópole.

O Pátio, arquétipo da arquitectura portuguesa, afirma-se como espaço de transição por excelência, um dispositivo urbano que resolve a topografia e proporciona um filtro de privacidade entre o domínio público e a intimidade doméstica.

PALAVRAS-CHAVE

REGENERAR / HABITAR / REURBANIZAR / QUOTIDIANO / PÁTIO / CAPUCHOS

ABSTRACT

In our everyday life we come across diffuse and fragmented urban realities. Urban contours, formerly very pronounced, are known to disperse indistinctly in the suburbs, where they merge with rural territory. The metropolis that was built at an unbalanced extension has, in addition to a questionable urban culture, unaffordable costs, leading us to question our way of inhabiting. However, questioning the dwelling transcends the borders of the house that shelters us, because such as the walls structure the house, it is the house itself that structures the city. Thus, the city becomes a reflection of the successive experiences that overlap on it over time, and that mark it in a permanent way.

Regeneration from the Inside, proposes the setback of the phenomenon of suburbanization, analyzing some notable cases of revitalization and urban renewal, the benefits, alternatives and the impact of dwelling on the historic center, both for the consolidated city as for the metropolis area.

The Courtyard, archetype of Portuguese architecture, asserts itself as transition space par excellence, an urban device that solves the topography and provides a privacy filter between the public domain and domestic intimacy.

Title

Regeneration from the Inside

The Courtyard:
Transition space
between the House
and the City

Name

João Pedro Soares
Fernandes Dias Farinha

Advisor

Professora Doutora
Filipa Maria Salema
Roseta Vaz Monteiro

Co-advisor

Professor Doutor
João Carlos Vassalo
Santos Cabral

Integrated Master in
Architecture

Lisbon,
July 2014

REGENERATION / DWELLING / REURBANIZATION / EVERYDAY LIFE / COURTYARD

KEYWORDS

ZUSAMMENFASSUNG

Titel

Regeneration aus dem Inneren

Der Hof:
Übergangsraum
zwischen Haus und
Stadt

Name

João Pedro Soares
Fernandes Dias Farinha

Betreuer

Professora Doutora
Filipa Maria Salema
Roseta Vaz Monteiro

Co-Betreuer

Professor Doutor João
Carlos Vassalo Santos
Cabral

Integrierter Master in
Architektur

Lissabon,
Juli 2014

In unserem Alltag begegnen wir häufig diffusen und fragmentierten Situationen in der Stadt. Städtische Konturen, ehemals sehr ausgeprägt, zerstreuen in den Vororten ins Unklare, wobei sie mit dem ländlichen Gebiet verschmelzen. Die Großstadt, welche zur ungleichmäßigen Ausbreitung heranwuchs, hat, über die fragliche Stadtkultur hinaus, zusätzlich unbezahlbare Kosten, womit wir zur Frage nach der Art und Weise unseres Wohnens geführt werden. Dennoch übersteigt die Hinterfragung des Wohnens die Grenzen des reinen Wohnhauses, da es, im selben Sinne wie die Wand das Haus gliedert, die unterschiedlichen Hausarten sind, welche die Stadt strukturieren. Demzufolge wird die Stadt ein Abbild der fortlaufenden, sich mit der Zeit überlagernden Praktiken und zeichnet eben diesen Verlauf der Zeit dauerhaft ab.

Die Thesis „Regeneration aus dem Inneren“ schlägt eine Zurücksetzung des Phänomens der Suburbanisierung vor, analysiert einige bemerkenswerte Beispiele von Revitalisierung und Stadterneuerung und zeigt Vorteile, Alternativen und Einflüsse des Wohnens auf die historischen Center, sowohl für konsolidierte Bereiche, als auch für die Metropole an sich.

Der Hof als Archetyp portugiesischer Architektur macht sich selbst als Übergangsraum par excellence bemerkbar; ein Stadtbaustein, welcher die Topographie beherrscht und einen Privatsphäre-Filter zwischen öffentlichem Bereich und häuslicher Intimität bietet.

SCHLÜSSELWORTE

REGENERATION / WOHNEN / REURBANISIERUNG / ALLTAG / HOF / BERLIN

RESUMÉ

Dans notre vie quotidienne, nous sommes confrontés à des réalités urbaines fragmentées et diffuses. Les contours urbains, autrefois bien balisés, se dispersent indépendamment vers la banlieue, se confondant avec le territoire rural. Cette métropole, à l'extension excessive, offre une culture urbaine discutable, inabordable, ce qui nous amène à repenser notre façon de vivre. Toutefois, la question du logement transcende les limites de la maison qui nous abrite, car tout comme les murs structurent les maisons, les maisons par elles-mêmes structurent la ville. Ainsi, la ville devient l'image d'expériences successives se chevauchant dans le temps, laissant alors une trace durable.

La Régénération Depuis le Centre propose une inversion du phénomène d'étalement urbain, par l'analyse de cas notables de revitalisation et de réhabilitation urbaines, des différents avantages, des alternatives et des impacts de la réhabilitation des centres historiques, autant pour la cité que pour la métropole.

La Cour, archétype de l'architecture portugaise, s'affirme en tant qu'espace de transition par excellence, un dispositif urbain permettant une résolution topographique et fournissant une filtration entre le domaine public et l'espace privé.

Titre

Régénération Depuis le Centre

La Cour: L'Espace de Transition entre la Maison et la Ville

Nom

João Pedro Soares
Fernandes Dias Farinha

Tuteur

Professora Doutora
Filipa Maria Salema
Roseta Vaz Monteiro

Co-Tuteur

Professor Doutor João
Carlos Vassalo Santos
Cabral

Master en Architecture

Lisbonne, Juillet 2014

RÉGÉNÉRER / HABITATION / RÉURBANISATION / QUOTIDIEN / COUR

MOTS-CLÉS

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig. 1 _ *Puzzle - Inserção de Nova Lógicas - Sucessão de Peças que não se encaixam*. Imagem da dispersão urbana da cidade.

(Fonte _ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro (2007); Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades; Lisboa: CEFA/FCG 2ª; p237) 13

Fig. 2 _ *Cosmopolitismo, dos Ingredientes básicos aos grandes valores urbanos*

(Fonte _ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro; Políticas Urbanas II - Transformações, regulações e projectos CEFA/FCG, 2011 p222) 16

Fig. 3 _ *Cosmopolitismo. Sistema de Financiamento e Sistema de Governança*

(Fonte _ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro; Políticas Urbanas II - Transformações, regulações e projectos CEFA/FCG, 2011 p223) 20

Fig. 4 _ *Berlim Ocidental. Mapa do enclave capitalista no território da RDA.* (Fonte _ Esquema do autor) 28

Fig. 5 _ *"Panzerkreuzer".*

(Fonte_ http://s1.germany.travel/media/content/staedte___kultur_1/staedte/berlin_2/) 29

Fig. 6 _ *Invasão dos Símbolos Ocidentais sobre a Berlim Oriental após a queda do Muro aqui retratada no filme: "Good Bye, Lenin!"*

(Fonte_ <http://4.bp.blogspot.com/-45VLal/>) 29

Fig. 7 _ *Reconstituição histórica de Stalinallee depois da queda do Muro de Berlim no filme "Good Bye, Lenin!"*

(Fonte_ <http://image.toutlecine.com/photos/g/o/o/>) 29

Fig. 8 _ *Fotografia aérea do início do séc. XX onde se observam os quarteirões tradicionais de Berlim divididos em células denominadas: *Mietskaserne*.*

(Fonte_ <http://www.kripahle-online.de/unterricht/wp-content/>) 31

Fig. 9 _ *Berlim. Registo cartográfico da expansão da cidade Prussiana em 1836.*

(Fonte_ <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/40/>) 31

Fig. 10 _ 1990. <i>Est Side Gallery</i> . -	
(Fonte_ bp.blogspot.com/_yYfHSdpEv1w/SklWaP5HsYl/)	31
Fig. 11 _ Revitalização do um Quarteirão em Kreuzberg.	
(Fonte_ Esquema do autor)	33
Fig. 12 _ Fotografia tirada no início do séc. XX à esquina de um quarteirão tradicional na Friedrichstraße.	
(Fonte_ http://static.coret.org/img/go/4067)	35
Fig. 13 _ Fotografia da esquina do <i>Quartier Schützenstrasse</i> .	
(Fonte_ Fotografia do Autor)	35
Fig. 14 _ Planta da Baixa Pombalina sobreposta à planta anterior ao Terramoto de 1755.	
(Fonte_ http://www.dgaep.gov.pt/upload/newsletter/News_10/)	38
Fig. 15 _ Planta da Baixa Pombalina depois da reconstrução.	
(Fonte_ http://2.bp.blogspot.com/eE1ryVtlcl4/Twh1pbRetal/AAAAA-AAFew/OR1wGJ3ll9k/s1600/)	39
Fig. 16 _ Fotografia da Praça do Comércio tirada a partir do rio Tejo, que desenha o seu limite Sul	
(Fonte_ http://4.bp.blogspot.com/QM_ztEBzZ1A/Tjh3143ztDI/AAAAAAAABB8/)	39
Fig. 17 _ Alçado Pombalino	
(Fonte_ Viegas, Inês (coord.); Cartulário Pombalino. Lisboa : Departamento de Património Cultural - Arquivo Municipal de Lisboa. P28 e p29)	42
Fig. 18 A adaptação da métrica Pombalina à topografia destacada neste alçado da Rua do Carmo, 1758.	
(Fonte_ Viegas, Inês (coord.); Cartulário Pombalino. Lisboa : Departamento de Património Cultural - Arquivo Municipal de Lisboa. P28 e p29)	42
Fig. 19 _ Quarteirões danificados durante o Incêndio do Chiado.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	44
Fig. 20 _ Carta Urbana do Município de Lisboa.	
(Fonte_ http://habitacao.cm-lisboa.pt/imgs/thumb1/)	49

Fig. 21 _ Distribuição geográfica dos projectos vencedores do BIP-ZIP no ano 2011.

(Fonte_ <http://habitacao.cm-lisboa.pt/imgs/>) 51

Fig. 22 _ Perspectiva do recinto do Hospital de Sant Pau.

(Fonte_ <http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/05/>) 57

Fig. 23_ Unidades Conventuais

(Fonte_ Esquema do Autor adaptado a partir do Documento Estratégico de Intervenção da Colina de Santana realizado pelo Departamento de Planeamento e Reabilitação Urbana) 62

Fig. 24 _ Ilustração da escadaria das Travessa das Parreiras, adjacente ao território de projecto.

(Fonte_ Ilustração do autor) 63

Fig. 25 _ Unidade b

(Fonte_ Esquema do Autor) 64

Fig. 26_ Unidade c

(Fonte_ Esquema do Autor) 65

Fig. 27_ Unidade e

(Fonte_ Esquema do Autor) 66

Fig. 28 _ Unidade f

(Fonte_ Esquema do Autor) 67

Fig. 29 _ Unidade g

(Fonte_ Esquema do Autor) 68

Fig. 30 _ Passeio Público de Lisboa e o Asilo da Mendicidade no topo da Colina de Santana.

(Fonte_ <http://i.ytimg.com/vi/yYWH6fPdHeI/>) 69

Fig. 31 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 73

Fig. 32 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 74

Fig. 33 _ Carta Marítima com o desenho da influência além-mar da ordem Capuchinha no começo da evangelização da Terra de Veracruz.

(Fonte_ <http://4.bp.blogspot.com/oLD9Ucrhh8/TYErVIOCHHI/AAAAAFk/1MiGSB0XA6U/s400/>) 75

Fig. 34 _ Espaço como matéria contínua. Ilustração de Mathew Borrett.

(Fonte_ <http://4.bp.blogspot.com/KE6oC51E3c/TIOJvbsey0I/AAAAAAAJ1s/J6SR-MMn9UY/s1600/>) 75

Fig. 35 _ Gravura do trajecto de aproximação ao Convento de Santo António dos Capuchos.

(Fonte_ AMORIM, Maria (1998); Os Franciscanos no Maranhão e Grão-Pará Missão e Cultura na Primeira Metade de Seiscentos, Lisboa, 2005 p65) 75

Fig. 36 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 77

Fig. 37 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 77

Fig. 38 _ Localização da Freguesia de Santo António e da Freguesia de Arroios.

(Fonte_ Esquema do Autor) 77

Fig. 39 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 79

Fig. 40_ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.

(Fonte_ Esquema do Autor) 79

Fig. 41 _ Pompeia.

(Fonte_ <http://lh5.ggpht.com/qWlnx0EsEo/TsWlc3M3xFI/AAAAAAAAABY/d8bhdnCLzTk/s9000/>) 83

Fig. 42 _ Baile de Santo António, retirado do filme: "O Pátio das Cantigas".

(Fonte_ http://i.ytimg.com/vi/yYWH6fPdHeI/)	87
Fig. 43 _ Corredor de acesso ao pátio: Parque Polivalente de Santa Catarina, na Calçada do Combro.	
(Fonte_ Fotografia do Autor)	87
Fig. 44 _ Pátio das Cantigas. Reconstituição do cenário do filme de 1942, que narra a vida de um bairro tradicional em redor do seu pátio, síntese da arquitectura urbana lisboeta.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	87
Fig. 45 _ Planta genérica de um <i>Mietkasernen</i> , a célula urbana mínima dos quarteirões de Berlim.	
(Fonte_ http://edoc.hu-berlin.de/dissertationen/reitzig-markus-2006-02-10/HTML/)	87
Fig. 46 _ Esquina do edifício de habitação Bonjour Tristesse, Álvaro Siza Vieira.	
(Fonte_ Fotografia do Autor)	89
Fig. 47 _ Pátio Interior, com acessos aos núcleos distributivos e por um corredor lateral até à rua.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	91
Fig. 48 _ Planta do Piso térreo.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	91
Fig. 49 _ Quartier Schützenstraße.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	93
Fig. 50 _ Pátio A. Reabilitação do Chiado.	
(Fonte_ SIZA VIEIRA, Álvaro in <i>Chiado em Detalhe</i>)	93
Fig. 51 _ Quarteirão no Chiado. Pátio A.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	98
Fig. 52 Pátio em Haia	
(Fonte_ Esquema do Autor)	96
Fig. 53 _ Planta urbana da Weißenhofsiedlung desenhada por Mies Van der Rohe em 1927.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	97
Fig. 54 _ Fachada Norte da Weissenhof Reihenhäuser	

(Fonte_ http://farm6.static.flickr.com/5009/)	98
Fig. 55 Alçado Norte	
(Fonte_ https://www.flickr.com/photos/33238628@N04/)	98
Fig. 56 Planta Piso 1	
(Fonte_ Esquema do Autor)	98
Fig. 57 Planta Piso 0	
(Fonte_ Esquema do Autor)	98
Fig. 58 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.	
(Fonte_ Esquema do Autor)	101
Fig. 59 N°26 da Rua do Passadiço	
(Fonte_ Esquema do autor)	101
Fig. 60 _ Corte/Alçado pelo pátio de carácter público, no edifício de habitação nos Capuchos.	
(Fonte_ Ilustração do Autor)	102
Fig. 61 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.	
(Fonte_ Ilustração do Autor)	102
Fig. 62 _ Planta do piso térreo em semi-cave, centrado no pátio de transição entre a cota da rua que envolve a área do centro comunitário e do edifício de habitação.	
(Fonte_ Ilustração do Autor)	102
Fig. 63 _ Corte através do pátio de transição entre a rua e o pátio de carácter público.	
(Fonte_ Ilustração do Autor)	102
Fig. 64 _ Desenho do acesso ao interior do Pátio B a partir da Rua do Carmo, no projecto de reconstrução do Chiado do arquitecto Álvaro Siza Vieira.	
(Fonte_ SIZA VIEIRA, Álvaro in Chiado em Detalhe)	105
Fig. 65 _ Corte pelo acesso em túnel num Quarteirão no Chiado, que faz a ligação entre a Rua Ivens e o Pátio A.	
(Fonte_ SIZA VIEIRA, Álvaro in Chiado em Detalhe)	105

Fig. 66 _ Ilustração de uma galeria em arcada.	
(Fonte_ Fotografia do autor)	107
Fig. 67 _ Fotografia da arcada orientada a Norte no edifício do Centro Cultural de Belém.	
(Fonte_ Ilustração do autor)	107
Fig. 68 _ Fotografia da arcada que apoia o alçado Sul do braço Norte do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel.	
(Fonte_ Fotografia do autor)	107
Fig. 69_ Alçado poente do edifício de habitação colectiva projectado para os Capuchos.	
(Fonte_ Ilustração do autor)	108
Fig. 70 _ Alçado da Casa Gago, Von Ellrichshausen	
(Fonte_ http://1.bp.blogspot.com/IFO0zFwZpfo/UAbWgZdbp4I/AAAAAAAAYA/h3rXBvIrwes/s1600/)	108
Fig. 71 _ Desenho do projecto da Casa Gago, Pejo Von Ellrichshausen.	
(Fonte_ http://img4.adsttc.com/media/images/533b/8bd7/c07a/807c/d500/0095/)	108
Fig. 72 _ Fotografia da fachada Sul do bloco de habitação adjacente à Vaillantlaan, Álvaro Siza.	
(Fonte_ http://www.ducciomalagamba.com/images_proyec/462/thumbnailails/)	108
Fig. 73 _ Indian Institute of Management, Ahmedabad. Louis Khan.	
(Fonte_ http://s3.amazonaws.com/europaconcorsi/project_images/4475709/)	108
Fig. 74 _ ' <i>Coupe d'une Maison Parisienne, le 1er Janvier 1845</i> '	
(Fonte_ https://perso.univ-lyon2.fr/~pvernus/)	111

*Finita Causa,
Cessat Effectus*

*O lugar não é nenhum ponto de partida,
mas é um ponto de chegada.
Perceber o que é o lugar é já fazer o projecto.*

[Álvaro Siza]

INTRODUÇÃO

Objecto de Reflexão

No nosso quotidiano deparamo-nos com realidades urbanas difusas e fragmentadas. Os contornos urbanos, outrora muito marcados, dispersam-se infinitamente pelas periferias fundindo-se com território rural. Esta metrópole que se forma, de desmedida extensão, possui, para além de uma cultura urbana questionável, custos in comportáveis, levando-nos a questionar o modo como habitamos. No entanto, questionar o *habitar* transcende os limites da casa que nos abriga, pois tal como as paredes estruturam a casa, é própria casa que estrutura a cidade. Deste modo, a cidade torna-se reflexo de sucessivas vivências que nela se sobrepõem, que a marcam pelo sujeito e pelos modos que a ocupam.

Ao longo das últimas décadas, assistimos a uma fragmentação da urbanidade que caracterizava o meio urbano, consequência da desertificação do centro e da sua terciarização imposta pelo capital. A dicotomia entre a cidade, centro de trabalho e negócios, e a periferia, palco de habitação por excelência, pontuada por zonas industriais desqualificadas, conduziu a um fenómeno que Edward Hall descreve como a *suburbanização das nossas cidades, que se traduz pelo facto dos seus últimos residentes serem essencialmente fornecidos pelas classes desfavorecidas e pelas classes muito ricas, às quais se juntam alguns sobreviventes da classe média*¹ que resistiram à febre expansionista e desmensurada das periferias de baixa densidade. Estas propagaram-se através dos eixos infraestruturantes rodoviários e ferroviários, impondo uma *rotina* pendular entre o trabalho e o dormitório, uma *Cidade dos Fluxos*, que negligenciou fatalmente o *Bairro Tradicional*, a Cidade do Quotidiano.

No entanto, a contração socioeconómica e a alteração das políticas de gestão urbana contribuiriam para o fim da

¹ HALL, Edward, (1986); *A Dimensão Oculta*; trad. M.S. Pereira; Lisboa: Relógio D'Água, p202

tendência urbana expansionista, tornando inevitável o retorno à cidade construída, de modo a economizar os meios e corrigir as imperfeições de planeamento resultantes de um crescimento económico galopante para o qual os Planos Directores Municipais de primeira geração não estavam obviamente preparados.

Revela-se assim muito pertinente a reflexão sobre a cidade estratificada, a sua evolução e consolidação, de modo fundamentar uma *Forma Urbana enquanto corpo ou materialização da cidade capaz de determinar a vida humana em comunidade*. Pois, *sem o profundo conhecimento da morfologia urbana e da história da forma urbana, arriscam-se os arquitectos a desenhar a cidade segundo práticas superficiais, usando "feitios" sem conteúdo disciplinar*², conceitos vagos ou *pastiches*, que poderão ter consequências irreversíveis no património cultural e arquitectónico.

Deste modo, *Regenerar a partir do Centro* procura a compreensão do território em que está inserida a área de intervenção, o Hospital de Santo António dos Capuchos, dando resposta às carências do lugar, conciliando-o com a realidade do habitar metropolitano e produzindo um programa estratégico de reabilitação urbana moldada pelo confronto das várias iniciativas de reurbanização e regeneração urbana realizadas dentro e fora da cidade de Lisboa.

²LAMAS, José Garcia (2000); *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p22

Enquadramento

*A cidade consolidada é um palimpsesto de memórias sobrepostas e estratificadas que condicionam ou limitam as possibilidades de transformação das suas áreas obsoletas ou vazios.*³

Situado no topo de um promontório da colina de Santana, subsiste o recinto do Hospital de Santo António dos Capuchos, antigo convento Franciscano da Ordem Menor dos Capuchinhos. Este pedaço de Cidade, de cativante heterogeneidade, desenrola-se desde a cidade *orgânica* medieval até à cidade de *quadrícula barroca* sem, no entanto, conseguir articular as suas diferentes realidades, nem assumir a sua centralidade e a pertença no espaço urbano. O espaço envolvido pela cerca conventual contém, para além das suas singularidades e carências, um dos inúmeros *vazios urbanos* que contagiam a cidade histórica Olissiponense, conduzindo à sua degradação e abandono. No entanto, a prevista absorção deste recinto secular pela cidade irá provocar o desguarnecimento da sua singularidade relativamente às pressões e mutações próprias do meio urbano, tornando-se assim urgente a reflexão para salvaguarda do património, da memória e do carácter do *lugar*. Deste modo, para projectar no Hospital dos Capuchos, será essencial identificar as carências do território, prever as consequências da desafecção das múltiplas unidades hospitalares da *Colina da Saúde* sobre o tecido urbano envolvente, ponderar o efeito da alteração da função do espaço rodeado pela *Cerca* e refletir sobre as possíveis mais-valias que este poderá oferecer à cidade.

³ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro; Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades CEFA/FCG, 2007 2ª Edição p96

Metodologia

A contextualização do território onde se insere o terreno de intervenção, o Hospital de Santo António dos Capuchos, é o ponto de partida metodológico, sobre o qual a pesquisa teórica se organiza. A revisão literária da temática abordada e dos conceitos estruturantes introduz o corpo do trabalho, que se divide em duas partes:

A primeira parte da investigação pretende situar a Colina de Santana no espaço e no tempo, compreender a sua dinâmica no coração da Área Metropolitana de Lisboa, realizando uma apreciação crítica das estratégias de reabilitação urbana realizadas ao longo da sua história, comparando-as com o processo de loteamento dos Hospitais Cívicos de Lisboa já em curso. O enquadramento histórico de Lisboa foi fundamental na compreensão das singularidades do tecido urbano onde se situa a área de intervenção, quer pela sua orgânica, quer pela sua relação com a envolvente. A experiência de Berlim permite uma abstração do ambiente em estudo, de modo a analisar a abordagem a uma outra realidade, assimétrica no tempo, cultura e complexidade, mas que no entanto se une na génese das estratégias utilizadas e pelo desenho do Arquitecto Siza Vieira.

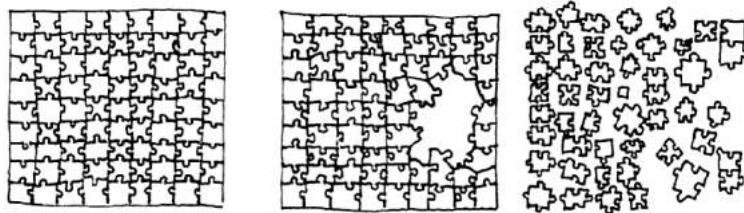
O projecto, como procura do carácter do Lugar é a abordagem da segunda parte do trabalho, caminhando da cidade até à casa, para integrar o objecto arquitectónico no espaço que a envolve. O pátio, como espaço de transição, surge como resultado do método de projecto, alicerçado nos instrumentos operativos extraídos dos casos de estudo analisados.

I. REGENERAR O CENTRO

Página Seguinte

Fig. 1 _ *Puzzle - Inserção de Nova Lógicas - Sucessão de Peças que não se encaixam.* Imagem da dispersão urbana da cidade.

REGENERAR A CIDADE



A Cidade Pós-Moderna

No nosso quotidiano deparamo-nos com realidades urbanas difusas e fragmentadas. Os contornos urbanos, outrora muito marcados, dispersam-se infinitamente pelas periferias fundindo-se com território rural. Esta metrópole que se forma, de desmedida extensão, possui, para além de uma cultura urbana questionável, custos in comportáveis, levando-nos a questionar o modo como habitamos. No entanto, questionar o *habitar* transcende os limites da casa que nos abriga, pois tal como as paredes estruturam a casa, é própria casa que estrutura a cidade. Deste modo, a cidade torna-se reflexo de sucessivas vivências que nela se sobrepõem, sendo marcada por aqueles e pelo modo como é ocupada.

A forma urbana que antigamente se ligava a um sítio liga-se actualmente a um território. A cidade deixa de ter uma forma definida e marcada, evoluindo para um conjunto de formas inter-relacionadas entre si e com o território-suporte⁴

Discutir o *Habitar* tornou-se frequente com advento do Modernismo, celebrizando-se vários autores como Le Corbusier, que inspirados nas utopias oitocentistas, incentivavam a expansão urbana em baixa densidade, privilegiando a função higienista, a *cidade-jardim* com abundantes áreas verdes e a decomposição dos diferentes usos em zoneamentos residenciais de lazer e de trabalho, rejeitando assim a densidade da cidade primitiva e dando origem a extensas metrópoles habitacionais.

Este fenómeno veio a dissolver o conceito de urbanidade, pois *o núcleo urbano não cedeu o seu lugar a uma realidade nova e bem definida tal como a aldeia deixou a cidade nascer*,⁵ tendo como consequência a formação de um espaço urbano desagregado, sobre o qual Lefebvre vai denunciar a

⁴ LAMAS, José Garcia (2000); *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p66

⁵ LEFEBVRE, Henri (1968); *O Direito à Cidade*, 2ªed, São Paulo, Centauro, 2001, pp 13-14

segregação urbana, a criação de cidades dormitório e a consequente hierarquização da cultura e da vivência urbana.

Esta, mais ou menos lesada, mantém-se nos centros urbanos, pois tal como Aldo Rossi refere, os elementos do edificado *são como uma trama primordial e eterna do viver, como que um esquema imutável*⁶ que persiste na memória e no espaço que, apesar de por vezes descaracterizado, mantém o seu valor simbólico e permite a sua constante apropriação para novos usos que a ele se conformam.

*Neste processo de estratificação muito pouco do primitivo pode sobreviver no fim, mas a cidade está lá no local onde foi edificada, e a sua forma actual é a última fase de muitos ajustes de maior ou menor importância, cada um dos quais tendo trabalhado com o que existia na altura, mesmo que fossem só fundações de edifícios. O que sobrevive encontra-se muitas vezes em fragmentos da estrutura espacial – uma avenida moderna que se sobrepõe a um caminho antigo ou a praça central que ao longo de muitos séculos pode ser tão significativa como a sobreposição de várias camadas de construções.*⁷

No final do séc. XX assiste-se a um pícaro imobiliário que expandiu insustentavelmente os limites metropolitanos. As instituições públicas ignoraram este fenómeno, delegando ao mercado o imobiliário a regulação do crescimento através das dinâmicas económicas da oferta e da procura. Segundo Loyer, quando não existem limites físicos para a cidade, é impossível manter uma estrutura e uma densidade sustentável, pois é irrealista esperar que os valores de mercado mantenham a ordem e a manutenção de uma matriz de expansão urbana íntegra e de qualidade.

Página seguinte

Fig. 2 _ Cosmopolitismo, dos Ingredientes básicos aos grandes valores urbanos

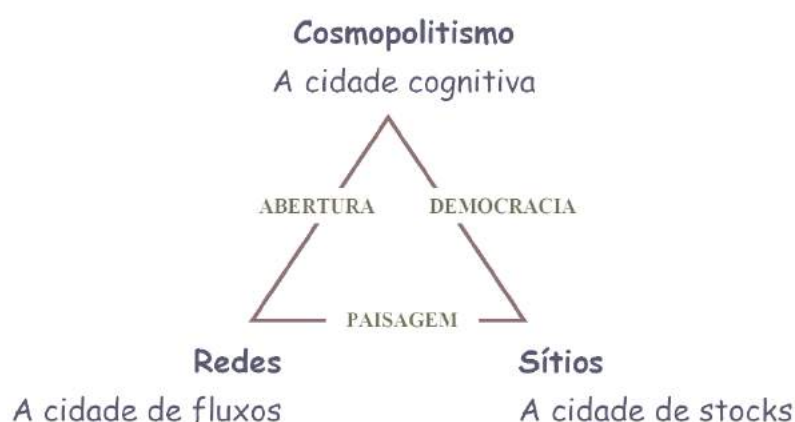
⁶ ROSSI, Aldo, (1977); *A Architectura da Cidade*; trad. J.C. Monteiro; Lisboa: Cosmos; p33

⁷ Angel Isac in LOURO, Margarida. *Memória da Cidade Destruída*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa, 1998. Tese de mestrado p68

Entretanto, bairros fantasmas continuam vazios e expectantes, à imagem dos imóveis históricos devolutos, que desocupados, devido à sua degradação e aos custos de manutenção elevadíssimos, vão deteriorando o centro histórico.

*A urbanística necessita também de um confinamento de campo geográfico que designe a posição e a relação entre formas e funcionalidades, que limite a cidade como corpo e não como somatório casuístico de fragmentos descontínuos; é precisamente o que falta o que falta a estas dinâmicas e funcionalidades difusas.*⁸

A consolidação dos vazios urbanos, particularmente na revitalização do centro, é não apenas a reaproximação aos valores da cidade canónica como pode ser o princípio da construção de uma cidade verdadeiramente sustentável, somente alcançável através de um uso moderado dos recursos, sejam eles o solo ou os combustíveis fósseis. Regenerar os tecidos históricos não só vem povoar e homogeneizar a cidade como diminui o peso às várias infraestruturas urbanas que se encontram já lotadas.



⁸ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro; Políticas Urbanas II - Transformações, regulações e projectos CEFA/FCG, 2011 p53

Regenerar o Urbano

A regeneração urbana supõe, não apenas a reabilitação do edificado, mas também a revitalização socio-económica do tecido urbano que a constitui. É deste modo, um processo vasto de conjugação de várias disciplinas da arquitectura e urbanismo até à economia e sociologia⁹.

A valorização do património cultural, no estudo da arquitectura e do urbanismo, fomenta um processo projectual assente na reabilitação da cidade construída, memória física da população que nela reside. Este assume-se não só pela requalificação do espaço público, das infraestruturas, dos equipamentos e do edificado, degradado pelo tempo ou por catástrofes, como também pela aplicação de estratégias de revitalização urbana, que fomentem a regeneração espontânea a cargo da iniciativa privada.

Contudo, os processos de reabilitação urbana trazem consigo, irremediavelmente, processos de gentrificação que podem forçar a deslocalização da população carenciada pré-existente, para outras áreas problemáticas ou suburbanas. Este processo é, em certo ponto, necessário para gerar uma diversidade cultural e socio-económica na colina, porém não deve ser conseguida, apenas, através da substituição da população, mas antes, pela sua co-existência.¹⁰ A fixação de uma população activa, deve ser acompanhada por sistemas de apoio à população residente mais carenciada, para assim, assegurar o funcionamento e optimização do sistema urbano e das redes de proximidade, e ao mesmo tempo atenuar os processos de gentrificação, que a inflação consequente da renovação urbana e da nova lei das rendas.

Deste modo, os processos de revitalização urbana revelam-se como chave no suporte da reabilitação urbana, permitindo o seu financiamento, salvaguardando as iniciativas já efectuadas e,

9 VALLE, Sandra. Cultura e Regeneração Urbana: Usos e Actividades Artísticas em zonas urbanas degradadas. Lisboa: IST|UTL, 2008. Tese de Mestrado

10 SALGUEIRO, Teresa in 3º Debate Temático sobre a colina de Santana AML

em primeira instância, atenuando o processo de degradação do próprio tecido histórico.

*Na intervenção perante a cidade destruída pela guerra, definem-se duas perspectivas diferenciadas. (...) A primeira, estabelece-se no sentido de repor o destruído anulando-o pela vontade de esquecimento do passado, ou como preservação de memórias, glorificando e eternizando os marcos da guerra pela manutenção do espólio da destruição. A segunda, assumindo o *damnatio memoriae*, construindo de novo, subjugando ao novo poder, ou ocupando, convertendo ao novo uso.*¹¹

O caso de Berlim destaca-se pela dramática destruição do seu centro urbano pela guerra e o seu consequente abandono ditado pela construção do Muro de Berlim. Na iniciativa que procedeu a reunificação alemã, a *Reconstrução Crítica*, houve uma tentativa de limitar a memória desse passado envergonhado e construir à imagem da cidade Prussiana, uma nova hierarquia urbana que se identificava com o novo regime alemão.

A experimentação urbanística de *Paris de Haussmann*, por seu lado, é o exemplo da hierarquização forçada do território. As intervenções no território e a uniformização urbana através do quarteirão Haussmanniano provocaram o êxodo gradual das populações operárias dos antigos bairros insalubres de San Michelle para os *banlieues*, obstante a tentativa de hierarquização vertical das edificações. Lefebvre vem denunciar este fenómeno de gentrificação, propositado, que ocorreria devido ao inflacionamento da área intramuros em relação ao território periférico que rodeava a ultima linha de fortificações amuralhadas do final do séc. XIX e posteriormente substituída pela Boulevard Periferique.

¹¹ Spiro Kostof in URO, Margarida

A melhoria dos acessos era uma necessidade básica, prioritária e estruturante do que viria a ser o plano de Haussmann, em conjunto com outra premissa: a criação de centros de bairro, suficientemente vivos e auto-suficientes para atrair e reter a população vizinha. O método tradicional para o conseguir consistia na edificação de uma igreja, o que garantiria semanalmente a prosperidade do comércio (favorecia a criação espontânea de um comércio de proximidade)¹²

O bairro aparece quando uma pequena parcela da cidade tem a capacidade de fornecer as condições básicas para a rotina da população, desde as necessidades educativas às comerciais a uma distância pedonal. A sobrevivência deste conceito reside na sua adequação a um sistema socioeconómico em constante mutação que deve prevalecer no território mesmo com a alteração do tecido social e económico.

O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar.¹³

A cidade deve ser um resultado dinâmico entre a hierarquia dos bairros que a constituem, suportando os fenómenos quotidianos e não apenas, a utilização dos seus lugares célebres como pontos de reunião metropolitanos excepcional, para diversão nocturna, lugares de festas ou manifestações contra o poder político. A amplificação do fenómeno suburbano aconteceria no séc. XIX após a Revolução Industrial, que iria fomentar uma expansão urbana realizada para eliminar os problemas de higienização do centro das cidades. *No entanto, em cidades tão unificadas como Paris, o sociólogo Chombart de Lauwe e seus colegas, mostraram que*

¹² LOYER, François (1987); Paris XIX^e Siècle -L'immeuble et la Rue, Paris: Fernand Hazan, p321 (tradução livre do autor)

¹³ LEFEBVRE, Henri (1968)- *O Direito à Cidade*, 2ªed, São Paulo, Centauro, 2001, p47

*a vida inteira de uma família da classe trabalhadora concentra-se em seu 'bairro'*¹⁴ ao contrário da maioria das cidades, em que assistimos a uma exagerada dependência destes restos remanescentes de urbanidade, o que juntamente com os fenómenos dos centros comerciais retiram a sustentabilidade deste sistema de proximidade, símbolo de verdadeira qualidade de vida. *A gestão urbana em Portugal, nos últimos 50 anos veio valorizar apenas, os grandes movimentos e as grandes funções urbanas, esquecendo a escala temporal e geográfica da vida quotidiana.*¹⁵

É deste modo, urgente aperfeiçoar a gestão urbanista através da construção de sistemas de governança que permitam a transição entre a escala metropolitana e a escala do bairro. Para além de facilitar o acesso aos pontos nevrálgicos da cidade, os elementos metropolitanos que permitem o funcionamento de um sistema urbano complexo constituído por um policentrismo pouco planificado, deve também ter como prioridade salvaguardar o sítio do quotidiano, o lugar de transição entre a cidade e casa, espaço enriquecedor de partilha entre a vida privada e a vida pública.



¹⁴MUMFORD, Lewis, (1961): *The City in History*; trad. N. Silva, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2ª Ed, p539

¹⁵ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro (2007); *Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades*; Lisboa: CEFA/FCG 2ª; p237

*A cidade, como qualquer organismo vivo, encontra-se em contínua modificação. Para falar de uma forma urbana, teria de a relacionar com um instante preciso.*¹⁶

A experiência formal dos espaços condiciona, naturalmente, o seu uso, adequando-se como matriz tanto à cidade como ao espaço da casa. Nesta, o conjunto de memórias e tradições implícitos no habitar condicionam a distribuição por espaços de diferentes proporções em função do uso a que se dispõem e assim, tal como na cidade, criam um conjunto de gradações de centralidade e intimidade que determinam a sua vivência.

Por outro lado, uma matriz homogénea não é condicionada pela sua organização formal, estando assim susceptível a factores de génese natural e/ou de memória colectiva. *Function Follows Form* - expressão que contraria a famosa expressão de Sullivan: *Form Follows Function* - ou seja, a própria função também se adapta à forma - ou a mesma função pode coexistir e processar-se em formas diferentes,¹⁷ dando assim lugar a uma ocupação regulada essencialmente pelo uso, que por si só hierarquiza o espaço de habitar, seja ele cidade ou apenas a casa.

O advento do *pós-modernismo* impulsionado pelo TEAM X, marcou uma viragem em relação aos modelos urbanos e formais do *modernismo*, destruindo o *status quo* existente. No início dos anos 80, Manuel Vicente defende que *a fachada não deve procurar significar o conteúdo da habitação para a rua, mas apenas cumprir a função social de entender esse espaço urbano em que se situa, para com ele fazer a cidade. A vida que se passa atrás da 'fachada', (...) destina-se a*

Página anterior

Fig. 3 _ Cosmopolitismo.
Sistema de Financiamento
e Sistema de Governança

¹⁶ LAMAS, José Garcia (2000); *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p111

¹⁷ BLAKE, Peter - *Form Follows Fiasco*. Boston - Toronto, 1975, citado por PORTOGHESE, Paolo in *Depois da Arquitectura Moderna* in LAMAS, José Garcia (2000); *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p50

*suportar um habitar não tanto em termos de conveniência, como sobretudo enquanto maneira de viver a que a arquitectura, quotidianamente, possa sugerir novas e insuspeitas alegrias.*¹⁸

*No entanto, não só a forma como também a dimensão das partes componentes e, naturalmente, a dimensão dos espaços entre as diversas partes determinam sua capacidade de acomodação (...) Como consequência, muitas vezes é melhor fazer uma coluna um pouco maior do que o estritamente necessário, se isto produzir uma superfície de ligação maior e, portanto com mais possibilidades de utilização*¹⁹, *podendo originar momentos singulares de estadia, pois um lugar para se sentar oferece uma oportunidade de apropriação temporária, ao mesmo tempo em que cria as circunstâncias para o contacto com outros.*²⁰

A dualidade entre espaços de uso condicionado ou de uso flexível e a relação entre o habitar do espaço privado e do espaço colectivo abre caminho à descoberta de uma arquitectura que construa espaços bem articulados, que conduzam à vivência e à fruição do lugar, ainda que se disponham à constante mutação a que as cidades estão sujeitas. A arquitectura não se pode abstrair das condicionantes e da memória do lugar no qual se propõe, particularmente, quando desafiada para processos de reabilitação e renovação urbana. As tipologias persistentes no tecido urbano sugerem a chave para resolução dos problemas quotidianos, pois revelam as transformações e adaptações para as necessidades vigentes.

¹⁸ AFONSO, João (2011); Manuel Vicente - Trama e Emoção; Lisboa: Edições Caleidoscópio

¹⁹ HERTZBERGER, Herman(1991); *Lessons for Students in Architecture*, trad Ina Rike, Roterdão: CIP p164

²⁰ HERTZBERGER, Herman(1991); *Lessons for Students in Architecture*, trad Ina Rike, Roterdão: CIP p177

*O pátio como modo de habitar, como sistema, pode definir-se como um tipo, um arquétipo sistemático e versátil, capaz de abranger uma grande quantidade de usos, formas, tamanhos, estilos e características diferentes.*²¹

A heterogeneidade formal dos espaços que denominamos pátio, demonstram o extravasar de um conceito baseado no rigor geométrico, que o define ao longo da história da arquitectura, e a sua co-existência. O Pátio é um espaço compositivo que articula realidades opostas, reunidas num momento comum e indefinido. A sua sistematização permite a sua caracterização em diferentes tipologias, como a reservada casa-pátio ou o colectivo pátio claustral, que se cruzam continuamente ao longo da evolução da arquitectura.

A modernidade iria trazer o domínio de outros arquétipos arquitectónicos, mais apropriados aos regulamentos de construção vigentes. Le Corbusier iria estudar, nos anos 20, a sistematização do pátio na arquitectura mediterrânica, com o objectivo de implementar uma nova tipologia.

*A casa-pátio iniciava uma nova e atractiva aventura: constituir uma colectividade vertical, levar o espaço do pátio até aos céus e às suas vistas infinitas*²²

O estudo de Corbusier sobre os pátios cartuxos iria influenciar a casa-pátio da arquitectura moderna, nomeadamente através do projecto da Immeuble-Villa. Esta propunha uma tipologia constituída por casas-pátio em altura, próprias de um planeamento urbano expansionista, assente na fruição da paisagem e na mobilidade, abstraindo-se do lugar onde se ergue. Contudo, os princípios socio-económicos, o homem novo, em que baseava o seu estudo não se iriam confirmar, deixando parte da arquitectura modernista expectante e impreparada para os novos desafios urbanos do séc. XXI.

²¹ CAPITEL, Antón (2005); *La Arquitectura del Patio*. Barcelona: Gustavo Gili, pag6. (tradução livre do autor)

²² Idem ibidem pag164. (tradução livre do autor)

*O lugar não é nenhum ponto de partida, mas é um ponto de chegada. Perceber o que é o lugar é já fazer o projecto.*²³

As dinâmicas que geram a cidade têm de ser reconhecidas, analisadas e reequacionadas nos parâmetros sociais do séc. XXI. No séc. XVIII, a reconstrução da Baixa Pombalina iria reafirmar a tendência polarizadora do centro da cidade de Lisboa, que se manteria até à 1ª metade do séc. XX. A sua recente descentralização, resultado do processo de "*policentrismo orgânico*" não planeado (...), uma *desconcentração múltipla das forças urbanas*,²⁴ iria agravar as consequências da degradação do edificado e das infra-estruturas e a sua paradoxal inflação cadastral. O incêndio do Chiado de 1984 poderia ter sido como ditava a prática da reconstrução pós-incêndio, como em Londres no séc. XVII, ou mesmo, na Roma do séc. I d.C., a oportunidade de praticar o exercício da *Tabula Rasa*, substituindo a malha débil arruinada por uma outra iluminada. No entanto, a vontade política iria sobrepor-se, permitindo o primeiro grande impulso na regeneração do centro de Lisboa.

²³ SIZA VIEIRA, Álvaro in entrevista

²⁴ SEIXAS, João in MASCARENHAS MATEUS, João (2005) ; *Baixa Pombalina: bases para uma intervenção de salvaguarda*; Lisboa: CML, pag69.

*Uma efectiva (e permanente) dinâmica de reabilitação urbana para a Baixa-Chiado, pressupõe um grande e directo empenho pelos seus valores de centralidade socio-económica e identitária. Tal motivação, podendo ser apelidada de cultural, (...) só crescerá mediante uma efetiva ocupação funcional dos múltiplos espaços existentes – incluindo a apropriação dos espaços públicos.*²⁵

A Lisboa Pombalina colocou-se na vanguarda do urbanismo, não só através da unidade compositiva, possível devido à destruição provocada pelo cataclisma de 1755 que permitiria a reconstrução da cidade à imagem do direito real e da razão iluminista, mas também por guardar a memória urbana da Lisboa medieval, através da preservação dos fluxos urbanos entre colinas e os espaços colectivos pré-existentes.

O papel histórico e social do centro de Lisboa está presente na memória não só daqueles que a habitam, como também na daqueles que a visitam ou que participam na identidade cultural portuguesa. O esforço despendido para reconstruir uma Lisboa alicerçada na cultura e na vanguarda comercial deve propagar-se ao restante tecido histórico, pois também a Colina de Santana tem de ser equacionada no seu conjunto e na cidade que a rodeia, assumindo-se como centralidade e geradora de novas valências para a metrópole que a envolve.

²⁵ SEIXAS, João in MASCARENHAS MATEUS, João (2005) ; Baixa Pombalina: bases para uma intervenção de salvaguarda; Lisboa: CML, p71

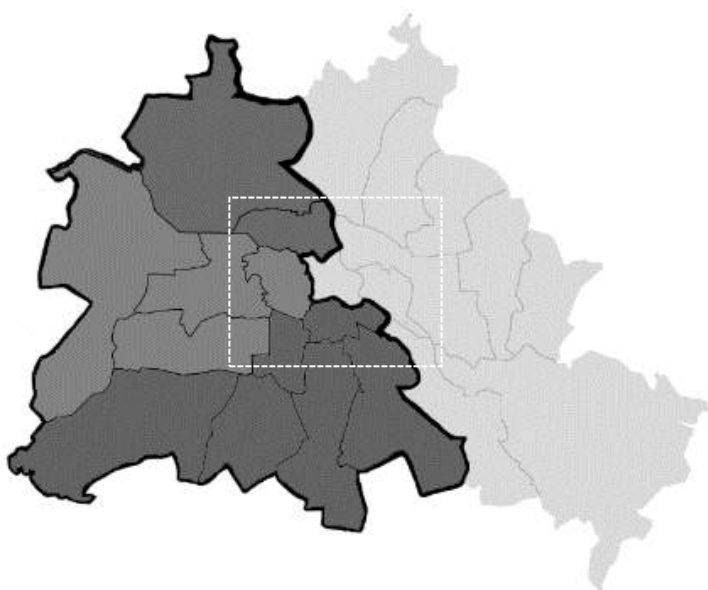
BERLIM

Ao propor a regeneração do *Centro* de Lisboa, procurámos analisar no contexto internacional, exemplos que partilhassem os objectivos anteriormente referidos e os seus frutos. Deste modo, o estudo da evolução urbanística de Berlim no último século, nomeadamente as decisões políticas e arquitectónicas que permitiram reinventar e repovoar o seu *Centro*, território da memória colectiva, revela-se duplamente oportuna para perceber os desafios e resultados da sua implementação 25 anos depois da Queda do *Muro* de Berlim.

Cidade Palimpsesto

Berlim é ainda hoje uma cidade bipolar. Os ecos da Guerra Fria e a sombra do *Muro* de Berlim são uma constante dificilmente ignorada nesta vasta metrópole do centro da Europa. A sua longa idade passa despercebida pela quase escassez de edifícios seculares, sinal de uma quase total renovação do tecido urbano, geralmente consequência de catástrofes de origem natural, ocorrendo neste caso pela acção humana: guerra, total e irracional. Percorrendo a cidade de Oeste para Leste verificamos a sua enorme extensão, a dispersão dos seus quase 4 milhões de habitantes e a diversidade de políticas de ocupação do território.

A metade Ocidental, um enclave capitalista no interior da *Cortina de Ferro*, procurou restaurar as grandes iniciativas urbanistas projectadas pelo colectivo da Bauhaus no período entre guerras, pois estas eram o símbolo remanescente da social-democracia vigente na República de Weimar, na qual a RFA se revia, defendendo a difusão dos princípios da cidade-jardim e a proliferação da Habitação Unifamiliar.



Em oposição, a metade Oriental ao tomar posse do centro histórico em ruína, procedeu à sua reconstrução e à edificação de monumentais avenidas como a Stalinallee, ampliando as zonas habitacionais para Este através da demolição das pré-existências e consequente construção dos Blocos de Habitação Socialista, conjuntos de pré-fabricados para habitação social.



Página anterior

Fig. 4 _ Berlim Ocidental. Mapa do enclave capitalista no território da RDA. O tracejado marca o centro histórico.



Fig. 5 _ "Panzerkreuzer". Bloco de habitação da autoria do arquitecto alemão *Hans Scharoun*, construído em 1929 durante a *Großsiedlung Siemensstadt*.

Fig. 6 _ Invasão dos Símbolos Ocidentais sobre a Berlim Oriental após a queda do Muro aqui retratada no filme de 2003: "Good Bye, Lenin!"



Fig. 7 _ Reconstituição histórica de Stalinallee depois da queda do Muro de Berlim no filme "Good Bye, Lenin!"

Paradoxalmente, o Centro que hoje podemos testemunhar, fruto da Reunificação do final da década de oitenta, é o lugar onde o espectro do *Muro* mais se dilui, ainda que alguns quilómetros do seu troço sejam, *de facto*, visíveis. A maior parte do seu percurso e impacto foram praticamente suprimidos, recusando deste modo, o imprescindível relevo que merece ter na memória urbana de Berlim. No entanto, a presença do *Muro* prevalece, quer seja subentendido no traçado das ruas, como pela existência de vários centros de interpretação como a Capela da Reconciliação ou a *East Side Gallery*, que conservam a *memória* colectiva de uma realidade que é perturbadora, mas que todavia é parte do lugar e permite expor uma realidade que continua a repetir-se pelo resto do mundo.

É assim reconhecível, *in situ*, um movimento unificador que se revela na ambiência urbana, nomeadamente no traçado e na escala das tipologias da urbanística prussiana, herança do regulamento de construção traçado em 1862 por James Hobrecht, que devido à grande dimensão das ruas e dos respectivos quarteirões iria fomentar a construção dos controversos *Mietskaserne*²⁶. Estas persistências conseguiriam sobreviver discretamente no território mesmo depois das campanhas de reconstrução do pós-guerra que enveredaram por uma estratégia de expansão urbana ignorando o antigo tecido habitacional, "*tornando Berlim uma cidade onde a periferia se situa no centro*"²⁷. No entanto, este processo viria a ser atenuado, primeiro na metade ocidental e, após a reunificação, em todo o centro, em resultado das iniciativas de reurbanização aplicadas nos bairros antes negligenciados, frequentemente coladas ao *Muro*. Assim, o objectivo de recuperar a cidade Prussiana destruída seria iniciado pelo programa da República Federal da Alemanha desenvolvido entre 1979 e 1987: o IBA - Internationale BauAusstellung.

²⁶ Consultar capítulo: Pátio em Berlim

²⁷ BAÍA, Pedro. coord. (2008). *Berlim Reconstrução Crítica*. Porto: Circo de Ideias, 2008. ISBN:978-989-95995-0-5 p10

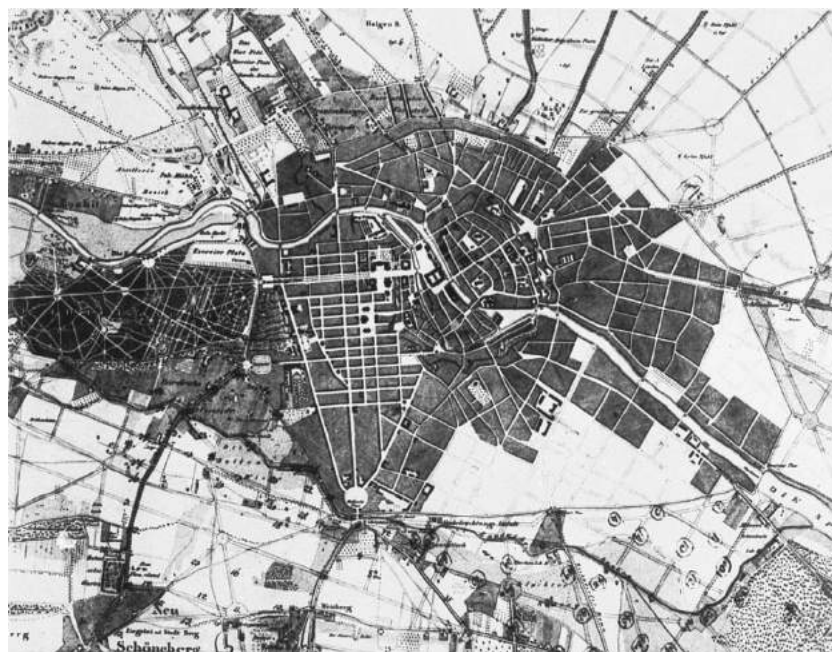


Fig. 8 _ Berlim. Registo cartográfico da expansão da cidade Prussiana em 1836.

Fig. 9 _ Fotografia aérea do início do séc. XX onde se observam os quarteirões tradicionais de Berlim divididos em células denominadas: *Mietskaserne*.



Fig. 10 _ 1990. *Est Side Gallery*. Pintura Mural no troço do Muro de Berlim preservado.



IBA 87

A Exposição Internacional de Arquitectura de Berlim de 1987 foi o derradeiro desafio à rival República Democrática Alemã e ao *Muro* opressor que durante 3 décadas dilacerou o tecido urbano e os laços de toda uma comunidade.

Este foi concebido para afirmar “*O centro da cidade como área residencial*”²⁸, contrastando com os planos que o antecederam, como a Interbau de 1953 que propunha uma nova cidade sobre as ruínas do bairro de Hansa, assente nos princípios funcionalistas da Carta de Atenas produzida pelo CIAM. O IBA, por seu lado, iria propor a regeneração do tecido urbano situado à ilharga do *Muro*, através da construção pontual em locais chave que reinterpretassem a estrutura do urbanismo tradicional, de modo a contagiar o tecido urbano envolvente. São assim convidados arquitectos relevantes no panorama internacional, com provas dadas no campo da habitação e da reabilitação urbana, para debater e reconstruir o carácter do território, através da introdução de equipamentos indispensáveis à habitação e pela construção de arquitectura de autor que colmatasse e reinventasse os *tecidos interrompidos ou fragmentos desaparecidos da cidade*.²⁹

Deste modo, o IBA pretendia inverter a tendência expansionista das áreas limítrofes de habitação de génese pendular e a desertificação do antigo centro, assolado pela degradação do edificado consequente da presença hostil do Muro, onde se iriam, por esse motivo, acomodar as camadas mais desfavorecidas da comunidade, nomeadamente, a sua população idosa e os imigrantes. Assim, delinearam-se duas estratégias complementares para operar nos diferentes tipos de território, de maneira a responder com maior eficácia às diferentes realidades e complexidades: Altbau e a Neubau.

Página seguinte

Fig. 11 _ Revitalização do um Quarteirão em Kreuzberg, Álvaro Siza. Edificado reabilitado a cinzento. Construção a preto.

²⁸ LAMAS, José (2000). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995. P.443

²⁹ Idem Ibidem

Altbau

O plano *Behutsame Stadterneuer* - Reabilitação Urbana Sensível – ou *Altbau*, teve a coordenação de Hardt-Walther Hämer, ficando a cargo da regeneração dos bairros degradados da zona oriental de Kreuzberg, que tinham o seu tecido urbano rasgado pelo *Muro*, interrompendo a sua ligação primitiva ao rio, condenando-os a uma decadência crescente que os transformariam, a curto prazo, num gueto de pobreza e exclusão social.

O Altbau iria apostar, *grosso modo*, num programa estratégico de reabilitação urbana, através do restauro do edificado mais deteriorado e a construção pontual de infraestruturas ou equipamentos com o intuito de suprimir as carências da população e promover a reactivação de pontos estratégicos. Estes, à sombra do muro, simbolizariam a qualidade de vida ocidental em oposição ao urbanismo socialista.



Neubau

Por seu lado a Neubau ou Kritische Rekonstruktion – Reconstrução Crítica – iria dividir-se pelos terrenos vagos na área influência do *Muro* e que se mantinham expectantes desde a sua edificação. Neste território, Josef Paul Kleihues, que acumulava a direção do Neubau com a coordenação de todo o IBA 87, propunha a reinvenção da célula urbana tradicional de Berlim: a Mietkasernen oitocentista. A Mietkasernen revelava-se totalmente adequada em relação ao traçado quadriculado e às suas excepções, que devido à sua fácil mutabilidade e repetição permite o *regresso aos grandes quarteirões de usos mistos, restabelecendo o enredo da malha urbana pela justaposição dessas complexidades*.³⁰. Assim, várias unidades de execução são desenhadas por diferentes arquitectos mas respeitando os pressupostos da cidade Prussiana: o traçado, a permeabilidade e o programa, que Josef Kleihues pretendia que fossem reinterpretados pelos métodos de construção e pela linguagem arquitectónica contemporânea, de modo a reconciliar a memória do lugar e o território, encerrando em si mesmo, as necessidades da nova sociedade Berlinense. O sucesso desta iniciativa seria mais tímido que a conseguida pela Altbau, no entanto, a Neubau seria o ponto de partida da transformação da cidade de Berlim que se iria afirmar como montra da Arquitectura Pós-Moderna do final do séc. XX.

³⁰ LOURO, Margarida (1998). *Fragmentos de cidade: a reinvenção de Berlim*. Lisboa: 2006, ARTiTEXTOS 03 Arq, Urb,Design e Moda, CEFA UTL, pp.73-85.

Reconstrução Crítica

A estratégia e a estrutura do IBA Neubau iria prevalecer após a Reunificação Alemã, o que iria criar grande controvérsia em relação ao *modos operandi* da *Reconstrução Crítica*. Esta, aplicada num contexto de harmonização de desigualdades entre o Este e o Oeste, foi por vezes considerada como a imposição de uma narrativa vencedora da metade ocidental sobre a metade oriental. Deste modo, para além de ser responsável pelo repovoamento do centro urbano, tinha também uma enorme responsabilidade política, ideológica e simbólica: a afirmação da Nova Berlim, capital da Alemanha Reunificada, como Metrópole Cultural e Cosmopolita do 3º Reich.



Fig. 12 _ Fotografia tirada no início do séc. XX à esquina de um quarteirão tradicional na Friedrichstraße.



Fig. 13 _ Fotografia da esquina do *Quartier Schützenstrasse*, Aldo Rossi 1995

No entanto, a Reconstrução Crítica não conseguiu ter a mesma aceitação que as iniciativas da década de 80, talvez devido aos excessos de um conceito fechado que defendendo um padrão intransigente do que deveria ser a memória e o modelo para Berlim, suprimiu a heterogeneidade própria de uma cidade Europeia que se torna ímpar precisamente pela sua diversidade. O facto de se ter ignorado tanto os valores modernistas proporcionados pela Bauhaus, que tão coerentemente tinham solucionado os problemas de habitação entre guerras com os Siedlungs, como a herança da habitação Socialista do pós-guerra, que iria alimentar uma crítica permanente, pelo apagamento de uma memória da cidade real em prol de uma tradição fabricada, inconsequente e propícia a diluir-se entre os ecletismos que marcavam o Pós-Modernismo.

Hoje, 25 anos passados sobre a queda do *Muro* de Berlim, a cidade procura resoluções para o território que ainda espera ser reclamado pela população. Apesar da crítica generalizada ao plano concretizado, os seus resultados são muito visíveis para a população, existindo uma excelente articulação entre os instrumentos de gestão e de planeamento, apresentando uma qualidade do espaço público e o controlo sobre as políticas de arrendamento que possibilitam um fácil acesso à habitação, difícil de encontrar numa congénere Europeia. O grande investimento realizado pelo governo federal alemão, na reconstrução da cidade é omnipresente, transparecendo na articulação dos seus bairros, que apesar de heterogéneos, resultam dos mesmos instrumentos estratégicos.

Ao viver Berlim deparamo-nos com uma cidade que ainda cicatriza feridas antigas, numa recuperação que se constrói através de uma comunidade vibrante e empreendedora, onde a cultura em toda a sua multiplicidade é omnipresente nos seus diferentes bairros e enfatizada por uma urbanidade contagiante.

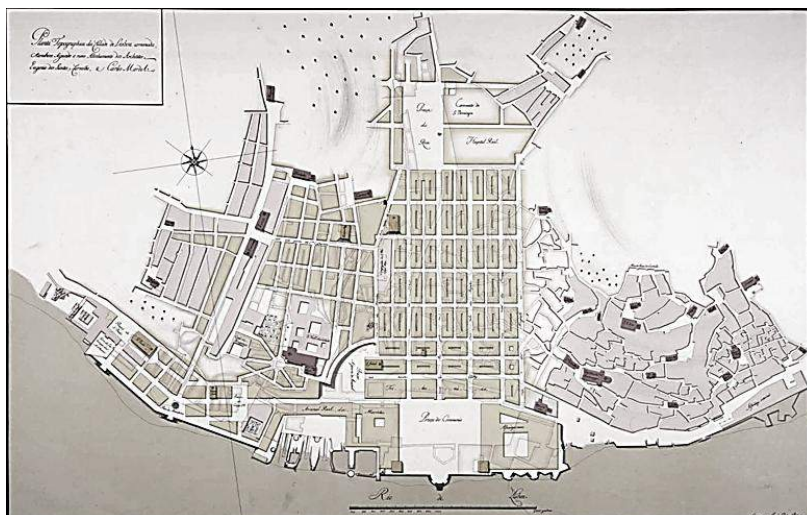
LISBOA

Sete colinas erguidas sobre o pranto de um povo, lioz para cima pinho para baixo, Lisboa, cidade Imperial, palimpsesto rescrito ao longo de milénios que ecoa nas suas estratificações profundas. O seu brilho excepcional ilumina uma diversidade cultural e arquitectónica ímpar, moldada pela influência islâmica na cultura cristã que, dissimulando a sua raiz fenícia e a sua estrutura romana, desenhou um carácter singular e heterogéneo quebrado apenas na excepcional ortogonalidade Pombalina, símbolo de um regime iluminado e soberano que inscreveu o seu legado na imagem da capital lusitana.

Baixa Pombalina

A regularidade do traçado Pombalino tem a sua origem no nefasto acontecimento que calou os sinos no dia de Todos-os-Santos de 1755: o terramoto de Lisboa, uma tragédia com impacto mundial que seria, no entanto, a oportunidade ideal para repensar a estrutura urbanística da capital portuguesa.

A reconstrução da zona baixa da cidade, completamente arruinada pelo terramoto, iria ser coordenada por Manuel da Maia que propôs cinco estratégias diferentes de intervenção, que passavam quer pela reconstrução da cidade antiga, quer pela construção de uma nova cidade planeada de raiz na outra margem da ribeira de Alcântara. O plano final seria da responsabilidade de Eugénio dos Santos que, em colaboração com Carlos Mardel, rasga a estratégia da tabula rasa à luz dos fluxos que outrora preenchiam a planta medieval lisboeta, o que conciliado com um traçado em quadrícula elevou a Baixa Pombalina a modelo do Urbanismo Barroco, adoptado nas capitais europeias ao longo do século XIX.

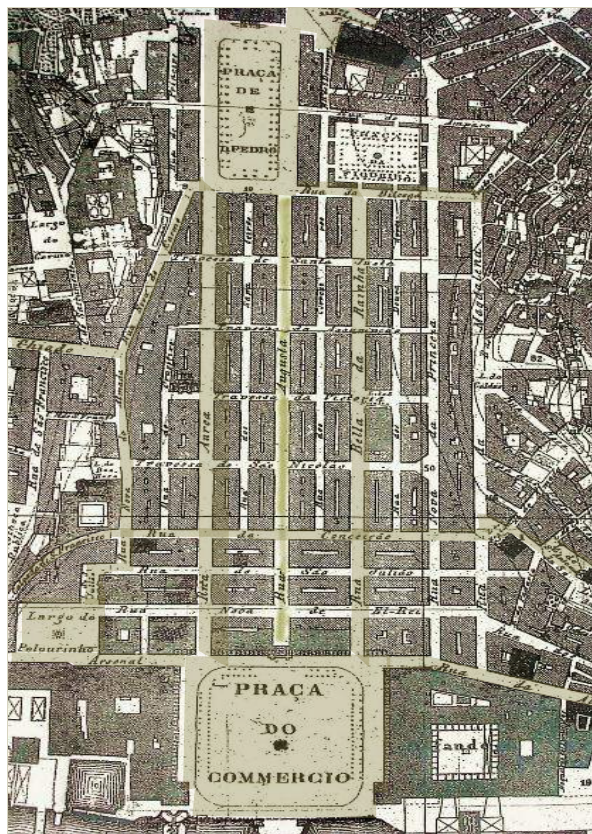


O seu sucesso deve-se, em parte, à qualidade da construção anti-sísmica, vanguardista na Europa, e à celeridade na edificação dos novos quarteirões, possibilitada pela utilização de peças pré-fabricadas produzidas fora de Lisboa. No entanto, a sua fácil adopção por parte da população é esclarecida pela defesa da memória urbana da Baixa, através da persistência dos itinerários ancestrais que seriam incorporados no novo traçado, como a Rua do Ouro que se sobrepõe à antiga Rua dos Douradores ou a Rua da Prata que geometriza a antiga Rua dos Ourives da Prata.

Página anterior

Fig. 14 _ Planta da Baixa Pombalina sobreposta à planta anterior ao Terramoto de 1755.

Fig. 15 _ Planta da Baixa Pombalina depois da reconstrução. Persistências a amarelo. Templos a negro.



Desse modo, e tal como antes do terramoto, a Baixa não teria dificuldade em atrair multidões, pois o novo traçado também absorveria os templos pré-existentes nos seus quarteirões alongados e conservaria o sistema distributivo dos fluxos urbanos entre o Rossio, praça comunitária outrora mercado extramuros e hipódromo romano, e o Terreiro do Paço, agora Praça do Comércio – porta maior de Lisboa para o Atlântico e o centro político e económico português *de jure*.

A autoridade e a faceta política do Marquês de Pombal iria revelar-se na reconstrução da Baixa desde o planeamento, à sua execução e gestão. A nomeação do Pombalino em sua referência atesta a astúcia por ele demonstrada na criação da Casa do Risco e nos recursos despendidos para revitalizar o principal centro urbano do império, o que consequentemente contaminaria a restante regeneração do tecido urbano de Lisboa à sua imagem. O expoente máximo deste estilo surgiria através de um excepcional *pombalino nobre*³¹, edificado no antigo Terreiro do Paço, de arcadas no piso térreo, desenhadas para receber os principais entrepostos comerciais, entretanto ocupados pelos ministérios, rematados por dois alvos torreões reminiscência do baluarte do paço da ribeira que emolduram o rio Tejo limite Sul da Praça do Comércio.

A fundação da cidade de Vila Real de Santo António, em 1877, iria seguir o modelo utilizado na Baixa, marcando assim uma nova tendência no urbanismo português antes caracterizado por uma heterogeneidade e irregularidade estruturantes. Deste modo, a eleição de um modelo de génese impositiva, regulamentador do programa, da cércea das fachadas, do número de pisos e do desenho dos alçados, pretendia salvaguardar o *bem público* através de uma harmonia urbana que irradiasse a autoridade e a glória do regime.

Página seguinte

Fig. 16 _ Fotografia da Praça do Comércio tirada a partir do rio Tejo, que desenha o seu limite Sul

³¹ LAMAS, José (2001-2003); DIAS COELHO, Carlos (2003-2007); *A Praça em Portugal – Inventário de Espaço Público*. DGOT/DU: Lisboa, 2007 p.443

O plano final de Eugénio dos Santos impunha o limite de *cércea de 4 pisos mais águas furtadas*. No entanto, *ainda antes do final do século, os seus quarteirões apresentarão com frequência cinco pisos*³². O prédio de rendimento *tipo* era habitualmente explorado pelo proprietário, residente no 1º andar, o Piso Nobre, arrendando os pisos superiores e as lojas do piso inferior. A transição entre o público e o privado organiza-se através de caixas de escadas em estrutura de madeira, com distribuição esquerdo direito, que ao ancorar no rés-do-chão passam a alvenaria, albergando o comércio de vão de escada de muito menor dimensão que as restantes lojas que ocupam o restante piso térreo. Contudo, processo de terciarização do centro histórico, juntamente com a deterioração



³² BARREIROS, Maria. (2004) "Casas em cima de casas" – apontamentos sobre o espaço doméstico da baixa Pombalina, in Monumentos nº21, Lisboa: Setembro, 2004 p3

A linguagem formal do traçado e das fachadas soube, contudo, adaptar-se fora do seu estilo e espaço primitivo, propagando-se organicamente pelas colinas adjacentes contendo inúmeras variantes. A presença da topografia moldou o plano para melhor abraçar o relevo, criando excepções à regra, flexibilizando a forma e o número de pisos, utilizando meias-caves e sobrelojas, pátios interiores e saguões quadrados que contrastam com o saguão longitudinal da Baixa. O desenho do alçado Pombalino possui uma hierarquia crescente, que parte da austeridade de tradição chã que se ergue nas ruas secundárias até ao vão nobre de influência francesa nas ruas principais, indo perdendo gradualmente essa rigidez durante a expansão do plano para Norte, em direcção à Praça do Rossio.

O peso do Pombalino viria a extravasar os limites da Baixa e da própria cidade de Lisboa, multiplicando-se pelo império. O seu legado construtivo iria evoluir paradoxalmente, da imposição de normativas e de uma linguagem comum para uma capacidade inata de absorver na sua génese diferentes estilos e escalas, que juntamente com a sua eficiente produção e montagem, proporcionou a sua omnipresença na arquitectura portuguesa até à contemporaneidade.

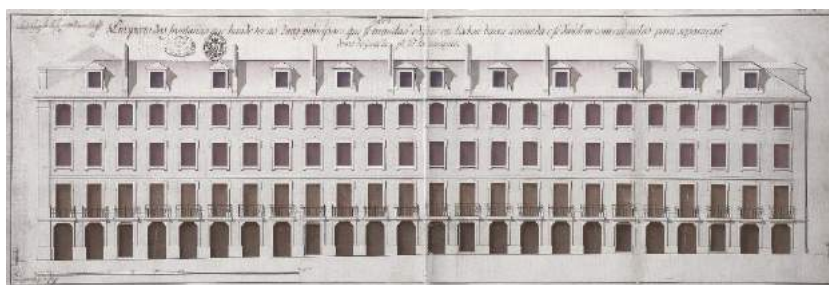


Fig. 17
Alçado Pombalino.
Uso actual.

Águas-Furtadas e
Mezzanino _ Habitação
Plano Nobre _ Serviços
Piso Térreo _ Comércio

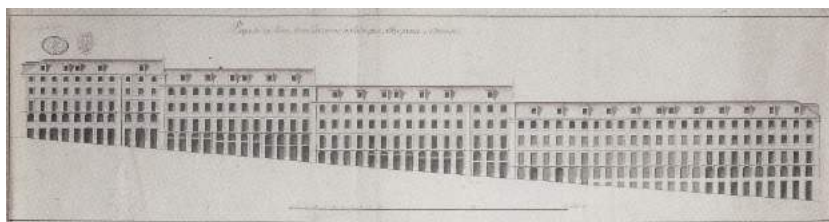


Fig. 18
A adaptação da métrica
Pombalina à topografia
destacada neste alçado
da Rua do Carmo, 1758.

Reconstrução do Chiado

*"A malha urbana do Chiado reflete, até à data do incêndio de 1988, a ocupação seguindo a filosofia do plano pombalino adaptado à topografia, forte marco na caracterização deste lugar, ponto de transição entre a zona baixa da cidade e a colina do Bairro Alto."*³³

O Chiado, continuidade em relevo da Baixa Pombalina, iria consolidar-se como centro cultural e económico no final do séc. XIX, mantendo-se como principal centro de comércio até à instauração da democracia, na qual, devido ao aumento do poder de compra da maioria da população, iria provocar a multiplicação de centros de comércio na periferia da cidade. Contudo, a expansão do perímetro metropolitano e a consequente dispersão das funções urbanas centrais, juntamente com deturpação dos edifícios históricos e a sua deterioração, conduziram o Chiado a uma inevitável decadência, que culminou numa trágica manhã de Agosto de 1988: o Grande Incêndio do Chiado. O seu impacto teve enorme repercussão na própria sociedade portuguesa, pois o desastre não se limitou apenas à destruição material e patrimonial da cidade, mas foi também um duro golpe na memória urbana da cidade de Lisboa, sentido, não só pelos lisboetas, como provavelmente por todos aqueles que na lusofonia tinham viajado através da obra de Eça de Queirós ou de Fernando Pessoa. O Chiado, mais do que a função de centro social e comercial, era um símbolo de uma maneira de viver.

Após o incêndio, emerge na opinião pública a vontade de reconstruir o Chiado à margem da génese do plano da Baixa Pombalina, argumentando que era a oportunidade de recuperar a dignidade desta parte da cidade através de um concurso que fizesse emergir a melhor solução urbana que a arquitectura pós-moderna pudesse criar. No entanto, desde o

³³ LOURO, Margarida. *Memória da Cidade Destruída*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa, 1998. Tese de mestrado p68

início a Câmara Municipal de Lisboa pôs de parte a ideia de um concurso público e da substituição da face pombalina da colina. Assim, logo após a avaliação do desastre, a Câmara Municipal de Lisboa iria nomear para a coordenação do “Plano de Pormenor para a Recuperação da Zona Sinistrada do Chiado” o arquitecto Álvaro Siza, que aceitou em concordância com os objectivos delineados: *revitalização funcional, conservação da imagem urbana do Chiado e o reforço da componente habitacional*.³⁴ A sobrevivência da maior parte das fachadas em cantaria, em contraste com a devastação do interior do edificado, possibilitava a manutenção da imagem pombalina do Chiado.

Contudo, a decisão de preservar os alçados não residia apenas na viabilidade estrutural das respectivas fachadas, “a questão principal prendia-se com a redefinição do espaço urbano, como resultado de um equilíbrio entre o público e o privado, onde o sucesso do projecto não assentava numa mera revisão dos termos: conservação e inovação das fachadas. Era necessário repensar as relações com a zona envolvente, restabelecer ligações, reintegrar novos usos, assim como melhorar a construção dando resposta à acessibilidade e à preocupação urbana nomeadamente nos interiores dos quarteirões.”³⁵



Fig. 19 _ Quarteirões danificados durante o Incêndio do Chiado.

³⁴ Álvaro Siza (2012) in exposição Chiado em Detalhe Lisboa, Agosto 2012

³⁵ Álvaro Siza in LOURO, Margarida. *Memória da Cidade Destruída*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa, 1998. Tese de mestrado p71

O plano pretendia não só reconstruir os quarteirões destruídos pelo incêndio, como também dinamizar todo o tecido urbano envolvente, de modo a recuperar a vocação cultural, comercial e habitacional do Chiado, consolidando-o como espaço emblemático de transição entre a Baixa e o Bairro Alto. O desenho urbano procurou conciliar a introdução de equipamentos com os espaços comerciais e residenciais, adaptando o seu programa à escala e a volumetria pombalina.

*Plano de recuperação do Chiado foi também projecto e operação urbana. Não se tratou "de ter uma ideia para o Chiado", mas sim a gestão dos muitos interesses envolvidos e a montagem de uma operação*³⁶

As rendas tradicionalmente elevadas desta área da cidade impunham um grande cuidado na gestão de um cadastro pouco flexível, tendo o plano de ser aceite e negociado entre a câmara e os proprietários. Optou-se assim pela produção de um manual de boas práticas, desenhado a partir de levantamentos no terreno, com o objectivo de formalizar as fachadas dos lotes que iriam ser intervencionados por outros arquitectos. Assim, era salvaguardada no plano de pormenor uma ideia de conjunto para a face urbana da intervenção, libertando os arquitectos para o desenho interior do lote já condicionado pela sua fachada exterior. Siza Vieira ao compreender a impossibilidade do retorno ao Chiado desaparecido, impediu o despontar de soluções saudosistas ou do *pastiche*, optando-se, quando na impossibilidade de compatibilização de programa ou de reutilização da fachada original, pela reinterpretação do alçado pombalino. Os novos espaços e elementos não teriam aceitação imediata, contudo, duas décadas depois da materialização do projecto, podemos admirar o diálogo entre o velho e o novo, perfeitamente integrados, e aceitando citamos o autor quando este diz que *o tempo é um grande arquitecto*³⁷

³⁶ Álvaro Siza (2012) in exposição Chiado em Detalhe

³⁷ Idem Ibidem

*Um projecto de recuperação é sempre um projecto seco, inacabado. (...) Deve ser um projecto aberto a que, no tempo, com naturalidade e em contextos muito diferentes, vontades, desejos, haja espaço a essa espécie de vida das estruturas.*³⁸

O longo processo de regeneração do Chiado inaugurou uma política activa de revitalização funcional do centro histórico e o seu reforço habitacional. O Plano de Pormenor teria sucesso ao restaurar a sua vivência quotidiana, bem como também ao nível metropolitano, por reservar para a câmara municipal o poder de definir o programa e o uso do solo. A articulação do edificado com a nova estação de metropolitano da Baixa-Chiado iria reforçar o papel da Rua Garrett como charneira de mobilidade, não só entre a zona ocidental e a parte baixa da cidade, como também entre o centro e a área metropolitana. Contudo, o sucesso do programa é indissociável da decisão política de assumir a preservação da imagem Pombalina, confiando num dos melhores arquitectos do séc. XX, que iria comprovar, a sua competência e delicadeza para lidar com o fenómeno urbano, *encontrando o lugar* e exponenciando-o.

O transeunte que cruza o Chiado não identifica, no edificado, qualquer marca da devastação provocada pelo incêndio do Chiado. Para Siza Vieira, a missão do arquitecto consistia, precisamente, em apagar os sinais do desastre, porque a regeneração de um tecido urbano tão complexo e marcante, só seria possível através do restauro e da reabilitação do edificado à luz da matriz pombalina pré-existente³⁹. Passados 25 anos do incêndio observamos que o processo ainda não foi concluído, mas no entanto, o contágio que impingiu na sua envolvência, também ele gradual, com a reabilitação do Quarteirão Império, o regresso do comércio à Baixa e posterior alargamento à avenida da Liberdade, o retorno do Bairro Alto como espaço Boémio de excelência e agora se estende pela Rua do Alecrim até ao Cais do Sodré.

³⁸ Álvaro Siza (2012) in exposição Chiado em Detalhe

³⁹ SIZA VIEIRA, Álvaro in entrevista Visão

Revisão do PDM

A revisão do Plano Director Municipal de Lisboa, que entrou em vigor em Agosto de 2013, está profundamente ligado à realidade socio-económica que nos rodeia. A persistente crise económica que tem afectado a sociedade portuguesa prejudicou gravemente o sector financeiro e o mercado imobiliário. A quebra do crescimento exponencial da indústria da construção civil, devido não só à falta de procura, como também à falta de crédito, iria finalmente quebrar o ciclo de expansão suburbana da cidade de Lisboa. Neste contexto, em que a queda do crescimento demográfico e a emigração fazem contrair a procura, surge a oportunidade de questionar as políticas urbanas dos últimos quarenta anos e os Planos Directores Municipais de primeira geração que, desenhados para uma realidade oposta, não estavam preparados para defender ou estimular o mercado. Era assim urgente produzir um novo PDM, que fornecesse à Câmara Municipal de Lisboa os instrumentos estratégicos e uma política urbana flexível que promovesse não só o retorno da população ao centro da cidade, como também a aposta no sector do turismo como agente impulsionador de transformação urbana. Deste modo, surge a necessidade de pensar numa estratégia a longo prazo para a reabilitação do centro consolidado e a reorganização das redes de equipamentos e serviços.

Assim, em 2011, é delineada a Estratégia de Reabilitação Urbana pela Câmara Municipal de Lisboa com o propósito de fixar até 2024 a trajectória de intervenção urbana municipal. O documento reforça a prática da Gestão Urbanística e do reordenamento das unidades territoriais para melhor responder aos desafios urbanos. Esta política conduziu à criação do programa BIP-ZIP, no ano de 2011, para resolver intervenções prioritárias de pequena escala. Deste modo, a nova estratégia de reabilitação, assenta na necessidade de re-habitar o centro, reforçar a coesão social e a identidade lisboeta, construir uma melhor realidade no desenvolvimento

da cidade, aumentar a sua competitividade, dinamizar a economia, criar mais empregos e valorizar as infraestruturas públicas e o edificado existente. A recolha de dados durante a produção da Estratégia de Reabilitação Urbana 2011-2024, indicavam, inclusive, que quase 15% dos imóveis e alojamentos do concelho se encontravam em mau estado de conservação, colocando em risco a segurança pública e alertava para a necessidade de colocar o foco municipal na reabilitação urbana. Começavam, então, os trabalhos para o novo PDM que incorporaria os novos instrumentos operativos presentes no Decreto-Lei nº 32/2009 que tinham como objectivo flexibilizar os programas de reabilitação, canalizar benefícios fiscais e os fundos europeus, para contrariar a contracção da indústria da construção civil, apostando na reabilitação e consolidação do edificado e impulsionando a economia e o emprego. Deste modo, a CML pretendia cooperar e mobilizar o investimento privado, criando um efeito de contágio que revele a rentabilidade do processo de reabilitação em contraponto com prática comum de demolição e construção nova.

A manutenção da memória da cidade e o restauro do património foi também um dos objectivos centrais da carta estratégica e do novo PDM, que aposta na mobilização de meios de financiamento, no desenho de Planos de Pormenor de Reabilitação e Salvaguarda, na expansão da Área de Reabilitação Urbana de Reabilitação Simples a 92% dos edifícios da cidade e posterior implementação de ARU's de Reabilitação Sistemática após a identificação dos territórios mais carenciados.

Em 2012, o executivo liderado por António Costa apresentou a revisão do PDM de Lisboa, defensor de um urbanismo de contenção e dotado de novas ferramentas que permitem uma orientação estratégica de reabilitação continuada do edificado, incorporando as alterações ao decreto-lei de 2009 relativo à Lei nº32/2012. A sua aplicação, dado a dificuldade de aplicação dos instrumentos de coerção, dá prioridade à via da cooperação, possibilitando o arcar de encargos relativos aos proprietários, em troca do respectivo controlo das rendas, bem como pelo lançamento de programas de confiança, permitindo o pagamento posterior do valor dos edifícios camarários à venda para reabilitação de investidores privados.

Fig. 20 _ Carta Urbana do Município de Lisboa. Área de Reabilitação Urbana a cinzento claro. Zona de Qualificação da Frente Ribeirinha a negro.



BIP-ZIP

O Programa dos Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária, denominado BIP ZIP, planeado pela CML em 2010 e aprovado em 2011 pela Assembleia Municipal de Lisboa, é uma iniciativa inovadora de combate à inflexibilidade normativa dos processos de revitalização urbana, procurando reforçar a coesão territorial e socioeconómica. Os processos de candidatura procuram alargar a participação da população e promover a cidadania, delegando aos munícipes o dever de denunciar as carências quotidianas do seu bairro e propor estratégias de revitalização. A dispersão de verbas municipais, que no programa de 2013 já ascendiam a 1,5 milhão de euros, tenta recuperar a autonomia tradicional dos bairros lisboetas e distribuir harmoniosamente os recursos disponíveis, que de outra maneira iriam sobrecarregar o Pelouro da Habitação e Desenvolvimento Local. Deste modo, a autoridade camarária remete-se a um papel de regulação e mecenato, avaliando o processo e os resultados das iniciativas. Os resultados dos programas de 2011 e 2012 e o crescimento das candidaturas em 2013 para o apoio e financiamento de novas iniciativas, prospeçam o crescimento do programa, principalmente nos bairros com carências específicas, como a falta de equipamentos sociais e infraestruturas. No entanto, a concentração de iniciativas nos bairros tradicionais é notória, destacando-se entre os territórios com maiores fragilidades pelo facto de se situarem em bairros com mais redes de proximidade e onde já se estabeleceram diversas associações de residentes, solidariedade ou cooperação. Esta realidade contraria a ideia de metrópole constituída apenas por uma *sociedade de indivíduos isolados, inseridos numa diversidade de redes sem laços entre si*⁴⁰, pois ela persiste nestes bairros-aldeia remanescentes dos princípios de habitação social do estado novo e também nos meios mais desfavorecidos.

⁴⁰ BOURDIN, Alain (2009); *O Urbanismo Depois da Crise* trad. Margarida Lôbo; Livros Horizonte: Lisboa, 2011. p84

Contudo, o efeito destas acções corre o risco de se diluir pois apesar de se apresentarem como um conjunto de iniciativas positivistas e equiparáveis, podem permanecer desarticuladas e sobrepostas entre si, caso não sejam integradas num programa estratégico de reabilitação urbana de escala metropolitana. Assim, é sensato refletir se a iniciativa conseguirá promover a evolução das redes de proximidade, para uma benéfica consolidação da coesão social da sociedade, ou apenas aumentará o fosso entre a realidade cooperante dos bairros tradicionais e a indiferença rotineira dos bairros de natureza cosmopolita.

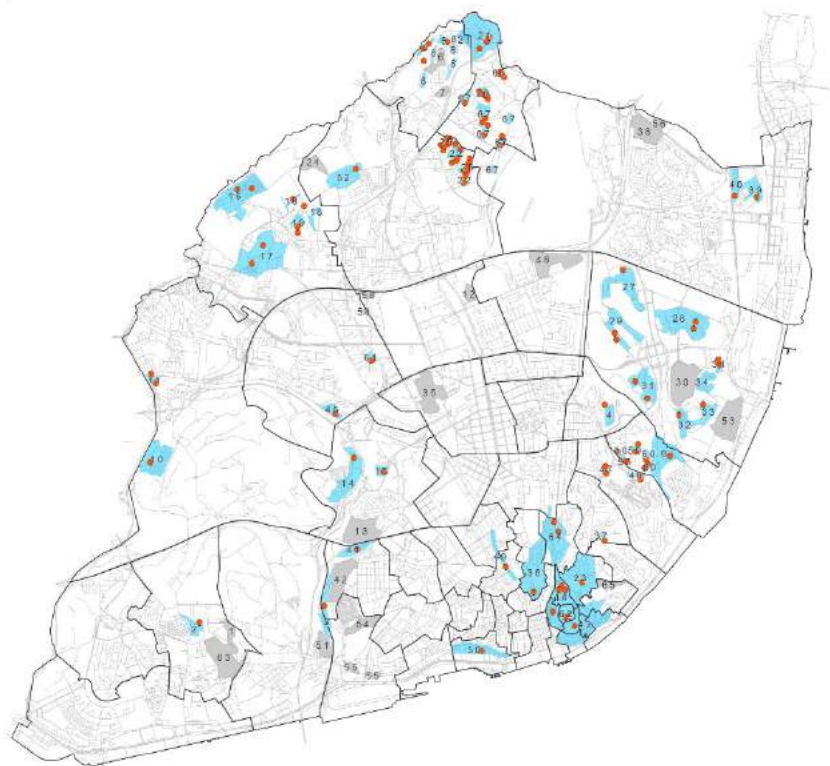


Fig. 21 _ Distribuição geográfica dos projectos vencedores do BIP-ZIP no ano 2011.

REGENERAR A COLINA DE SANTANA

Tal como grande parte do tecido urbano de Lisboa, a Colina de Santana carece da aplicação de um programa de reabilitação urbano extenso e integrado, na qual a reabilitação do edificado é somente um dos pilares necessários. A suburbanização do centro histórico iria criar uma ocupação monofuncional do território, que na colina é indissociável do funcionamento dos hospitais e das restantes grandes estruturas fundiárias que a estruturam. O futuro destas unidades territoriais são, assim, fundamentais para traçar uma estratégia de reabilitação do próprio território metropolitano.

Enquadramento

No processo em curso, relativo ao território hospitalar, existem propostas de loteamento para unidades cadastrais, que apesar de apresentarem uma qualidade arquitectónica considerável, são na sua génese desajustadas à realidade daquele património ímpar, único no contexto português, que não pode ser qualificado apenas com base em lugares comuns *leducianos*: relativos à época e ao uso, pois estarão sempre reféns de uma visão política da história e da sociedade. Uma visão homogénea desta realidade urbana, baptizada como *Colina do Conhecimento*, mas que no entanto ignore o impacto social alicerçado ao longo de séculos no panorama lisboeta, levará a comparações forçadas entre os distintos elementos que a integram, correndo o risco de sacrificar para sempre o testemunho que nos foi entregue e alienando a terceiros a missão destes organismos. A omissão integral do período pós-conventual poderá provocar um vazio traumático, pois este é pertença da memória do lugar, sendo também digno de preservação. Uma abordagem que ignore essa premissa, torna paradoxal a requalificação do património do qual se retira a marca pré-existente para aí (re)construir uma realidade fabricada. Deste modo, a implementação de operações urbanísticas pontuais no território apresenta-se pouco credível para cumprir um propósito superior de reabilitação de um centro histórico tão complexo como aquele que se situa entre a Avenida da Liberdade e a Avenida Almirante Reis, que no entanto, seria posteriormente irrepreensivelmente descrito e analisado pelo Projeto Urbano da Colina de Santana coordenado pela arquitecta Inês Lobo. Seria justamente em razão do impacto negativo decorrente da apresentação pública dos pedidos de informação prévia, que se iria, oportunamente, acelerar o debate necessário sobre a situação dos Hospitais Civis de Lisboa, a sua viabilidade, o seu encerramento e o futuro do território que ocupam.

Estratégia de Reabilitação e Revitalização

O futuro da Colina de Santana permaneceria num impasse até ao segundo trimestre de 2014. O seu início, seria provocado pela operação de venda do património e das infraestruturas públicas, à Estamo⁴¹, que determinaria, *a priori*, a política de intervenção no território, invertendo, assim, as etapas recomendáveis em processos desta natureza. Uma correcta tramitação para este problema deveria instituir, primeiramente, um debate alargado sobre os impactos da intervenção, antevendo as potenciais polémicas, de maneira a construir consensos e negociar compromissos que conduzissem à elaboração de um Programa Estratégico de Reabilitação Urbana em que os projectos urbanísticos ou as Operações de Reabilitação Urbana se pudessem apoiar. A premissa da construção do Novo Hospital Oriental de Lisboa, que visava libertar o Hospital Santo António dos Capuchos, o Hospital de S. José e o Hospital de Santa Marta, que se encontram ainda em funcionamento, para se juntarem aos já encerrados Hospital do Desterro e Hospital Miguel Bombarda, vem acentuar a degradação do tecido urbano, já de si debilitado e que espera em vão pelas medidas de revitalização urbana.

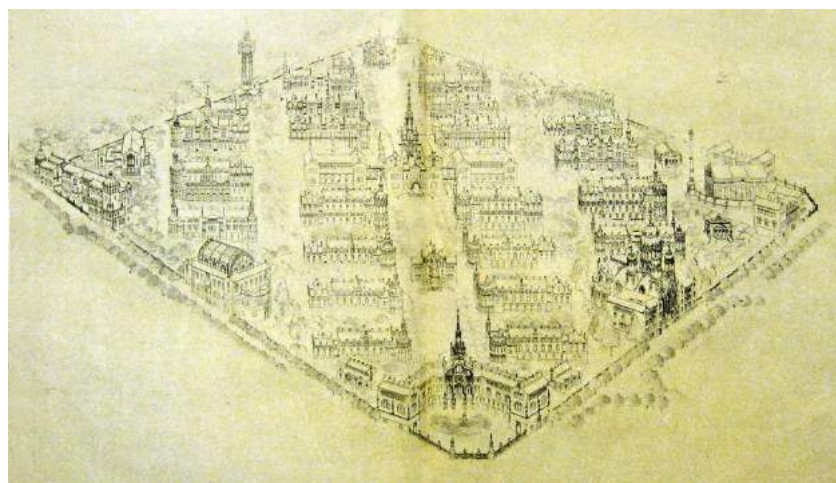
Na inevitabilidade do quadro actual, o Plano de Acção Territorial deliberado pela Assembleia Municipal de Lisboa, poderá ser uma solução para controlar os danos de um conjunto de decisões precoces, de génese governamental, que com o intuito de retardar um problema financeiro e favorecer interesses alheios, viriam a provocar um impasse danoso para o domínio público e para os cidadãos. O PAT é o instrumento legal mais indicado para coordenar as actuações das entidades públicas e privadas, estando previsto desde 1998 na Lei de Bases de Política de Ordenamento do

⁴¹ Estamo – Empresa Pública, do grupo Sagestamo vocacionada para a compra de imóveis ao Estado e a privados.

Território e de Urbanismo, mas no entanto, teve pouca utilização no contexto do planeamento e gestão urbana. O futuro do território hospitalar fica assim dependente das decisões políticas presentes nos acordos contratuais, patentes no PAT, relativos à ocupação, gestão e transformação da área intervencionada, que assim partindo do pressuposto do seu cumprimento, salvaguardaram as decisões tomadas em assembleia municipal, nomeadamente a manutenção provisória das restantes unidades hospitalares e a salvaguarda do património.

A composição de processos transparentes, legais e participativos, que beneficiem todos os intervenientes, respeitem as tramitações das boas práticas de projecto e que não assentem a sua viabilidade apenas no lucro, serão naturalmente complexos. No entanto, há vários exemplos bem-sucedidos de iniciativas de revitalização urbana e que salvaguardam o património, das quais se destaca a revitalização do antigo recinto do Hospital de Sant Pau em Barcelona. Este território, classificado como património da UNESCO devido à singularidade modernista do seu conjunto, foi desactivado em 2009, ficando a cargo do governo regional da Catalunha, que apoiado pelo financiamento do governo espanhol e da União Europeia procedeu ao restauro e à reabilitação de todo o recinto, com o intuito de aí estabelecer um *campus* do Conhecimento. Este detém uma escala internacional, focando-se na investigação académica e concentrando diversas agências e instituições mundiais de carácter científico, tal como a Organização Mundial de Saúde ou o Instituto Florestal Europeu, tornando-se um exemplo a seguir na revitalização do património histórico.

Fig. 22 _ Perspectiva do recinto do Hospital de Sant Pau, conjunto representativo do Modernismo Catalão e reconhecido pela UNESCO como Património Mundial.



II. DESENHAR O CENTRO

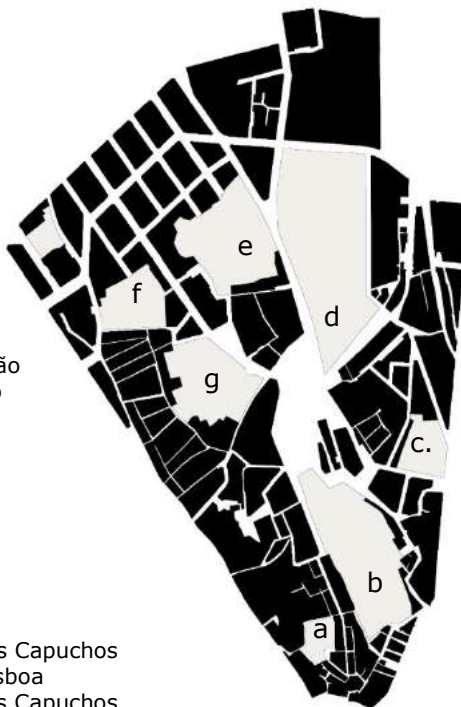
REGENERAR O BAIRRO

Tal como a *Ágora* se situava cenograficamente no sopé da *Acrópole*, a *Baixa* - centro nevrálgico da cidade Imperial, aterrada sobre o antigo porto da cidade Fenícia - está situada directamente sob a colina de Santana. Esta adquire uma importante solenidade, desde cedo glorificada devido à sua misticidade, o que originou o culto pré-histórico da Deusa Mãe, apropriada na era cristã ao culto de Santa Ana, mãe de Maria.

A política de intervenção na Colina de Santana, um território de natureza patrimonial com um elevado valor histórico e exemplo do serviço público, é responsabilidade de vários intervenientes, nomeadamente o Ministério da Saúde, Ministério da Defesa, a Secretaria de Estado da Cultura, Câmara Municipal, a Universidade Nova de Lisboa, a Estamo, Santa Casa da Misericórdia, bem como todas as entidades presentes na colina. A concretização de um programa estratégico de reabilitação urbana para a toda a Colina de Santana, financiado (estado), gerido (CML, UNL) e rentabilizado (Estamo, Santa Casa), poderia realizar uma transformação determinante para a realidade socioeconómica não só do centro, como de todo o sistema metropolitano, se ancorada a pressupostos honestos que possibilitem não só a preservação do património e tirem partido do potencial presente no território.

Fig. 23
Unidades 'Conventuais' que envolvem o Campo Santana, actual Campo dos Mártires da Pátria:

- a. Convento da Encarnação
_ Recolhimento da Encarnação
- b. Colégio de Stº Antão o Novo
_ Hospital de S. José
- c. Convento do Desterro
_ Hospital do Desterro
- d. Palácio da Bemposta
_ Academia Militar
- e. Convento de Rilhafoles
_ Hospital Miguel Bombarda
- f. Convento de Santa Marta
_ Hospital de Santa Marta
- g. Convento de Stº António dos Capuchos
_ Asilo da Mendicidade de Lisboa
_ Hospital de Stº António dos Capuchos



Para a regeneração deste território, é necessário reconstruir os sistemas de proximidade que caracterizam o Bairro, escala intermédia entre a rua e a cidade que fornece as necessidades básicas da população. O faseamento do encerramento e substituição da função hospitalar dos recintos conventuais são essenciais para manutenção do equilíbrio dos sistemas urbanos existentes, nomeadamente os pontos de comércio. No entanto, a sua substituição será inevitável, pois assenta a sua lógica no fluxo diário da monofuncionalidade hospitalar em detrimento das carências da população residente.

Assim, é também defendido o reforço habitacional como ponto gerador das funções urbanas, apoiadas pela existência de grandes infra-estruturas metropolitanas que enriqueçam o território da Colina de Santana, contendo em si os serviços de proximidade necessários para a população.



Fig. 24 _ Ilustração da escadaria das Travessa das Parreiras, adjacente ao território de projecto.

Hospital de S. José

Fundado, em 1759, como Hospital Real de S. José nas antigas instalações do Colégio de Santo Antão, iria herdar o papel social do Hospital Real de Todos os Santos, arruinado pelo terramoto de 1755 junto à praça do Rossio.

A sua dominância sobre a Praça do Martim Moniz constrói uma hierarquia visual que o destaca como ponto monumental, situação ideal para a implementação de um equipamento museológico que atraía não só o turismo, como também a população residente, dando a conhecer a história da Colina de Santana, designadamente, a importância da ciência e da saúde no desenvolvimento e prosperidade deste território.

A proximidade à Faculdade de Ciências Médicas abre a porta à partilha das suas infra-estruturas, nomeadamente o continuar da função médica através de equipamentos de proximidade e a utilização da biblioteca do antigo colégio, para a manutenção da passagem do saber como tradição deste lugar.

Fig. 25 _ Unidade b:

Anteriormente:
Hospital de S. José
Instituto de Medicina Legal
Faculdade de Ciências Médicas
da Universidade de Lisboa

Proposta:
Museu da Medicina
Ordem dos Médicos
Faculdade de Ciências Médicas
da Universidade de Lisboa
Residências Universitárias
Centro Geriátrico
Habitação



Hospital do Desterro

O antigo Convento do Desterro seria palco de diversas utilizações até à consolidação da função hospitalar no final do séc. XIX. A sua localização, adjacente à Avenida Almirante Reis possibilita uma utilização diversificada, que vai de encontro ao plano estratégico proposto pelo município em cooperação com a Mainside, proprietária do LX Factory.

A implementação de um espaço cultural, de residência temporária e partilha de conhecimento, poderá não só, assegurar o investimento privado e, numa fase posterior, a sua rentabilidade, como também uma benéfica contribuição para a preservação do património conventual da Colina de Santana e para a dinamização do tecido urbano adjacente. Este tem no vizinho Largo do Intendente um exemplo da aplicação de um programa de renovação urbana, que em conjunto com o Programa de Desenvolvimento Comunitário da Mouraria, iria permitir a revitalização e enriquecimento do tecido social e urbano, e a atenuação do fenómeno de gentrificação.



Fig. 26 _ Unidade c:

Anteriormente:
Hospital do Desterro

Proposta:
Centro Cultural do Desterro

Hospital Miguel Bombarda

A revitalização deste recinto, encerrado desde 2011, poderia passar pela fundação de um centro de investigação neurológica, dado que, a investigação científica se torna, cada vez mais um motor de riqueza fundamental para as economias ocidentais, atraindo quer financiamentos públicos, quer privados, que coordenados entre o Ministério da Saúde, a Fundação para a Ciência e Tecnologia, a Universidade de Lisboa e a Universidade Nova de Lisboa, nomeadamente as faculdades de medicina, poderiam fornecer os investigadores e o saber herdado do legado de Egas Moniz, e das gerações mais recentes, como por exemplo, João Lobo Antunes.

O próprio lugar carrega a memória do hospital psiquiátrico, que pela direcção de Miguel Bombarda ficaria na vanguarda da terapêutica e da própria arquitectura hospitalar, onde se destaca o Pavilhão de Segurança - Panóptico, construído em 1896, que deveria ser o centro de um museu da psiquiatria e da *Arte Bruta*.



Fig. 27_ Unidade e:

Anteriormente:
Hospital Miguel Bombarda

Proposta:
Museu da Psiquiatria Miguel Bombarda
Centro de Investigação Neurológico
Residências para Investigadores

Hospital de Santa Marta

Este hospital, vanguarda da cardiologia portuguesa, utiliza as instalações do antigo Mosteiro de Santa Marta, lugar de reclusão das irmãs clarissas, que estava situado, ironicamente, adjacente ao caminho das portas de Santo Antão, a principal via de acesso entre a cidade e as comunidades saloias. A sua localização privilegiada, no sopé da Colina de Santana, poderia fomentar a articulação desta à parte baixa da cidade, contudo, esta estratégia iria contrastar com a sua tradição de reclusão, imposta pela Ordem Clarissa e, de certo modo, preservada pela fase hospitalar.

Deste modo, e devido à relevância da especialidade que acolhe, propõe-se a continuação da função hospitalar até à construção do Hospital Oriental de Lisboa, procedendo-se posteriormente à reabilitação ou reconstrução do património arquitectónico para albergar um centro de investigação cardiológico que preserve a essência deste território assente na preservação do conhecimento.



Fig. 28 _ Unidade f:

Anteriormente:
Hospital de Santa Marta

Proposta:
Centro de Investigação Cardíaco de Stª Marta

Hospital de Santo António dos Capuchos

Por último, o território do antigo Hospital dos Capuchos deve consolidar-se como centro social. Ao longo de 5 séculos consolidou-se como porto de abrigo, não só a nível de proximidade, como através do serviço público prestado pelo asilo da mendicidade ou pelo serviço dos frades Antoninhos, de apoio físico e espiritual, não só da população como dos conventos vizinhos. Este polo social, em coordenação com a gestão da Santa Casa da Misericórdia, que já se encontram no território de intervenção, à ilharga da cerca conventual, utilizaria a estrutura do convento restaurado e o novo edifício multifuncional, com cantina, biblioteca e centro de dia, libertando os terrenos tardo do quarteirão junto ao Bairro Andaluz para a implantação do centro escolar. Este irá servir não só os novos habitantes dos blocos de habitação situados no limite do território hospitalar, como a população da Colina de Santana que tende para inversão do processo de suburbanização e envelhecimento a que esteve sujeita nas últimas décadas.



Fig. 29 _ Unidade g:

Anteriormente:
Hospital de Stº António dos Capuchos

Proposta:
Centro Comunitário dos Capuchos
Centro de Osteopatia e Reabilitação Motora
Reitoria da Universidade de Lisboa
_ Serviços de Ação Social
Centro Escolar

[RE] GERAR OS CAPUCHOS



O Convento de Santo António dos Capuchos é fundado em 1570, na encosta poente da Colina de Santana. Esta, situada entre as ribeiras de valverde e arroios e adjacente à muralha fernandina, organizava-se por uma matriz rural em processo de urbanização, com uma estrutura fundiária de grandes dimensões, onde se instalariam equipamentos, como o matadouro ou a leprosaria que, apesar de fundamentais para o funcionamento da urbe, não eram admitidos entre-muros devido à sua sobrelotação e salubridade

Assim, nos anos que procederam à expansão urbana da Lisboa medieval, a colina foi progressivamente reclamada pelas ordens militares hospitalares e posteriormente pelas mendicantes, núcleos agregadores dos arrabaldes que consolidaram um "campus espiritual", consumado pelo estabelecimento dos Jesuítas. No entanto, a sua expatriação, e, posteriormente, extinção de todas as ordens religiosas em 1834, iriam alterar essa realidade. Os numerosos conventos, símbolo de poder e dominância sobre a urbe, possuíam tipologias altamente flexíveis que foram gradualmente ocupadas com programas direccionados para a actividade hospitalar, educacional e militar - uma vocação civil. Esta, pilar do regime democrático, e posteriormente republicano, iria fornecer as infra-estruturas necessárias para o funcionamento de grandes equipamentos públicos.

Deste modo, seria em 1836 fundado, nas instalações do antigo convento e com a aquisição do palácio dos Condes de Murça, o *Asylo da Mendicidade de Dona Maria II*, uma instituição de *altíssima caridade*⁴² social que pretendia albergar e requalificar os sem-abrigo nascidos em Lisboa. Esta seria em 1928 transferida para o Mosteiro de Alcobaça⁴³, para permitir fundação de um novo hospital na Colina de Santana, que permitisse o encerramento do Hospital de Arroios, o Hospital de Santo António dos Capuchos.

Página anterior

Fig. 30_ Passeio Público de Lisboa e o Asilo da Mendicidade no topo da Colina de Santana.

42 Ilustração Portuguesa- 9 de Janeiro de 1905 II ano. pag150

43 Arquivos, pag14

*"O modo de intervir no espaço construído dependerá sempre, num sentido ou noutro, da tensão que se produza entre opções projectuais bem definidas, quer se trate de projectar sob influencia do "contexto", do *genius loci*, do "contraste" ou da "analogia".*"⁴⁴

Hoje, com a desafecção dos hospitais centrais de Lisboa, voltamos a assistir a uma alteração programática, mantendo-se, no entanto, a oportunidade de preservar a sua memória, através da construção de programas que respeitem e ponham em evidência a sua autenticidade. No Hospital dos Capuchos, particularmente, abre-se a possibilidade de continuar a sua temática de génese social, através da própria utilização do património presente: o edifício conventual e o palácio dos Condes de Múrcia, que outrora acolheram o Asilo de Mendicidade de Lisboa, tornando-se o último convento a adquirir uma função hospitalar, na Colina de Santana

A temática da água, presente na cisterna que alimentava os canos e na fonte de Santo António, onde fica situado o Serviço de Medicina Física e Reabilitação do Hospital, sugere a criação de um equipamento colectivo, com objectivos terapêuticos, que sirva não só o bairro, mas que seja também uma referência à escala da cidade.

De facto, o sítio, pela sua característica natural de promontório, constrói uma relação de dependência visual directa com a cidade, sendo por isso uma possível 'ponte' entre o bairro da colina e a zona baixa da urbe que se situa a seus pés. Um atento aproveitamento dos seus encadeamentos visuais, potenciada por uma arquitectura que se integre no lugar, pode recuperar o dinamismo que outrora aí existiu.

⁴⁴ Angel Isac in Margarida Louro em GEHA RODRIGUES Maria (1999) p144

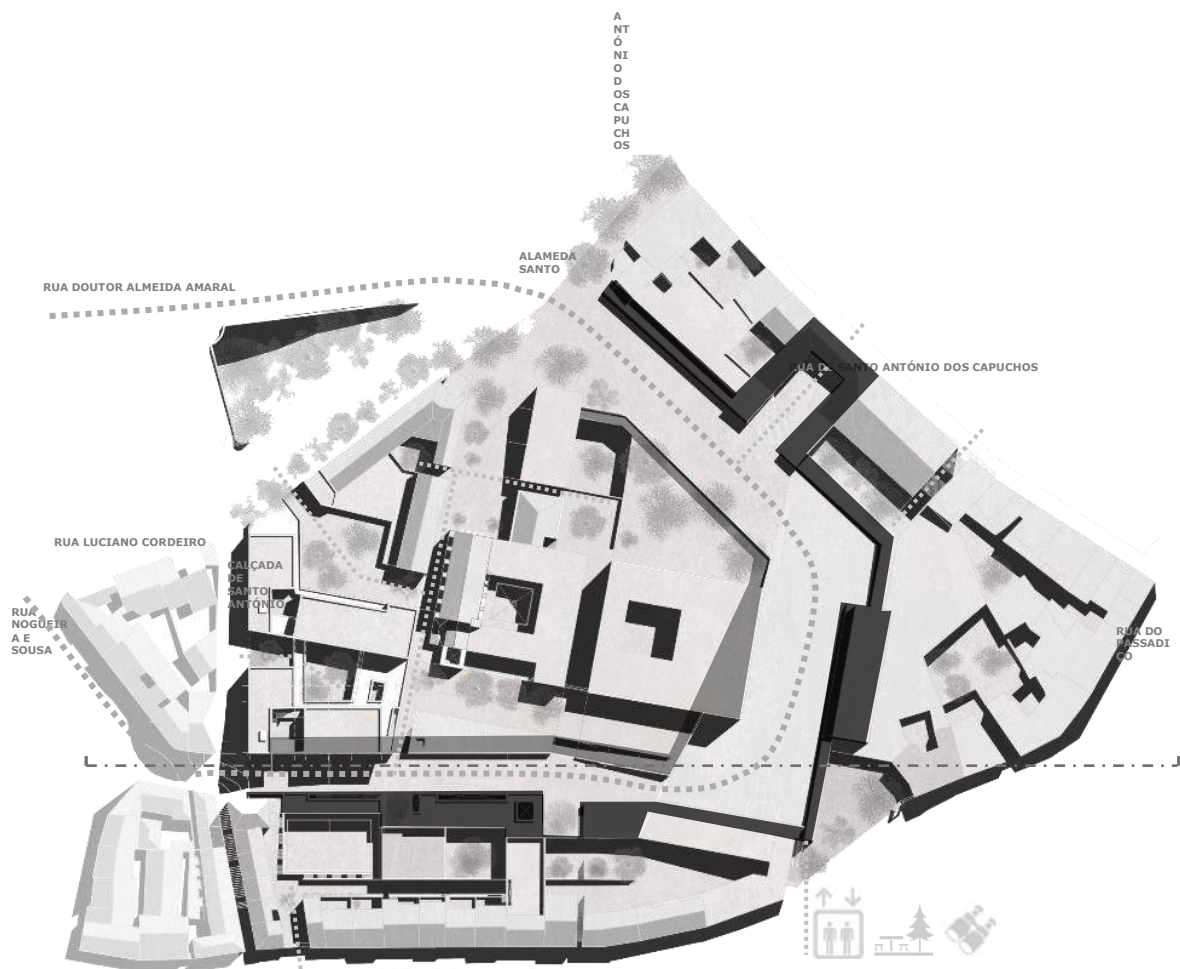
Assim, concluímos a viabilidade de construção de equipamentos colectivos que tirem partido destas características únicas, reconstruindo a memória do *lugar* e estabelecendo-se como marco ao nível territorial. No entanto, a sua escala não pode ser negligenciada, sendo necessário criar espaços de transição que liguem as dinâmicas da cidade de fluxos à cidade do quotidiano, através de um programa inclusivo, que acautele não só a sua visibilidade e notabilidade, como a sua utilização diária pela comunidade juntamente com a *romaria* do exterior, que assim se restabelece neste sítio milenar.

A proposta urbana reconhece a persistência fundadora da cerca conventual, muro de contenção, erigido para formalizar um plateau, promontório sobre o Valverde, protegendo no seu seio uma cisterna, reserva de água para os campos de cultivo do convento que se lançariam até aos limites actuais do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Estes dois limites, barreiras topográficas e cadastrais, servem de pretexto para a concretização de uma via, maioritariamente de nível, prolongamento da Rua Nogueira e Sousa e da Rua Doutor Almeida de Amaral que se alarga à chegada ao espaço de miradouro, formalizando o largo onde se erguem os equipamentos principais.

O limite interno, que envolve o centro comunitário, é ancorado por uma galeria comercial contínua que tem o seu início no bloco de habitação, até alcançar do edifício de residência temporária junto ao Palácio Melo. O limite externo, linha indefinida entre uma cerca primitiva e um cadastro mais recente, altera a sua forma, estruturando o edificado adjacente, um elevador, que permite maior conforto na transposição dos desníveis, e uma pala, que enquadra as vistas para a paisagem urbana de Lisboa, nomeadamente, o Jardim do Torel A Sudeste e o Miradouro de S. Pedro de Alcântara e o Jardim Botânico a Sudoeste.

Fig. 31 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. A cinzento destaca-se a galeria comercial. A negro o limite do recinto dos capuchos. Acessos principais a tracejado.



Centro Comunitário

A herança social e comunitária é onipresente no território da colina de santana, pelo menos, a partir do estabelecimento da Gafaria de S. Lázaro no séc. XIV. A fundação do Convento de Santo António dos Capuchos no séc. XVI, fora das muralhas da cidade, iria criar uma âncora para o crescimento urbano extra-muros, devido à vocação de apoio à população vizinha e de missão evangelizadora, pioneira na conversão dos índios brasileiros décadas antes dos próprios jesuítas. Deste modo, consideramos que o papel social do lugar dos Capuchos extravasava os limites da sua Cerca, desde a época conventual à fase hospitalar, o que se denota no aspecto formal da Alameda que liga o Campo dos Mártires da Pátria à fachada da igreja, convidando a aproximação da população, crente na sua repurificação.

Revela-se, assim, pertinente a continuação da missão social no território dos Capuchos, que se materializa através de um centro comunitário. Este agrega diversas valências, que se dividem por uma residência de idosos, situada no reabilitado edifício conventual, uma residência temporária para desalojados e refugiados e um equipamento polivalente que se ergue sobre o largo, envolvendo a cisterna conventual e contendo um centro de dia, uma biblioteca e uma cantina social.

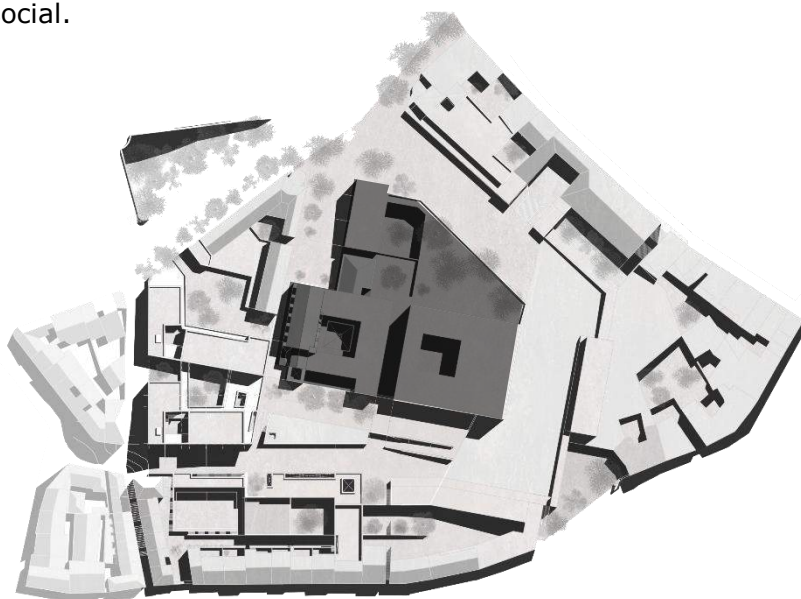


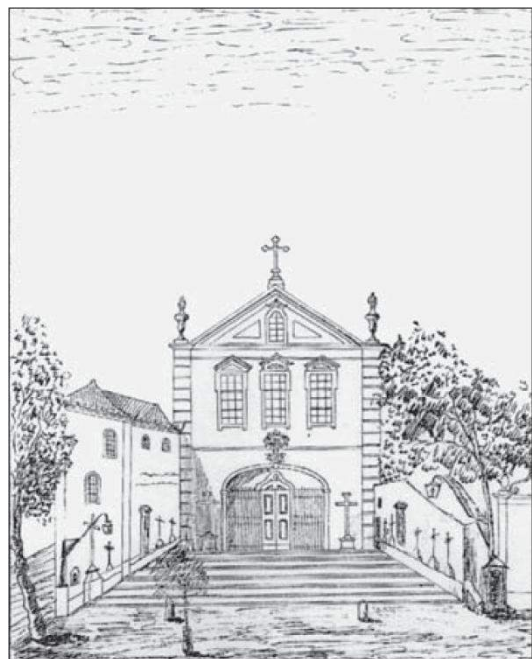
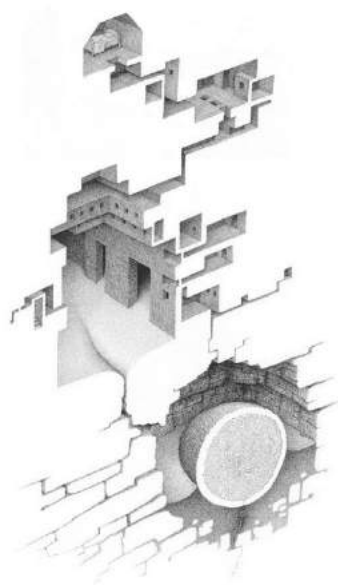
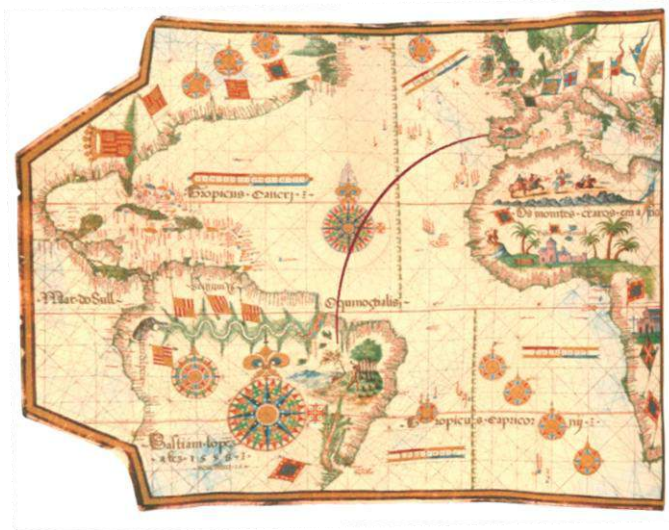
Fig. 32 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Equipamento Social destacado a negro.

Página seguinte

Fig. 33 _ Carta Marítima com o desenho da influência além-mar da ordem Capuchinha no começo da evangelização da Terra de Veracruz.

Fig. 34 _ Gravura do trajecto de aproximação ao Convento de Santo António dos Capuchos.

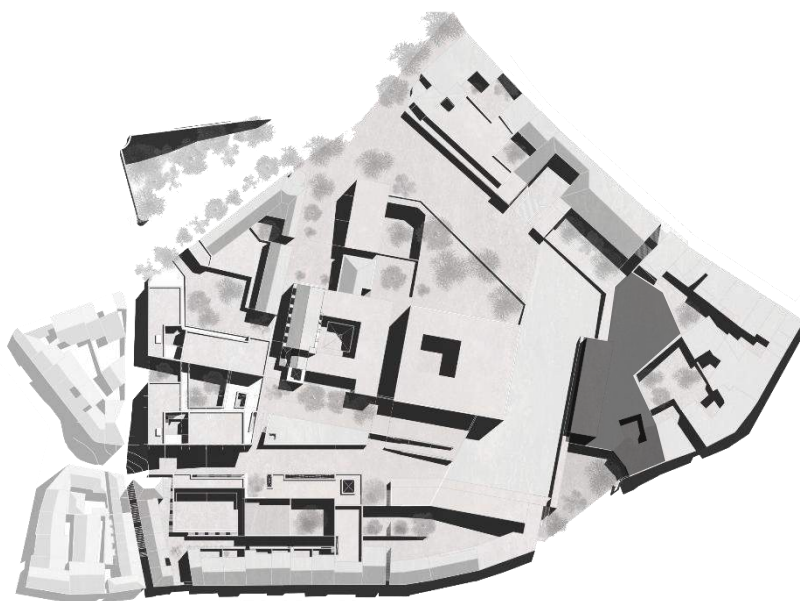
Fig. 35 _ Espaço como matéria contínua. Ilustração de Mathew Borrett.



Equipamento Médico

O recinto dos Capuchos é, tradicionalmente, um lugar de acolhimento, não só por razões socio-económicas, como durante a tempo em que funcionou como Asilo da Mendicidade, como também por razões terapêuticas, remetendo para a época conventual e para o seu uso actual. Uma desafecção rápida dos equipamentos de saúde da Colina de Santana poderá provocar a falência das redes de apoio médico e social, particularmente, para população idosa, que tem restrições de mobilidade e autonomia. Assim, considera-se importante a manutenção de núcleos de proximidade, nomeadamente centros de geriatria ou de fisioterapia, como a que se propõe neste capítulo.

A localização actual da unidade de Medicina Física e Reabilitação do Hospital de Santo António dos Capuchos junto à fonte de Santo António sugere, com naturalidade, a construção de um equipamento de saúde orientado para a reabilitação motora. Deste modo, propõe-se a construção do Centro de Osteopatia e Reabilitação Motora que, mantendo os utentes que diariamente recebem terapêutica no hospital, evitaria a sua deslocação para fora da sua área de residência. Este enquadraria o largo que se propõe no projecto urbano e iria reorganizar o cadastro do interior do quarteirão, ancorando-se no palácio em ruínas junto à rua do passadiço.



Equipamento Educativo

As antigas freguesias do Sagrado Coração de Jesus e S. Jorge de Arroios, hoje correspondentes, respectivamente, às freguesias de Santo António e de Arroios, teriam, segundo o estudo do Departamento de Planeamento Estratégico da CML, a carência de 4 creches. O mesmo documento propunha a construção de um equipamento educativo entre a Colina dos Capuchos e o Saldanha. Contudo, por os dados utilizados serem do cenário de 2007, não estão previstos os novos desafios criados pela política de reabilitação urbana. O provável crescimento populacional, por uma faixa etária mais jovem, acentuará essa deficiência do sistema, sendo por isso, essencial, a reconstrução do sistema educativo presente na baixa lisboeta.

É, assim, proposto a expansão da actual Escola Básica Luísa Ducla Soares, situada no andar inferior do nº86 da Rua do Passadiço e no interior do quarteirão, antigas sedes do Sporting Clube Portugal e das sociedades Luso-Brasileira e Luso-Alemã. Este centro educativo, construído entre o edificado da Rua do Passadiço e o limite da cerca conventual, iria anexar as instalações da Santa Casa da Misericórdia, previamente transferidas para o Centro Comunitário, e o campo de jogos, possibilitando a sua utilização pela comunidade aos fins-de-semana e durante as interrupções lectivas.



Fig. 36 _ Localização da Freguesia de Santo António e da Freguesia de Arroios, respetivamente, que limitam o território da Colina de Santana, ambas com carência de infraestruturas de apoio à infância.

Fig. 37 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Equipamento educativo destacado a negro.



Página anterior

Fig. 38 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Equipamento médico destacado a negro.

Equipamento Universitário

A presença da Reitoria da Universidade de Lisboa no Palácio Centeno, adjacente à cerca conventual, torna necessária a sua inclusão no espaço de revitalização do território dos Capuchos. Apresentando-se este como lugar consolidado no apoio espiritual e social, considera-se apropriada a centralização do Serviço de Acção Social da Universidade de Lisboa, que se inclua neste núcleo de apoio à população. Deste modo, o Palácio dos Condes de Murça seria integrado à reitoria, através de um módulo de articulação, onde se pudessem concentrar as componentes técnicas necessárias ao seu funcionamento.

Por sua vez, os dois edifícios adjacentes à Rua Luciano Cordeiro e à Alameda de Santo António dos Capuchos, pertencentes à antiga Escola de Enfermagem Artur Ravara construída nos anos 20, seriam reabilitados como residência universitária de pequena dimensão. Os dormitórios, que se moldam à infra-estrutura dos edifícios pré-existentes, seriam conectados por um novo corpo que, ao incorporar os espaços colectivos, os relacionaria com o pátio do quarteirão de habitação proposto.



Edifício de Habitação

A desertificação do centro histórico de Lisboa iria acentuar, nas últimas décadas, a degradação do edificado. A fuga da população para a cidade periférica, com custos mais acessíveis para as classes médias, iria provocar uma bola de neve na diminuição da oferta educacional e das redes de proximidade. Os blocos de habitação propostos para os pontos de charneira entre o território dos Capuchos e a cidade pretendem ancorar uma população diversa, que será hipoteticamente utilizadora da rede de equipamentos proposta para este mesmo território.

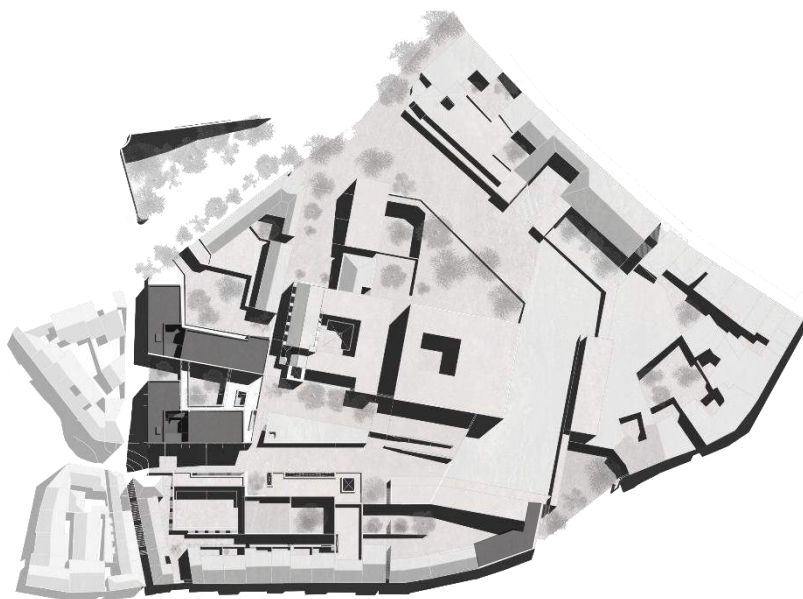
O lote adjacente à Rua do Passadiço procura dar continuidade às moradias em correnteza que se erguem entre a rua e a cerca conventual, ligando-se ao equipamento educacional que limita o largo a poente.

Os blocos de habitação do limite Norte pretendem construir uma transição entre o quarteirão habitacional na Calçada de Santo António dos Capuchos e o edifício conventual, através do carácter público dos pátios, favorecendo um percurso de fruição entre a agitação da cidade e a acrópole que se ergue sobre a Avenida da Liberdade.

Página anterior

Fig. 39 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Equipamento Universitário destacado a negro. As residências e a reitoria, respectivamente.

Fig. 40 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Blocos de Habitação propostos destacados a negro.



[RE] GERAR O PÁTIO

Pátio, arquétipo sistematizado na construção mediterrânea, assume-se como protagonista na arquitetura que lhe dá forma, regulando a estrutura, os acessos, a luz e a sua vivência.

Apesar dos mais antigos exemplares terem sido descobertos no vale do indo⁴⁵, o pátio iria afirmar-se como arquétipo principal na arquitectura mediterrânica. Esta vê a sua composição indissociável deste elemento, que se enquadra integralmente nas características extremas do seu clima.

A sua evolução é onnipresente quer na arquitectura erudita como na vernacular, apresentando-se como resposta a uma filosofia compositiva e a uma necessidade socio-económica, respectivamente. A influência do pátio na arquitectura portuguesa iniciou-se através da romanização, ainda antes do nascimento de Cristo, mas seria a ocupação árabe que a iria integrar definitivamente na arquitectura urbana, liberto de cânones e rigor geométrico, permaneceria até aos nossos dias no tecido urbano das cidades a Sul do Douro.

Em contraponto, seria a reconquista cristã, a impor novos cânones, nomeadamente a reposição do pátio claustral, uma tipologia de génese greco-romana, que seria consolidado pela cultura paleo-cristã como espaço de apoio ao templo, através da apropriação dos espaços do *domus* romano. Essa influência é demonstrada pela utilização do *atrium* como espaço de chegada⁴⁶, transição entre o mundano e o sagrado, adaptando o *impluvium* para batistério, ou pelo uso do peristilo como espaço de reflexão, tal como no templo grego, que iria, posteriormente, lateralizar-se em relação ao corpo da igreja, tornando-se o espaço central para a colectividade monástica. A sua composição seria, tal como nas catedrais, um espaço privilegiado de experimentação arquitectónica, dando origem à sobreposição de estilos ou à co-existência de pátios de diferentes épocas, tal como podemos observar no Convento de Cristo⁴⁷ onde sobressai a obra-prima maneirista no pátio principal, edificada por Diogo de Torralva.

⁴⁵ CAPITEL, Antón (2005); *La Arquitectura del Patio*. Barcelona: Gustavo Gili, pag9.

⁴⁶ *Idem ibidem* pag35.

⁴⁷ PEREIRA, Paulo (2011); *Roteiro do Convento de Cristo*, Tomar: IGESPAR, 2009 pag24.

O pátio claustral viria a ser incorporado na arquitetura civil a partir do renascimento, através da reprodução dos tratados *Palladianos* de construção. Contudo, o pátio urbano iria continuar omnipresente na arquitetura vernacular, acompanhado a evolução dos tempos, trabalhando sobre as ruínas dos seus antecessores, sendo tanto ou mais influenciada pelas culturas pré-cristãs do que pela tratadística italiana.

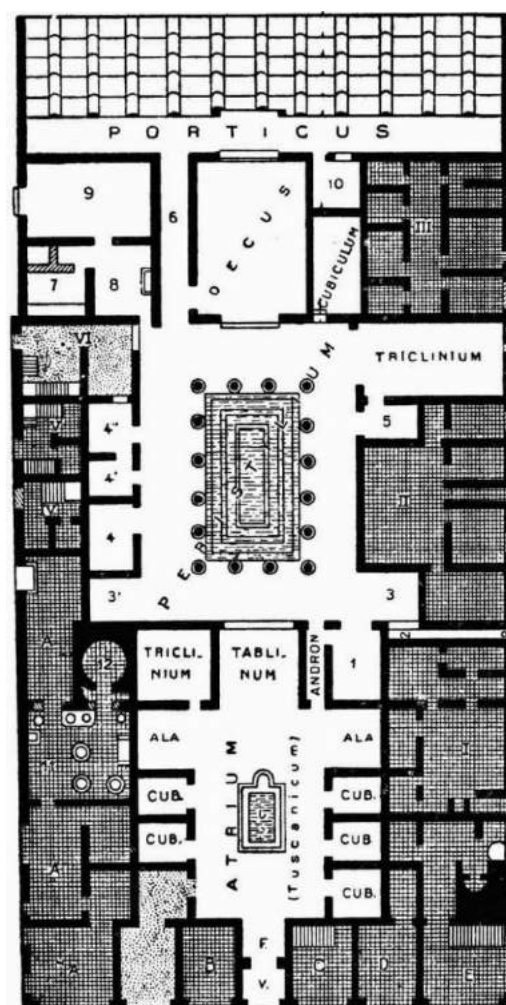


Fig. 41 _ Pompeia. Planta da *domus* de Pansa. Um espaço contínuo semi-coberto faz a transição entre a privacidade *peristilo* e o carácter público da entrada e do *atrium*, articulando as diferentes divisões da casa. São destacados, a cinzento, as lojas pertencentes à *domus*, algumas das quais comunicam directamente com a divisão principal.

Pátio em Lisboa

*"Um pátio, na acepção do que se trata, (...) consiste fundamentalmente numa espécie de corredor lajeado ou térreo (rua pouco larga e pequena), oram em linha recta, ora em linha quebrada, para o qual deita, de um lado ou dos dois, uma fila de casas de andar baixo (rés-do-chão) e às vezes também de primeiro ou mais andares, dispostos à maneira de celas de convento."*⁴⁸

O pátio lisboeta, traseiras onde a vida pública e a privada se cruzam, é uma tipologia urbana, geométrica na forma mas orgânica na sua articulação com a topografia, com o edificado e com os acessos. Este espaço colectivo, ambíguo perante o seu carácter público, lugar de promiscuidade entre a privacidade do lar e a formalidade da rua, revela-se como território de partilha, favorecendo encontros e imprevistos, imortalizados por Vasco Santana no filme "O Pátio das Cantigas". Nesta obra, o realizador Francisco Ribeiro celebra as tradições e as rotinas de uma sociedade urbano-rural, onde o Pátio é o centro do seu quotidiano, lugar de cruzamento de realidades ímpares, que dão razão a um sentimento de unidade urbana e social.



Fig. 42 _ Baile de Santo António, retirado do filme: "O Pátio das Cantigas".

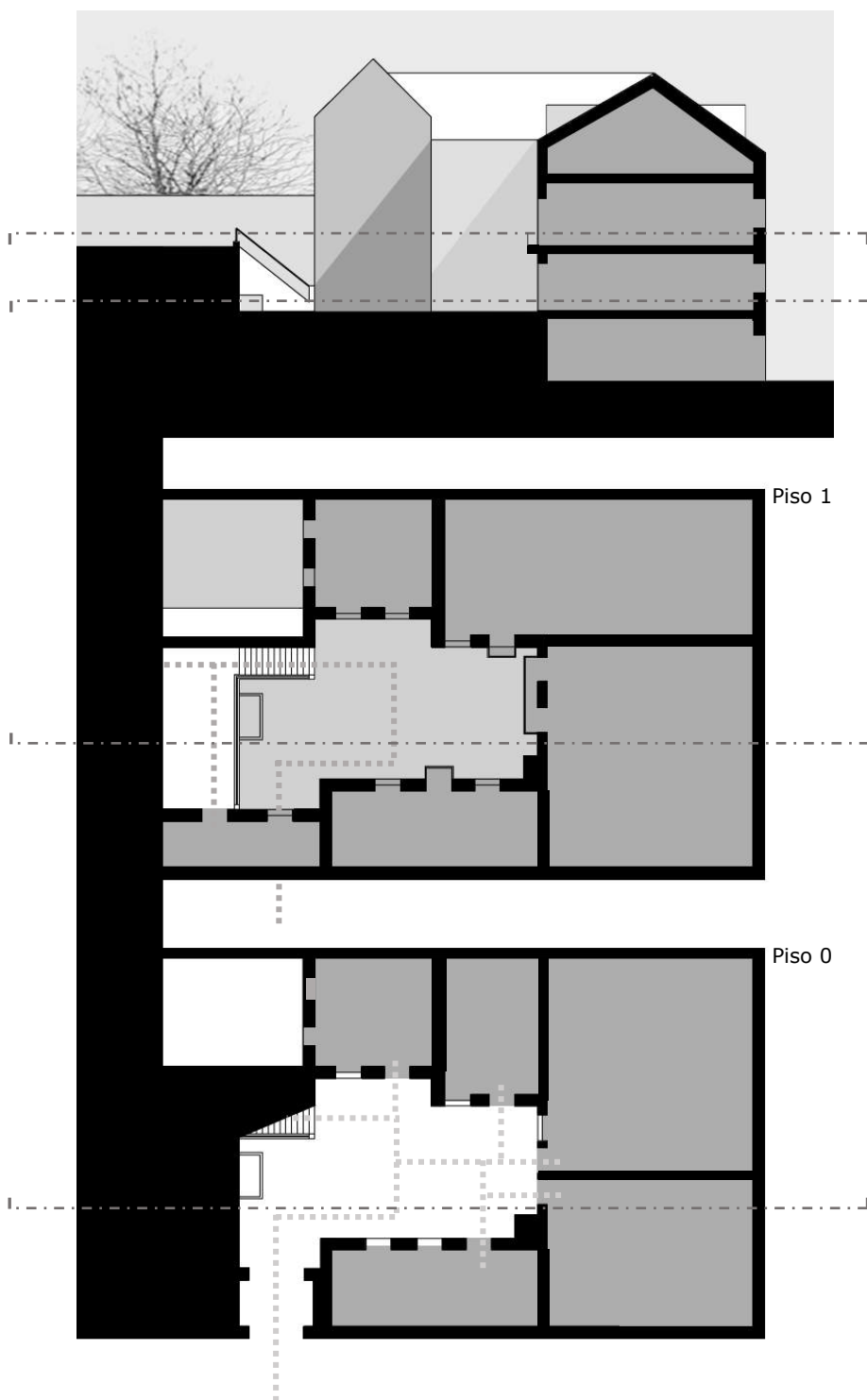
Página seguinte

Fig. 43 _ Corredor de acesso ao pátio: Parque Polivalente de Santa Catarina, na Calçada do Combro.

⁴⁸ VASCONCELOS, José in LEITE, Ana (1991) Pátios de Lisboa – Aldeias entre Muros. pág 5

Esta tipologia ainda está presente no tecido histórico de Lisboa, estando vários dos seus exemplares ocupados por oficinas, lojas ou privatizados. No entanto, vários subsistem no interior dos bairros tradicionais, mantendo a sua génese ou reinventando-se de modo a melhor responderem às necessidades dos seus utilizadores. Em ambos os casos, são eles o palco dos eventos colectivos, espontâneos e periódicos, que reforçam o sentimento de colectividade, bairrista, próprio de um tecido urbano que recusa a cidade contemporânea, um enclave na metrópole lisboeta.





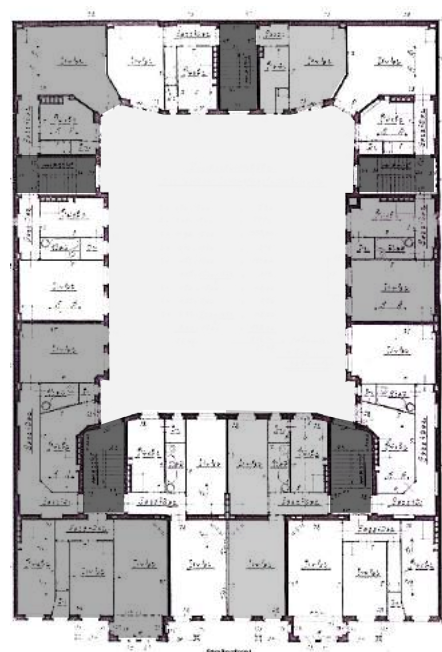
Pátio em Berlim

O centro histórico sobrevivente à devastação da 2ª Guerra Mundial é maioritariamente representado pela *Mietkasernen* – a célula urbana mínima característica da expansão urbanística de Berlim durante o regime Prussiano do séc. XIX. Esta proliferou principalmente após o Regulamento de Edificações de 1853, devido à grande dimensão das ruas e dos quarteirões, pois permitiam um lote de grande profundidade e uma higiene admissível para os padrões da época. O pátio tipo, presente na figura 37, possibilita a existência de quatro moradias nobres, total ou parcialmente orientadas para a rua principal, mais seis habitações de menor dimensão e claridade. Esta tipologia, proporcionava uma densificação rentável aliada à co-existência de várias camadas sociais em redor do mesmo espaço colectivo, um pátio privado ou semi-público. O Regulamento de Polícia de 1887 iria diminuir as alturas do edificado, assegurado a higienização do tecido urbano, transformando os pátios de interior de quarteirão em jardins articulados e por vezes *equipados com creches e quiosques de venda*⁴⁹.

Página anterior

Fig 44. _ Pátio das Cantigas. Reconstituição do cenário do filme de 1942, que narra a vida de um bairro tradicional em redor do seu pátio, síntese da arquitectura urbana lisboeta.

Fig. 45 _ Planta genérica de um *Mietkasernen*, a célula urbana mínima dos quarteirões de Berlim.
Acessos destacados a negro.



49 ROSSI, Aldo, (1977). L'Architettura della Città [A Arquitectura da Cidade]. Trad. J.C. Monteiro. Lisboa: Cosmos, 2001 p106

Em 1984, Álvaro Siza encontra Berlim desprovida de uma identidade própria, contendo no seu edificado *novos e velhos fragmentos que nunca se complementam, que nunca podem ser reduzidos a uma unidade, mas que existem como realidades paralelas*⁵⁰. Formando parte da equipa do Altbau, autodenominada como IBA 'pobre', ficaria responsável pela reabilitação de um quarteirão da zona leste de Kreuzberg. Este, situado à ilhargia do *Muro*, era constituído por uma população envelhecida em choque com a comunidade turca. Ambas necessitavam, não apenas de uma rápida melhoria das condições de salubridade do espaço público e das suas habitações, como também de infraestruturas públicas que reduzissem o atrito social e o impacto negativo do *Muro*.

O plano delineado por Siza procurou cruzar as várias singularidades da herança urbana de Berlim, de modo a dar sentido às heterogeneidades e ambiguidades presentes no território. A intervenção incidiu na construção de um bloco de habitação, um infantário e um centro de dia em conjunto com o restauro dos edifícios pré-existentes.

Na esquina oriental, adjacente à Schlesisches Straße na qual se erguia um dos troços do *muro* de Berlim, Siza projectou um edifício de habitação que ficaria na história da cidade: o Bonjour Tristesse. Constituído por 5 pisos de habitação e um piso ao nível do rés-do-chão com habitação e comércio, o edifício é um marco urbano neste bairro da cidade, afirmando-se pela sua expressão austera, que cita o legado da Bauhaus, apesar do seu traço fluído, unindo os dois lados do quarteirão.

⁵⁰ Álvaro Siza em BAÍA, Pedro. coord. (2008). *Berlim Reconstrução Crítica*. Porto: Circo de Ideias, 2008. ISBN:978-989-95995-0-5 p10 in "Un Immeuble d'Angle a Berlin" in: *Architecture, Movement, Continuité* [AMC], ser. 2,2 [1983]: 16-21. Citando em: Peter Testa, «Unity of the Discontinuous: Alvaro Siza's Berlin Works» in *Assemblage*, 2, [1987]: 46-61; 48.

Fig. 46 _ Esquina do
edifício de habitação
Bonjour Tristesse,
Álvaro Siza Vieira.



No seu interior o pátio surge destacado, conjugando a herança do *Mietkasernen* berlinense com a clareza higienista do *Siedlung* do início do séc. XX. O pátio apesar de actualmente privatizado foi pensado em articulação com os restantes vazios do quarteirão, um espaço de transição entre o tráfego citadino das avenidas que o envolvem e os pátios arborizados no seu interior.

Os dois pontos de acesso comunicam tanto com a rua como com o pátio, um através do sistema esquerdo direito e o outro pela utilização de uma galeria de acesso adjacente na fachada tardoz, mas que no entanto mantém a métrica do alçado. Este surge em continuidade com o alçado principal mas, no entanto, as divisões presentes em ambos refletem a transição de privacidade dos espaços colectivos virados para fora e dos espaços íntimos e das 'águas' orientadas para o pátio. Este sistema está inclusivamente presente no piso térreo onde estão localizadas, adjacentes a avenida principal, cinco estabelecimentos comerciais, em que dois dos quais contêm divisões privadas orientadas para o pátio interior.



A realidade encontrada pelo arquitecto Mathias Ungers seria bastante diferente da do território de Kreuzberg. Apesar de hoje estar situado num ponto central de Berlim, antes da reunificação, estava rodeado por um descampado adjacente ao Muro de Berlim, com poucos elementos de referência.

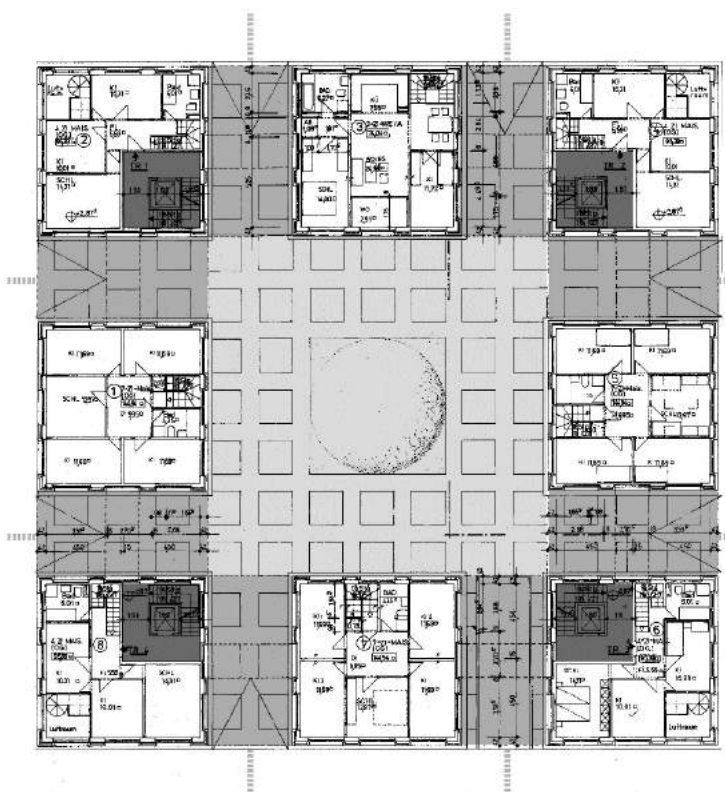
O arquitecto procura então desenhar um objecto, abstraindo-se do ambiente e do edificado que o envolve, também ele fragmentado pela destruição da segunda grande guerra. O único elemento que procura relacionar o edifício com a sua envolvente é o jardim desenhado, com a dimensão espelhada da planta do Bloco 1, para a escola primária proposta pelo plano no terreno a Sul.

O edifício proposto constrói um pátio interior geométrico e austero, pontuado apenas por uma árvore de folha caduca que o habita. O cruzamento entre o pátio e os acessos à rua desenharam as esquinas, onde estão situados os 4 pontos de acesso vertical para as habitações.

Página anterior

Fig. 47 _ Pátio Interior, com acessos aos núcleos distributivos e por um corredor lateral até à rua.

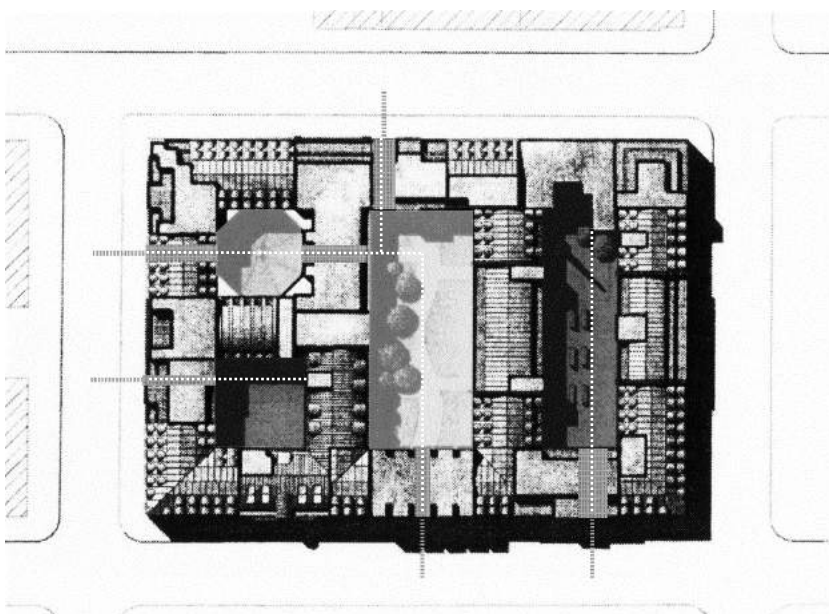
Fig. 48 _ Planta do Piso térreo. Pontos de acesso a negro. Acesso ao pátio a cinzento.



Quartier Schützenstraße

A Reconstrução Crítica, ao contrário do IBA Neubau, já iria incluir a cidade reunificada, concentrando-se principalmente no tecido urbano barroco situado sob a Unter den Linden onde os antigos bairros prussianos estavam praticamente arruinados, ocupados pelo muro ou desvirtuados pela construção de edifícios de habitação socialista da RDA.

Enquanto ao longo da Friedrichstraße as intervenções se centraram na reinterpretação dos antigos bairros e da sua célula, o *Mietkasernen*, Aldo Rossi, que já tinha anteriormente participado no IBA Neubau no Block 10, iria explorar, no projecto do Quartier Schützenstraße, o restauro e a reconstrução do edificado pré-existente. Rossi iria não só utilizar o método programático e tipológico dos bairros tradicionais, como também iria reinterpretar a métrica e o imaginário prussiano na cor e na composição dos alçados. O resultado contrasta entre uma reintegração eficaz do pátio do *Mietkasernen*, mas no entanto, encerra-se a si mesmo numa linguagem estética e compositiva pós-modernista que iria ser contestada antes do final do século.



Pátio no Chiado

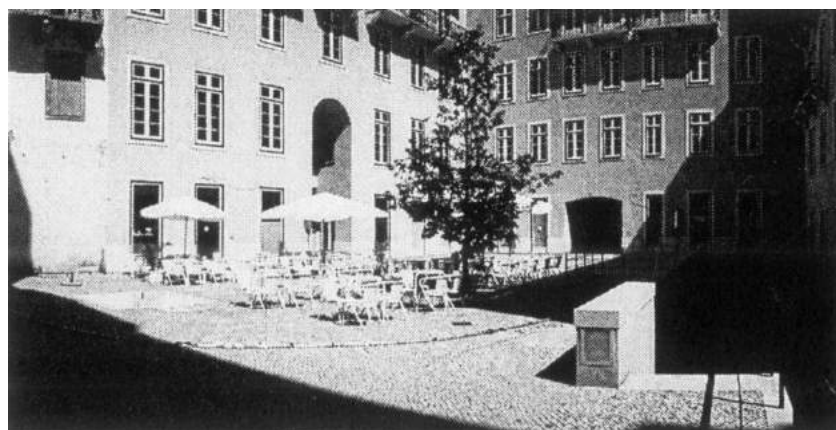
*Plataforma de distribuição. Um patamar onde é imprescindível passar e parar, uma aparição de onde se vê a paisagem. Chiado essencial, enorme, sobre a Rua do Crucifixo.*⁵¹

A importância socio-cultural do Chiado transparece na riqueza e diversidade arquitectónica das suas ruas. A expansão do estilo Pombalino, que a caracteriza, extravasaria os limites da Baixa lisboeta, moldando-se à topografia e absorvendo as hierarquias e os arquétipos do tecido urbano pré-existente. Deste modo, surgem excepções paradigmáticas do Pombalino como os pátios pré-existentes adjacentes à Rua Garrett, que seriam reabilitados pela mão do arquitecto Siva Vieira, após o incêndio do Chiado. Estes seriam a oportunidade de conciliar diferentes condições urbanas, possibilitando a articulação da topografia e dos vários programas esquecidos na evolução cadastral dos seus quarteirões.

Página anterior

Fig. 49_ Quartier Schützenstraße. Fluxos pedonais para os pontos de distribuição verticais servidores das habitações situados dentro dos acessos aos pátios semipúblicos no interior do quarteirão.

Fig. 50 _ Pátio A. Reabilitação do Chiado.



⁵¹ SIZA VIEIRA, Álvaro in *Chiado em Detalhe*

Pátio A

O pátio mais geométrico do conjunto divide-se em dois patamares distintos: o principal, de maior área, posicionado ao nível do início da Rua Garrett e outro secundário, um piso abaixo. O desnível criado possibilita a iluminação nos pisos inferiores dos lotes adjacentes à Rua Nova do Almada, vários metros abaixo das restantes ruas, e permite, ainda, o acesso da Calçada Nova de S. Francisco ao patamar principal. Este cumpre eficazmente o seu papel de transição, regulando os fluxos do rebuliço metropolitano no exterior do quarteirão e criando um espaço de maior intimidade com um carácter singular, utilizado, maioritariamente, como zona de esplanada para os restaurantes situados nos pisos térreos. O pátio assegura também uma ligação alternativa entre a Rua Garrett e a Rua Ivens, respectivamente, a partir de uma passagem de nível pontuada por um saguão pré-existente coberto por uma clarabóia, e de uma passagem em escada e túnel, explorada com maior detalhe na página 96.

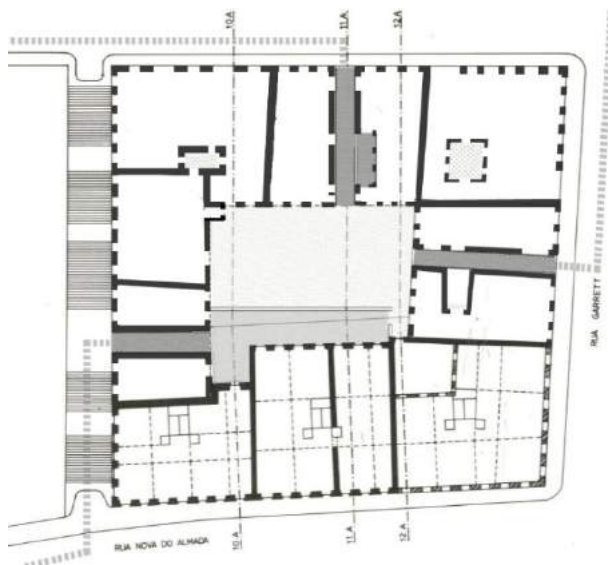
Fig.51 _ Quarteirão no Chiado

Pátio A.

Pátio interior público com ligação entre a Rua Ivens, a Rua Garrett, Rua Nova do Almada e a Calçada Nova de S. Francisco

Pátio B.

Logradouro de ligação entre a Rua Garrett, a Rua do Carmo e o Portal Sul das ruínas do Convento do Carmo.



Pátio B

O pátio B está situado no quarteirão alongado que se desenrola a partir do sopé da Colina das Chagas, adjacente ao Rossio, até alcançar o seu topo junto ao Largo do Carmo. Após o rescaldo do incêndio do Chiado, o arquitecto Álvaro Siza iria 'descobrir', entre os destroços, um trajeto de ligação entre a Rua Garrett e a Portão Sul do Convento do Carmo, que seria posteriormente confirmado por uma gravura de época anterior ao terramoto de 1755. Esta persistência, ainda que escondida sobre o edificado, iria influenciar a solução urbana para o quarteirão através de um pátio longitudinal que ilumina o seu interior. Este começa na Rua Garrett, situando-se à sua cota, cruzado por uma passagem em escada que desce até à Rua do Carmo, e subindo para um patamar superior de modo a atingir as ruínas do Convento do Carmo, segmento que se encontra ainda hoje em construção. A dificuldade de conciliar um grande desnível, acentuada pela menor largura do pátio e a sua pouca luminosidade, condicionam a ambiência deste espaço, necessitando provavelmente da conclusão do acesso ao Carmo, para ser redescoberto e usufruído pelos lisboetas.



Pátio em Haia

O projecto de realojamento num bairro periférico de Schldersbuurt-oost foi encomendado ao arquitecto Álvaro Siza, devido aos bons resultados conseguidos na iniciativa experimental no SAAL, nomeadamente pelo projecto na Bouça e na Malagueira. Tal como a iniciativa, coordenada pelo arquitecto Nuno Portas, o projecto em Haia pretendia oferecer casas dignas à população carenciada, particularmente a comunidade emigrante de origem muçulmana.

O terreno de intervenção era limitado por uma via rápida e por uma linha de caminho-de-ferro, que o arquitecto iria atenuar através da elevação dos blocos residenciais, erguendo um platô com um parque urbano no seu interior.

O bloco de apartamentos da figura 50 apresenta duas realidades distintas. A secção adjacente à na rua Hoefkade, que se traduz como rua do cais, concentra no seu piso térreo o comércio, incorporando a habitação nos pisos superiores. Da sua extremidade, partem dois braços simétricos de 2 pisos de moradias, em correnteza, que encerram um pátio interior alongado com espaços colectivos semi-públicos e outros privados que, através da delimitação de pequenos quintais, servem as habitações situadas no piso térreo.

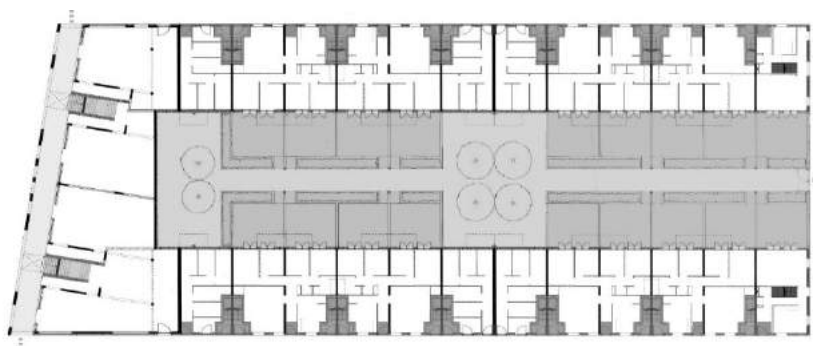


Fig. 52
Plante do Piso Térreo no bloco de habitação adjacente à Hoefkade. O pátio comum, destacado a cinzento divide-se em pequenos pátios privados. Os acessos às habitações estão destacados a negro.

Pátio em Estugarda

Em 1927 é apresentada a *Weißenhofsiedlung*, exposição mundial de arquitectura antecessora e impulsionadora dos encontros do *CIAUM*, que ira comprovar os princípios basilares da arquitectura Modernista, os quais iriam ser consagrados na Carta de Atenas de 1933. Este projecto foi organizado pela *Deutscher Werkbund* - a Federação do Trabalho Alemã fundada em 1907 - que instigada pelas conclusões da obra "*Das Englische Haus*" do arquitecto Hermann Muthesius, tinha como propósito a melhoria da qualidade e competitividade da indústria germânica em relação à sua rival anglo-saxónica. Contemporânea da *Neues Frankfurt*, onde nasceu célebre "Cozinha de Frankfurt", a *Weißenhofsiedlung* pretendia incentivar a indústria da construção, promover a utilização de materiais e técnicas construtivas que permitissem reduzir o custo das habitações, bem como o estudo de novas composições para as Siedlungs alemãs.

Mies Van der Rohe ficou encarregue não apenas do desenho urbano deste bairro limítrofe de Estugarda, como também da seleção dos arquitectos que ficariam responsáveis pelos blocos de habitação, entre os quais estariam Bruno Taut, Le Corbusier ou JJP Oud.

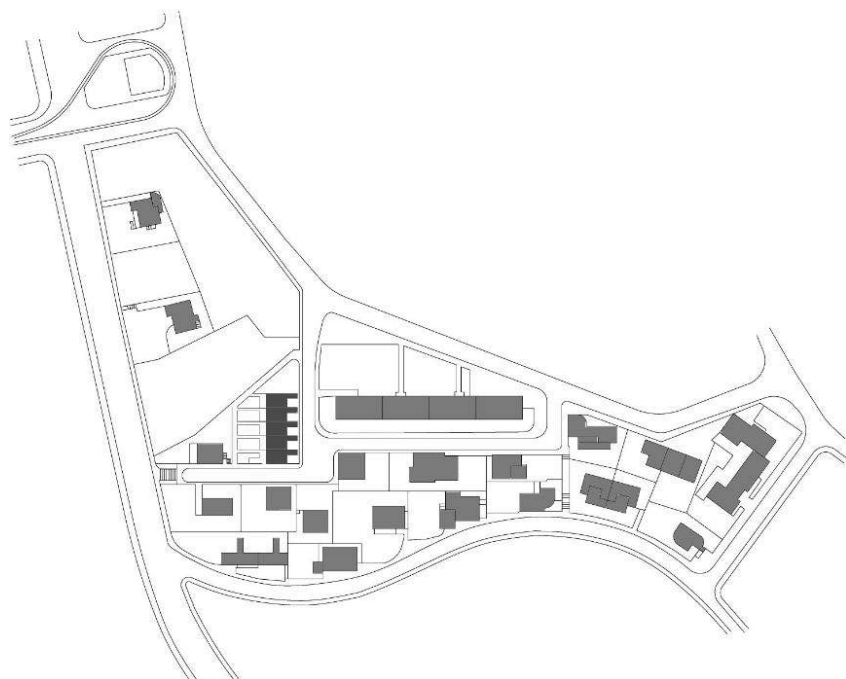


Fig. 53 _ Planta urbana da Weißenhofsiedlung desenhada por Mies Van der Rohe em 1927. Em destaque, a obra do arquitecto JJP Oud: Weissenhof Reihenhäuser

Weissenhof Reihenhäuser

Jacobus Johannes Pieter Oud iria explorar o papel do pátio como instrumento articulador das vivências quotidianas, utilizando dois tipos distintos para resolver os dilemas entre a privacidade e o espaço determinador de usos na habitação. A economia do espaço de distribuição e o seu desenho despojado e geométrico - mais tarde denominado *Neues Bauen* - iriam perpetuar-se através da Bauhaus. O bloco é constituído por 6 casas em correnteza alinhadas com a rua principal a norte e ladeadas a sul por um caminho que atalha pelo interior do quarteirão delimitando os pátios exteriores. Cada fogo tem cerca de 140m² divididos entre o 2º Piso, com as divisões de uso privado, o piso intermédio que contém uma zona de trabalho e o Rés-do-Chão, lugar colectivo com os espaços servidores. A fachada adjacente à rua principal contém uma entrada para o pátio utilitário que comunica com o espaço servidor. Seria este pátio, austero e funcional, que resolveria os acessos verticais para os quartos e para a área de trabalho, permitindo uma ambiência privada para a sala-de-estar que se estende no pátio da fachada Sul, verdejante aberto ao exterior.



Fig. 54 _ Fachada Norte da Weissenhof Reihenhäuser

Página seguinte

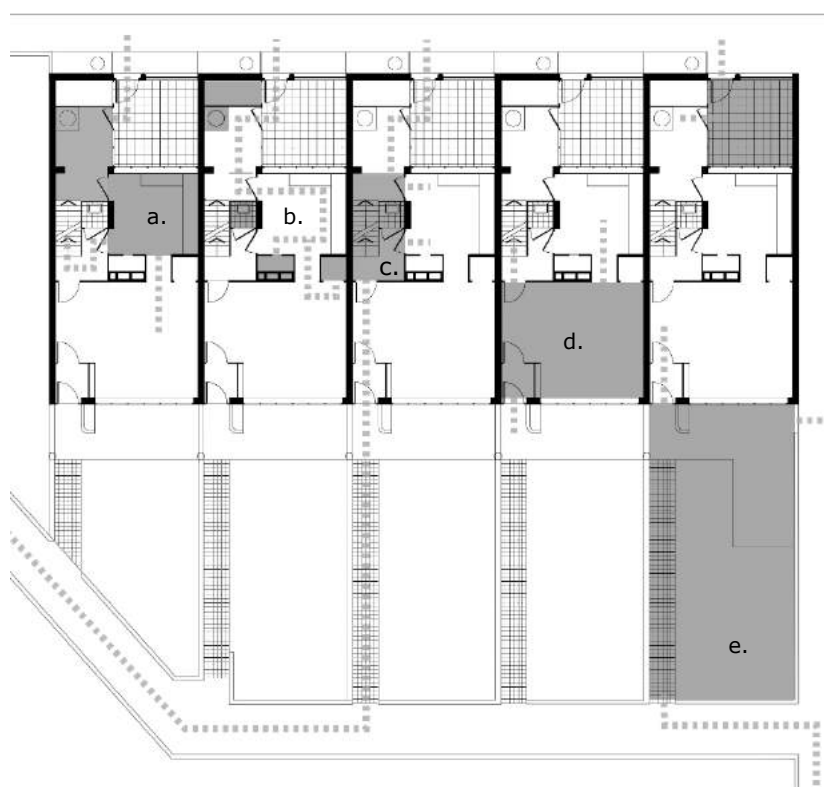
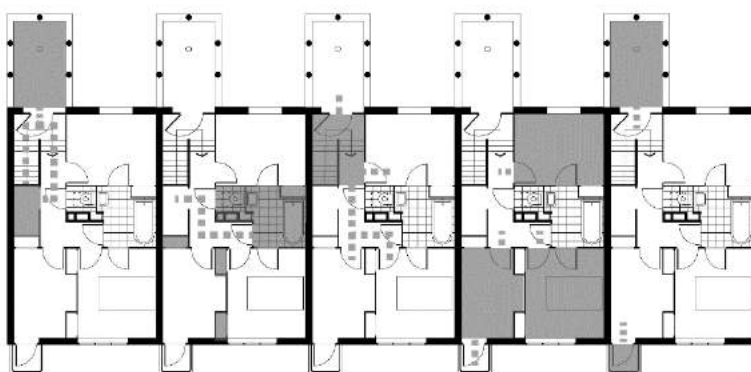
Fig. 55 _ Alçado Sul. Entrada nobre pelo pátio.

Fig. 56
Planta do 1º Piso.

Fig. 57
Planta do Piso Térreo

- a. Espaço Servidor
- b. Águas
- c. Acessos
- d. Espaços Colectivos
- e. Espaços de Transição

Este pátio ajardinado assume-se como espaço de transição entre o interior privado e o exterior público. Uma harmoniosa gradação entre a intimidade doméstica e a vida pública que flui do espaço colectivo privado para o espaço colectivo público, atravessando vários espaços intermédios entre as veredas e as azinhagas até alcançar finalmente a rua.



Pátio nos Capuchos

O edifício do antigo Convento de Santo António dos Capuchos domina o promontório ocidental da Colina de Santana sobre o anteriormente denominado Valverde. A sua traça geométrica organiza-se em redor de um pátio claustral, hoje já desvirtuado da forma original, austera, de origem Chã, tal como o resto do edifício. Este dividia-se em duas secções, a espiritual, rodeando o pátio pelo lado Sul e encaixando-se a Norte na fachada lateral da igreja, e a mundana, orientada para leste a partir da fachada da igreja, que encerra *uma alameda bordada de árvores silvestres*⁵² com início no antigo Campo Santana.

O tecido urbano que envolve o Convento dos Capuchos fragmenta-se em pequenos lotes irregulares, condicionados pela topografia e pelo traçado irregular das artérias que descem até à Avenida da Liberdade e à Avenida Almirante Reis. É reconhecível, através da leitura do edificado, a repetição da topologia dos pátios nos lotes, principalmente no bairro do Andaluz ou no bairro de Santana, muitos deles já cobertos por lanternins ou ocupados por anexos.



⁵² “*Livro dos Inventários, Hábitos e Profissões do Convento de Santo António dos Capuchos de Lisboa*”, *Província de Santo António*. p.384

Estes pátios, maioritariamente de carácter privado, funcionam como instrumentos de articulação entre a rua e a moradia, ou entre divisões da própria casa.

No limite oriental da Rua do Passadiço surgem, entalados entre a rua e a cerca do Convento dos Capuchos, dois palácios de pequenas dimensões, constituídos por um tipo de pátio comum no centro histórico lisboeta. De dimensão humilde, este pátio é desenhado, não apenas com o objectivo de contornar o problema do relevo, trazendo iluminação e ventilação à fachada orientada para tardoz, como também de configurar um espaço nobre de distribuição entre divisões, um espaço de transição entre os pisos da moradia e o jardim localizado no interior do quarteirão.

Página anterior

Fig. 58 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos. Pátios pré-existentes destacados a negro. Pátios propostos destacados a castanho.

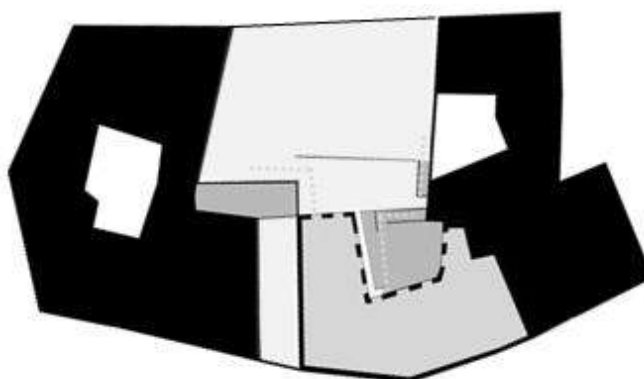
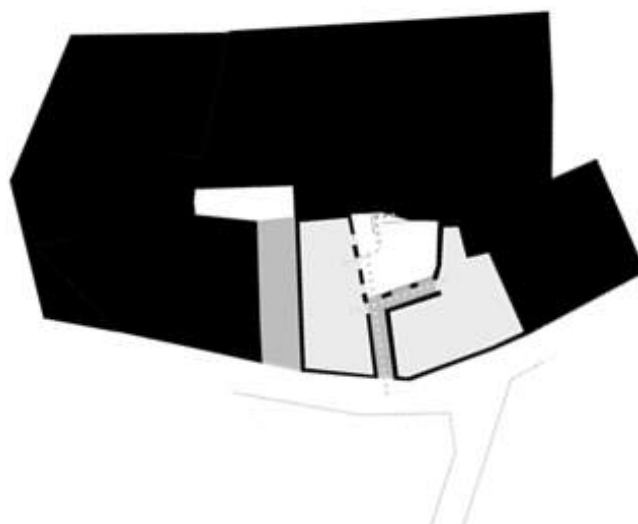


Fig. 59
Nº26 da Rua do Passadiço

Piso Superior
Acesso do palácio para o jardim

Piso Térreo
Entrada desnivelada pela Rua do Passadiço, de acesso a uma galeria distributiva adjacente ao pátio que faz por sua vez a transição entre a cota inferior e a cota do jardim.



Pátio Público

O bloco de habitação proposto é dominado por uma relação hierárquica de pátios que temporizam o processo de transição entre o território Colina de Santana e o recinto dos Capuchos, integrando-o na cidade, ao mesmo tempo que o abrigam. A sua forma é moldada pelo encontro entre duas estruturas alongadas que se assemelham a um quarteirão irregular pontuado por dois pátios claustrais de grande dimensão. Estes têm um carácter maioritariamente público, estando rodeados por estabelecimentos de comércio e serviços, no piso térreo e nas semi-caves.

Os seus atravessamentos, perpendiculares às ruas que servem o recinto, são largos mas não directos, convidando a circulação pelo pátio ou pela arcada que o limita, permitindo apenas um vislumbre do edificado histórico adjacente. Este trajecto que se propõe, barreira indefinida das conturbações urbanas, encaminha o transeunte para uma realidade singular, um recinto guardado pela cidade e filtrada pelos pátios claustrais.

Os alçados que delimitam os pátios claustrais procuram resguardar a privacidade das habitações, conseguindo, através do recuo da fachada e da orientação dos vãos, a captação de luz e de um enquadramento urbano harmonioso.

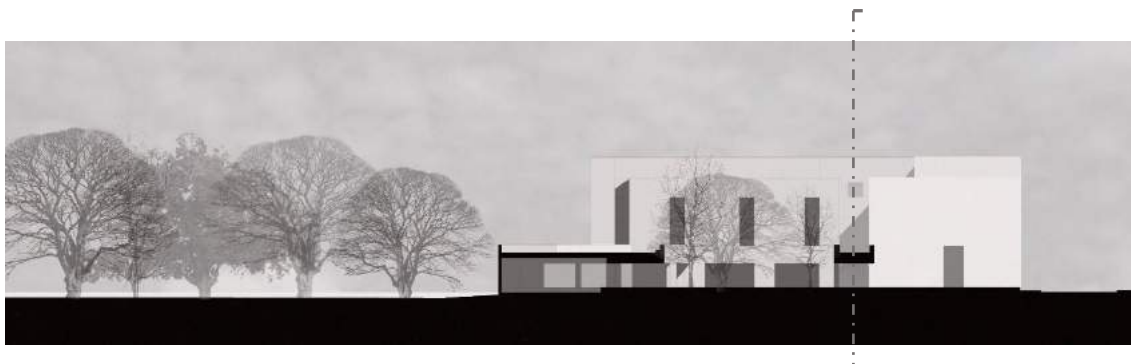
Fig. 60 _ Corte/Alçado pelo pátio de carácter público, no edifício de habitação nos Capuchos.

Página seguinte

Fig. 61 _ Planta de Implantação do Projecto de Reabilitação dos Capuchos.
Em destaque surge o quarteirão:
Pátio público a vermelho.
Pátio transição a laranja.

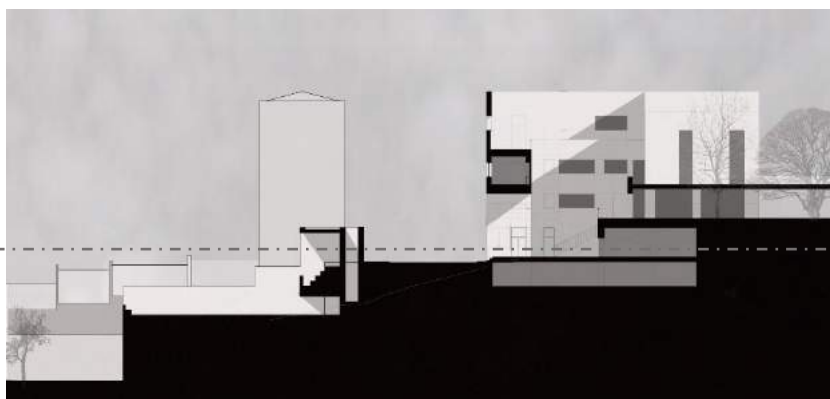
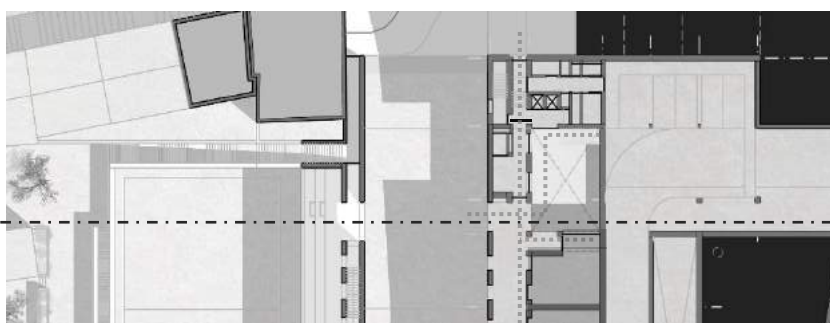
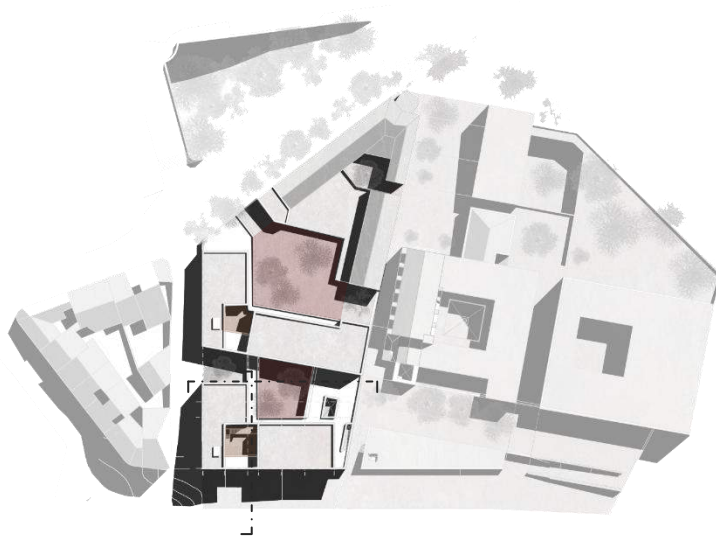
Fig. 62 _ Planta do piso térreo em semi-cave, centrado no pátio de transição entre a cota da rua que envolve a área do centro comunitário e do edifício de habitação.

Fig. 63 _ Corte através do pátio de transição entre a rua e o pátio de carácter público.



Pátio de Transição

Por sua vez, os pátios localizados nas esquinas e posicionados num patamar inferior possibilitam uma transição gradual entre cotas, criando um espaço controlado, com um ambiente de maior intimidade, que faz a articulação entre o pátio público, as galerias e as moradias, um filtro de privacidade que extravasa os limites que o definem. Um espaço arquitectónico com uma escala que pretende celebrar o ambiente quotidiano.



Corredor

O corredor de acesso ao pátio tardoz é reconhecível na memória do edificado lisboeta pelas suas dimensões e pelo formato característico dos seus portões, verdes e com a tinta a desfolhar. Na reconstrução do Chiado, o arquitecto Siza utiliza o corredor como peça fundamental do quarteirão, concentrando em si, não só a comunicação com os pátios, mas também os pontos de acesso às habitações. Estes são também responsáveis pela transição dos desníveis, sendo parcialmente ocupados por escadarias largas que vencem drasticamente a topografia, articulando-se com os pontos de acesso e com os estabelecimentos de comércio para si orientados.

A fachada poente do conjunto de habitação, proposto para os Capuchos, apresenta uma continuidade linear, sendo perfurada pela galeria, ao longo da sua extensão, e pelo arco que contrasta, pela sua forma e pela sua escala, com a métrica dos vãos que o rodeiam, pois este celebra o caminho para uma diferente espacialidade, contida no seu interior⁵³.

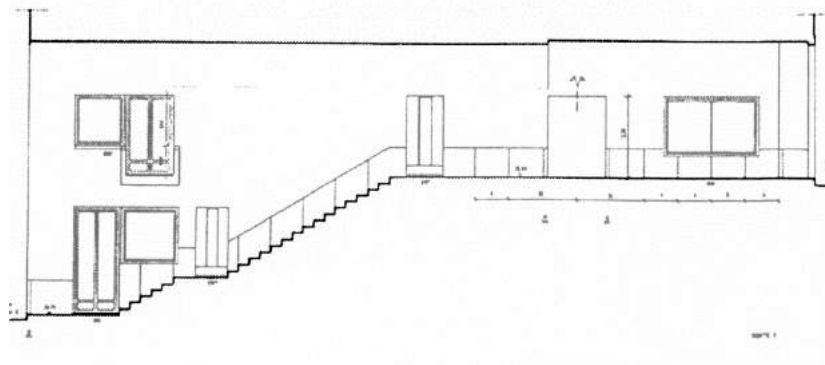
Este percurso incorpora o pátio de transição, que molda a escada para o patamar superior pelos seus limites, uma solução de génese vernacular que persiste nos pátios tradicionais de Lisboa.

⁵³ SIZA VIEIRA, Álvaro *in* entrevista RTP



Fig. 64 _ Desenho do acesso ao interior do Pátio B a partir da Rua do Carmo, no projecto de reconstrução do Chiado do arquitecto Álvaro Siza Vieira.

Fig. 65 _ Corte pelo acesso em túnel num Quarteirão no Chiado, que faz a ligação entre a Rua Ivens e o Pátio A.



Galeria

O espaço que separa o interior do exterior, a soleira, é alargado através da materialização da galeria. Esta cria um momento de transição acentuado por uma via transversal que desenha um limite difuso entre o espaço público e o privado.

A galeria inspira-se nos arcos redescobertos na estrutura do centro de dia do hospital, resquício de uma arcada que sustentava a fachada Sul do convento dos Capuchos. Esta tem o seu início no anteriormente intitulado 'pátio de transição' orientando-se para sul, adjacente ao prolongamento da Rua Nogueira de Sousa até alcançar o largo. Este trajecto, que envolve o recinto dos Capuchos, altera as suas dimensões durante o percurso, moldando-se ao carácter e à função do edificado que serve, variando entre



Página anterior

Fig. 66 _ Ilustração de uma galeria em arcada.

Fig. 67 _ Fotografia da arcada orientada a Norte no edifício do Centro Cultural de Belém.

Fig. 68 _ Fotografia da arcada que apoia o alçado Sul do braço Norte do Santuário de Nossa Senhora do Cabo Espichel.



Fachada

O alçado principal, mantém uma relação directa com o limite da Cerca conventual, este ao libertar-se do controlo compositivo que o domina na rua histórica, constrói, nos pisos superiores, um dinamismo complexo, que faz adivinhar a complexidade tipológica que se esconde nos largos vãos rasgados.

Os casos de estudo, particularmente a obra do arquitecto Álvaro Siza Vieira, influenciaram a composição do alçado, nomeadamente o ponto de articulação entre o 'pátio de transição', a galeria e o acesso às habitações.

Outro aspecto importante das novidades, está no aparecimento de grandes arcos (...) de acesso a esses espaços de interior criados, e aí, o desenho das fachadas é rompido, e surgem elementos de escalas diferentes que vão certamente marcar bastante o desenho das fachadas e eu aí não sinto qualquer prurido ou receio em violentar o desenho de fachada pombalina (...) esse buraco é desenhado pelo fluxo de pessoas que irá passar (...)

Álvaro Siza Vieira in entrevista RTP

Deste modo, destaca-se a excepção geométrica no alçado, onde a galeria, que se estende por toda a área de intervenção, termina num arco que pontua esse final e abre lugar à visualização do pátio, situado atrás da fachada, um caminho para uma nova realidade.

Fig. 69 _ Alçado poente do edifício de habitação colectiva projectado para os Capuchos.

Página seguinte

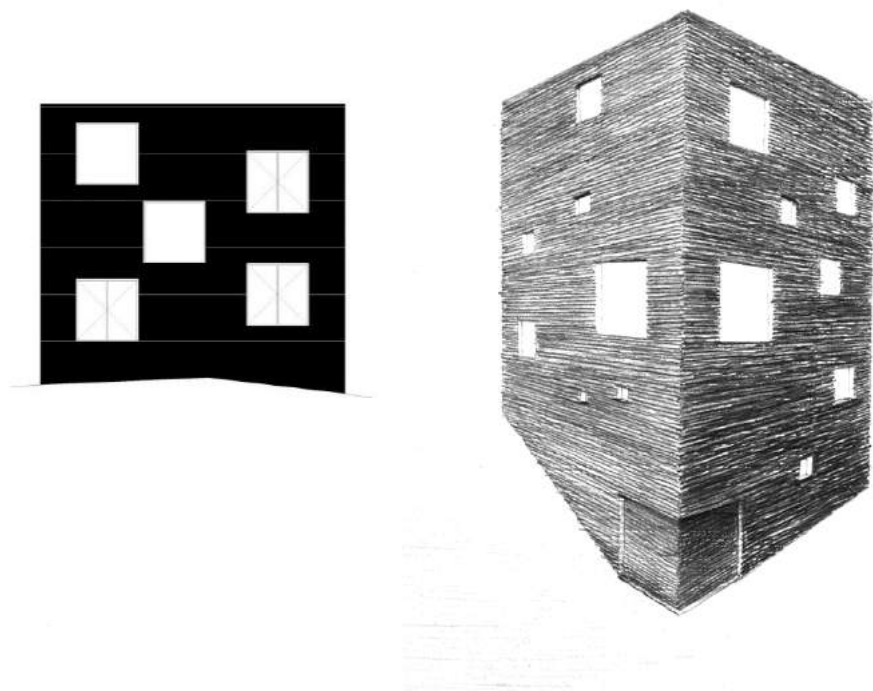
Fig. 70 _ Alçado da Casa Gago, Von Ellrichshausen

Fig. 71 _ Desenho do projecto da Casa Gago, Pejo Von Ellrichshausen.

Fig. 72 _ Fotografia da fachada Sul do bloco de habitação adjacente à Vaillantlaan, Álvaro Siza.

Fig. 73 _ Indian Institute of Management, Ahmedabad. Louis Khan.





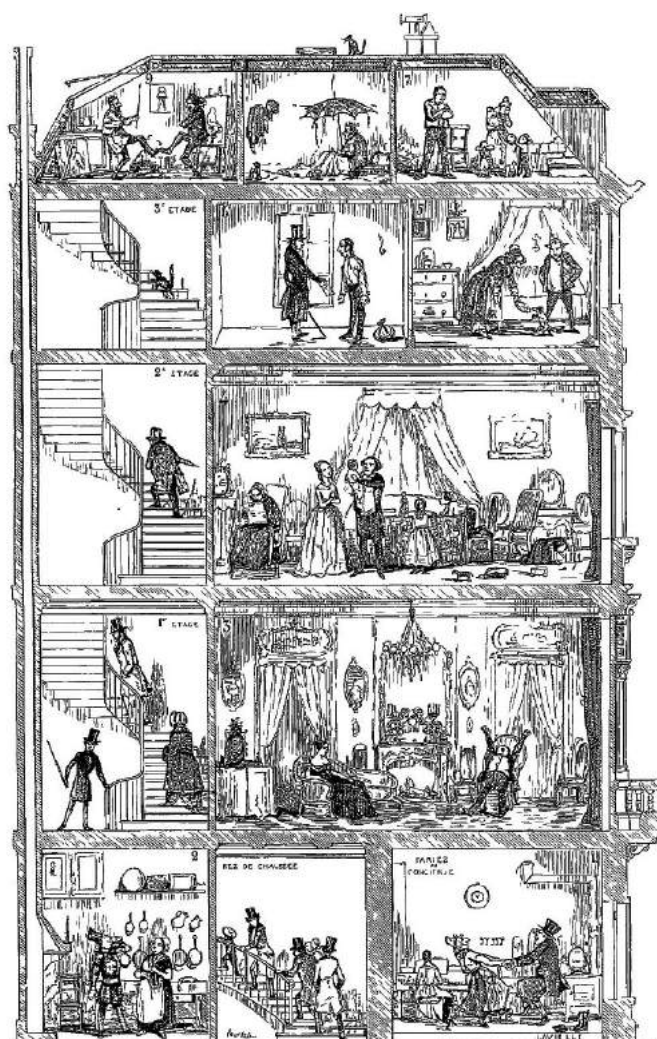
Tipologia

A heterogeneidade tipológica apresentada pela secção da figura 72 pretende celebrar a co-existência de classes sociais e tipologias contrastantes. Por outras palavras, a proximidade e vizinhança entre o piso nobre e as estreitas águas-furtadas, e a convivência dos que ali habitam, constrói um tecido socio-económico harmonioso e que, por essa razão pretendemos representar.

Como referido anteriormente, esta heterogeneidade teve na Paris Haussmanianna e nos *Mietkasernen* de Berlim, um papel atenuador em relação à suburbanização e gentrificação provocada pela regeneração dos tecidos urbanos, conservando parte das classes sociais menos abastadas no centro da cidade. Esta hierarquização vertical não evitaria, contudo, a inflação crescente das moradias dos centros urbanos, estando exposta aos reflexos do coeficiente entre oferta e procura, como de resto qualquer imóvel. Porém, as pequenas tipologias, mesmo tendo o preço desajustado às suas dimensões, seriam continuamente ocupadas, quer por funcionários do próprio prédio, quer por estudantes e artistas, com menos necessidade de espaço ou comodidades. 'Os andares nobres', por sua vez, permitiram uma fonte segura de financiamento e ocupação, por uma classe privilegiada que por razões *status* tirava benefício de uma localização central ou das características únicas do lugar, assegurando o funcionamento do sistema.

Deste modo, propõe-se uma diversidade de tipologias, entre o T1 e o T5, com o intuito de potenciar a formação deste tecido social complexo, como aquele que outrora habitou os bairros tradicionais de Lisboa.

Fig. 74 _ 'Coupe d'une Maison Parisienne, le 1er Janvier 1845' - Hierarquização social vertical corrente nos edifícios de habitação Parisienses, que se iria consolidar através do regulamento de construção desenhado por Haussmann em 1862.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação teve como propósito a reflexão sobre a forma e as potencialidades da reabilitação urbana enquanto resposta à deterioração do habitar na cidade contemporânea.

Ao longo deste processo, foram examinados diversos fenómenos urbanos que ao longo do tempo transfiguraram a fisionomia da área metropolitana da capital portuguesa, avaliando as suas virtudes e imperfeições, colocando-as em perspectiva através da análise da sua análoga alemã.

*A arquitectura não pode ser outra coisa senão o interesse pela vida quotidiana, tal como é vivida por todas as pessoas; é como o vestuário, que não deve apenas nos vestir, mas ajustar-se bem a nós.*⁵⁴

A maneira como os cidadãos interagem em comunidade é decisivamente influenciada pela génese e pelas qualidades do espaço em que habitam. A arquitectura deve construir *lugares* para o quotidiano, espacialidades que promovam a transição gradual da *distância pública* para a *distância social*, permitindo a formação de laços comunitários, um sentimento de pertença e a uma identidade conjunta.

Hoje, desenhar a cidade e nela intervir é também compreender e conhecer a cidade antiga e a cidade moderna, a sua morfologia e processos de formação⁵⁵.

Este princípio revela-se fundamental na *regeneração* de um território metropolitano, que se quer policêntrico, e que deve através da arquitectura procurar *coser* o tecido urbano, de tempos e dinâmicas heterogéneas, de modo a reurbanizar a cidade extensiva, mas também com o objectivo de criar centralidades relativas, dinamizando e reconhecendo uma identidade específica ao bairro, que se deve fortalecer.

⁵⁴ HERTZBERGER, Herman (1991); *Lessons for Students in Architecture*, trad. Ina Rike, Roterão: CIP, p174

⁵⁵ LAMAS, José Garcia (2000); *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*; Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p28

*A nossa percepção do urbano, o modo como o experimentamos e compreendemos, torna-se cada vez mais independente da realidade física - da localização real, da proximidade, do percurso. Faz-se de flashes, do constante bombardear de mensagens, de imagens sem lugar, de estímulos preceptivos nómadas*⁵⁶

Neste sentido, a gestão do programa torna-se essencial para servir as necessidades da população, solucionando através da arquitectura o recolher de vivências e a estruturação do espaço local, através de marcos inteligíveis e de marcação identitária forte, apelando à participação e implicação dos habitantes⁵⁷ e criando uma pluralidade de usos capaz de enriquecer o espaço urbano e interliga-lo com a rede de fluxos que alimenta a cidade cosmopolita.

(Número de palavras: 19164)

⁵⁶ SOLÀ-MORALES, Ignasi (1996) Diferencias. Topografía de la Arquitectura Contemporánea. Barcelona: Gustavo Gili p22

⁵⁷ PORTAS, Nuno; CABRAL, João; DOMINGUES, Álvaro (2007); Políticas Urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades; Lisboa: CEFA/FCG 2ª; p243

BIBLIOGRAFIA

Monografias

ASCHER, François; APEL-MULLER, Mireille (2007). *La rue est a nous... tous*. Paris: Au diable vauvert, 2007. ISBN: 978-2-84626-129-6

BAÍA, Pedro. coord. (2008). *Berlim Reconstrução Crítica*. Porto: Circo de Ideias, 2008. ISBN:978-989-95995-0-5

BOURDIN, Alain (2009); *O Urbanismo Depois da Crise* trad. Margarida Lôbo; Livros Horizonte: Lisboa, 2011; ISBN 978-972-24-1706-8

CAPITEL, Antón (2005); *La Arquitectura del Patio*. Barcelona: Gustavo Gili; 2005. ISBN: 84-252-2006-8

COLENBRANDER, Bernard (1990). *Chiado, Lissabon: Alvaro Siza en de strategie van het geheugen* [Chiado, Lisbon: Alvaro Siza and the strategy of the memory]. Trad. Michael O'Loughlin. Roterdão: Dutch Architectural Institute, 1990. ISBN:

FRANÇA, José Augusto (1989). *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*. 1ª Edi.. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989

HALL, Edward, (1986); *A Dimensão Oculta*; trad. M.S. Pereira; Lisboa: Relógio D'Água, p202

HERTZBERGER, Herman (1991). *Lessons for Students in Architecture*. Trad. Ina Rike. Roterdão: CIP, 1991. ISBN: 90-6450-100-9.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (1997). *A invenção das tradições*. Trad. Celina Cavalcante. 6º Edi. São Paulo: Paz e Terra, 2008. ISBN: 978-85-7753-060-1

LAMAS, José (1995). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. ISBN: 972-31-0903-4

LAMAS, José (2001-2003); DIAS COELHO, Carlos (2003-2007); *A Praça em Portugal – Inventário de Espaço Público*. DGOT/DU: Lisboa, 2007 ISBN: 978-972-8569-39-6

LEFEBVRE, Henri (1968). *O Direito à Cidade*. 5ª Ed. São Paulo: Centauro Editora, 2009. ISBN: 978-85-88208-97-1

MUMFORD, Lewis, (1961). *The City in History*. Trad. Neil R. da Silva. 2ªEd. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1990. ISBN: 0-15-618035-9

PORTAS, Nuno, (1968). *A Cidade como Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, 1968. ISBN: 972-24-1463-1

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João (2003). *Políticas Urbanas. Tendências, estratégias e oportunidades*. Lisboa: CEFA/FCG, 2003. ISBN: 972-31-1061-X

PORTAS, Nuno; DOMINGUES, Álvaro; CABRAL, João (2011). *Políticas Urbanas II - Transformações, regulações e projectos* CEFA/FCG, 2011. ISBN: 978-972-3113822

ROBERTS, Peter; SYKES, Hugh (2000). *Urban Regeneration: a Handbook*. London: SAGE, 2003. ISBN: 0-7619-6717-6.

ROSSI, Aldo, (1977). *L'Architettura della Città* [A Arquitectura da Cidade]. Trad. J.C. Monteiro. Lisboa: Cosmos, 2001. ISBN: 972-762-126-0

SIZA VIEIRA, Álvaro (2013); *Chiado em Detalhe*; Verbo: Lisboa, 2013 ISBN:9789722230971

SOLÀ-MORALES, Ignasi (1995). *Diferencias. Topografía de la Arquitectura Contemporánea*. Barcelona: Gustavo Gili, 1996. ISBN: 84-252-1663-X

SOLÀ-MORALES, Ignasi (1996). *Present and Futures. Architectures in the Cities*. Trad. Mark Waudby. Barcelona: CCCB, ACTAR, Col·legi d'Arquitectes de Catalunya, Comité d'Organizació del Congrès UIA Barcelona, 1996. ISBN: 848-969-810-4

VENTURI, Robert (1966). *Complexity and Contradiction in Architecture*. New York: Museum of Modern Art, 1990. ISBN: 0-85139-111-7.

Publicações Periódicas

BARREIROS, Maria. (2004) "*Casas em cima de casas*" – apontamentos sobre o espaço doméstico da baixa Pombalina, in Monumentos nº21, Lisboa: Setembro, 2004 ISSN: 0872-8747

LOURO, Margarida (1999). *A re(visão) da memória na cidade destruída síntese crítica sobre o plano de intervenção actual* em GEHA 2, 1999. ISBN:0874-2898

LOURO, Margarida (1998). *Fragmentos de cidade: a reinvenção de Berlim*, in ARTITEXTOS 03 *Arquitectura, Urbanismo, Design e Moda*. Lisboa: CEFA - Centro Editorial da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 2006. ISBN: 972-97354-7-6

MONTEYS, Xavier, [et al] (2011). *Rehabitar. en nueve episodios [1]*. Madrid: Ministerio de Fomento, 2011.

PORTAS, Nuno (1959). "*Conceito da Casa em Pátio como Célula Social*", in *Revista Arquitectura* nº 64. Lisboa, 1959.

PARDAL, Sidónio (2003). "*A Baixa Pombalina como Marco na História da Planificação das Cidades*" in *A Baixa Pombalina e a sua Importância para Património Mundial*. Lisboa, 2003.

Teses e Provas de Mestrado

CAVACO, Cristina. *Formas de Habitat Suburbano: Tipologias e modelos residenciais na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Tese de doutoramento

GAGO, Catarina Wall. *Habitação na Baixa Pombalina Análise de Tipos e Estudo de Intervenções*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa, 2007. Tese de Mestrado

LOURO, Margarida. *Memória da Cidade Destruída*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa, 1998. Tese de mestrado

MASCARENHAS, Jorge. *A study of the design and construction of Buildings in the Pombaline Quarter of Lisbon*. Pontypridd: University of Glamorgan, 1996. Texto policopiado. Tese de Doutoramento

VALLE, Sandra. *Cultura e Regeneração Urbana: Usos e Actividades Artísticas em zonas urbanas degradadas*. Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2008. Tese de Mestrado

Sites

<http://debaterlisboa.am-lisboa.pt/551000/1/index.htm>

[consultado em: 03/12/13. 20:32h]

<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.014/866>

[consultado em: 09/01/14. 17:03h]

<http://www.architectureinberlin.wordpress.com/page/9>

[consultado em: 16/12/13. 14:42h]

<http://jimhudsonwriting.wordpress.com/2009/10/13/blueprint-magazine-comment-piece/> [consultado em: 22/12/13. 09:23h]

<http://www.publico.pt/temas/jornal/o-interprete-ideal-26981924>

[consultado em: 14/12/13. 14:13h]

<http://p3.publico.pt/vicios/em-transito/11282/barcelona-abre-sua-monumental-caixa-de-joias-modernistas>

[consultado em: 04/03/14. 15:20h]

<http://www.publico.pt/local/noticia/programas-de-accao-territorial-tem-tido-reduzida-ou-quase-inexistente-aplicacao-1631040>

[consultado em: 19/04/14. 11:15h]

<https://colinadesantana.wordpress.com/2014/02/06/o-impacto-urbanistico-social-e-habitacional-balanco-da-3a-sessao>

[consultado em: 23/05/14. 14:17h]

<http://www.publico.pt/local/noticia/criticas-a-falta-de-uma-visao-de-conjunto-e-a-actuacao-da-camara-de-lisboa-em-mais-um-debate-sobre-a-colina-de-santana-1622402> [consultado em: 24/05/14. 18:43h]

http://www.santpau.es/Pla_Estrategic_2012-2016.pdf 1622402

[consultado em: 03/06/14. 12:02h]

http://www.barcelonaturisme.com/Sant-Pau-Recinte-Modernista/_3Ngb8YjSpL3U56ScBHOWcxpDev_Vr2xeFZStWbbyBWSbz5Kiwv_x_SqXK7pk5R [consultado em: 03/06/14. 15:22h]

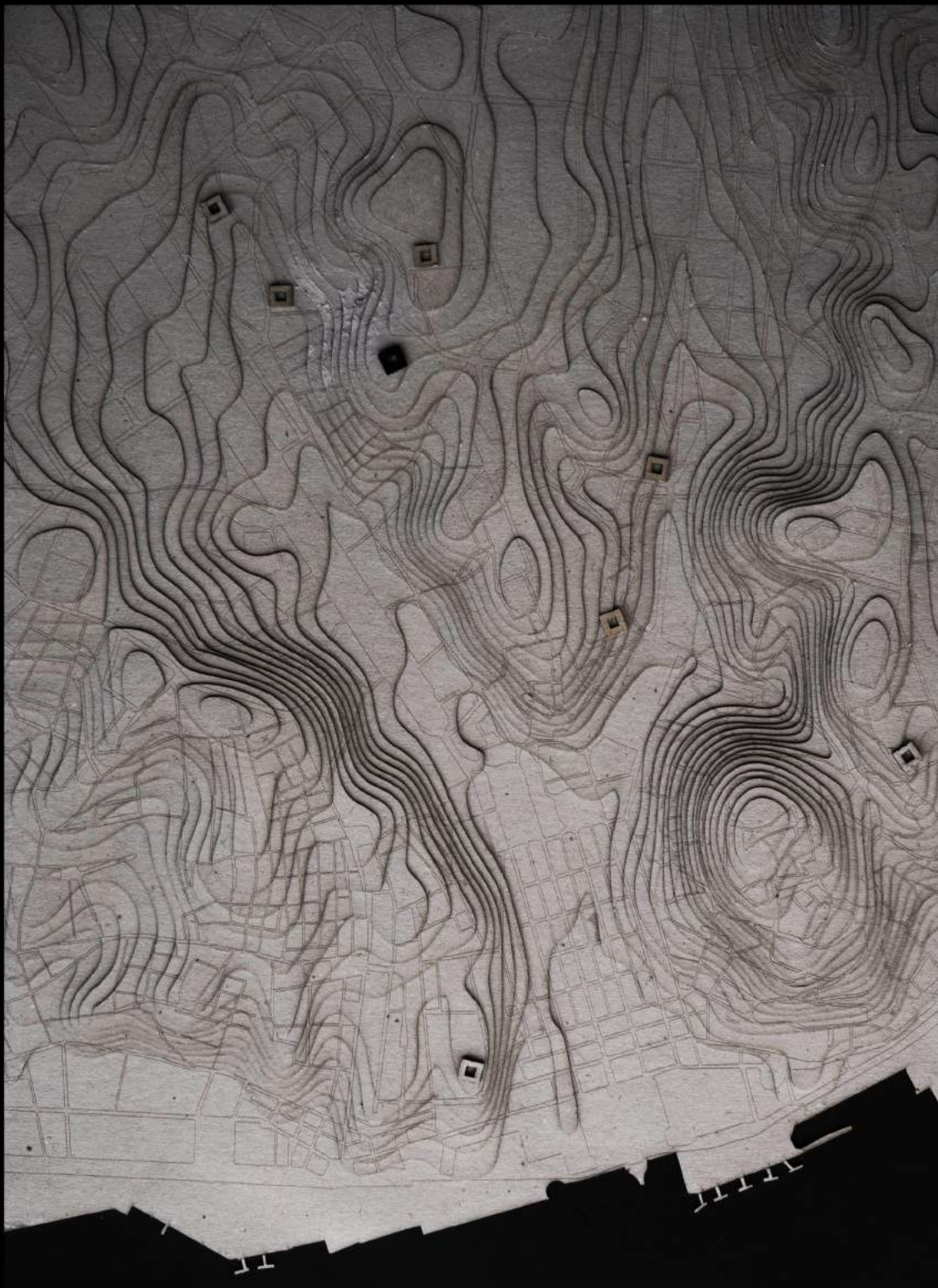
<http://yustingarcia.blogspot.com.es/2011/11/la-casa-romana.html>

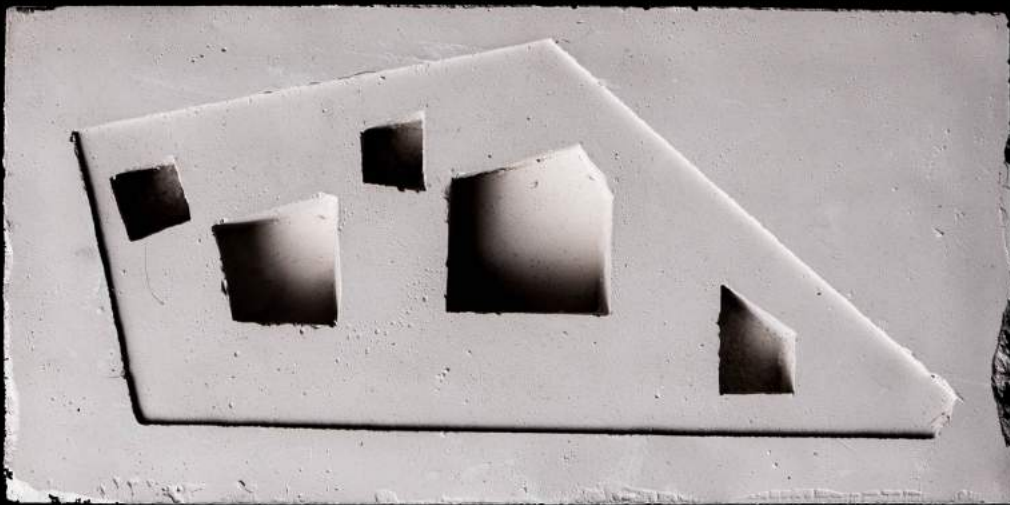
[consultado em: 14/06/14. 18:17h]

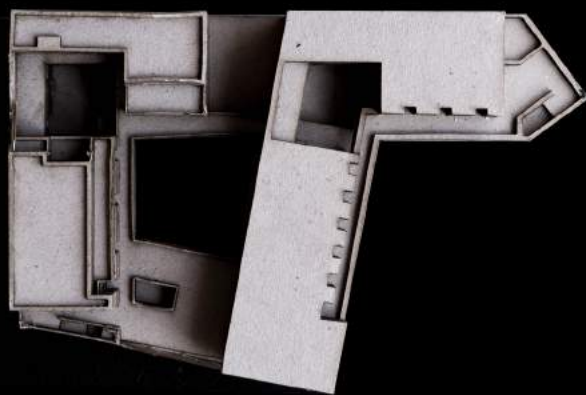
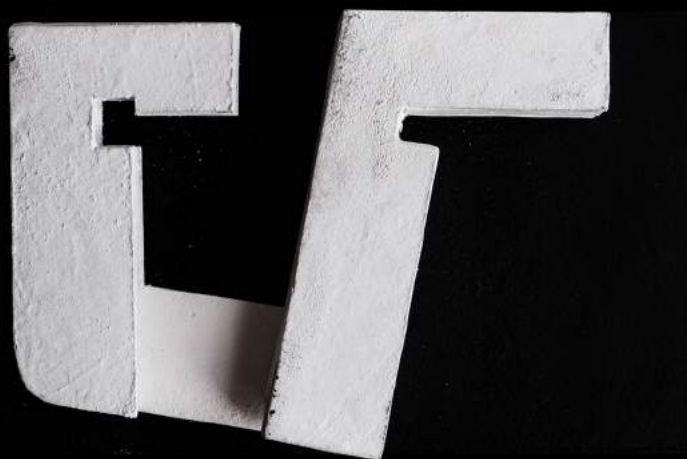
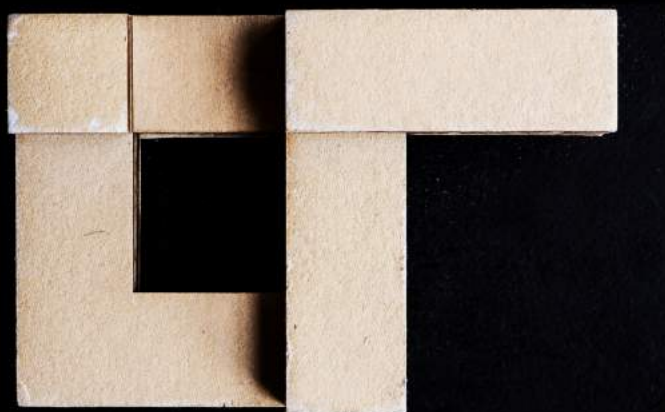
ANEXOS





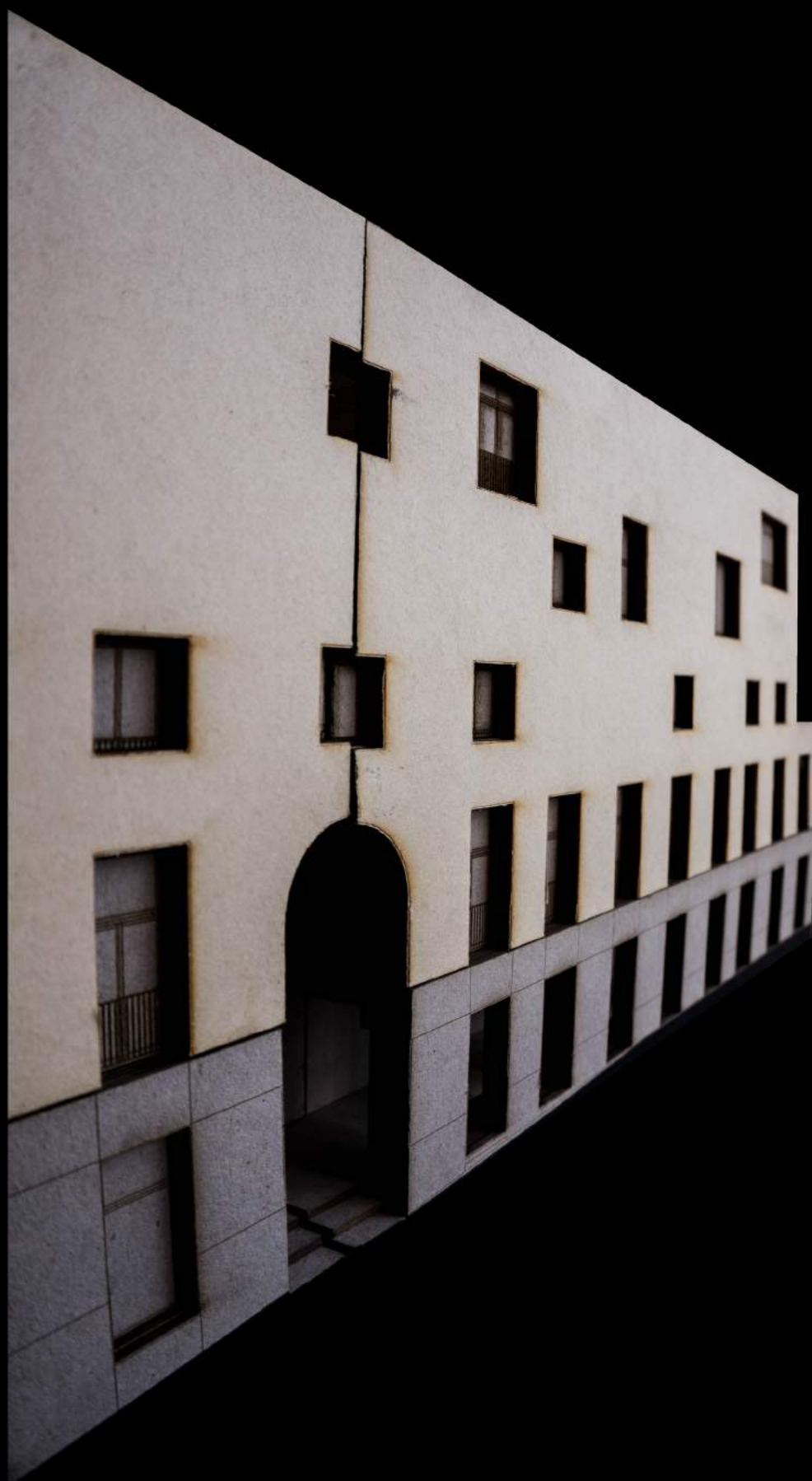




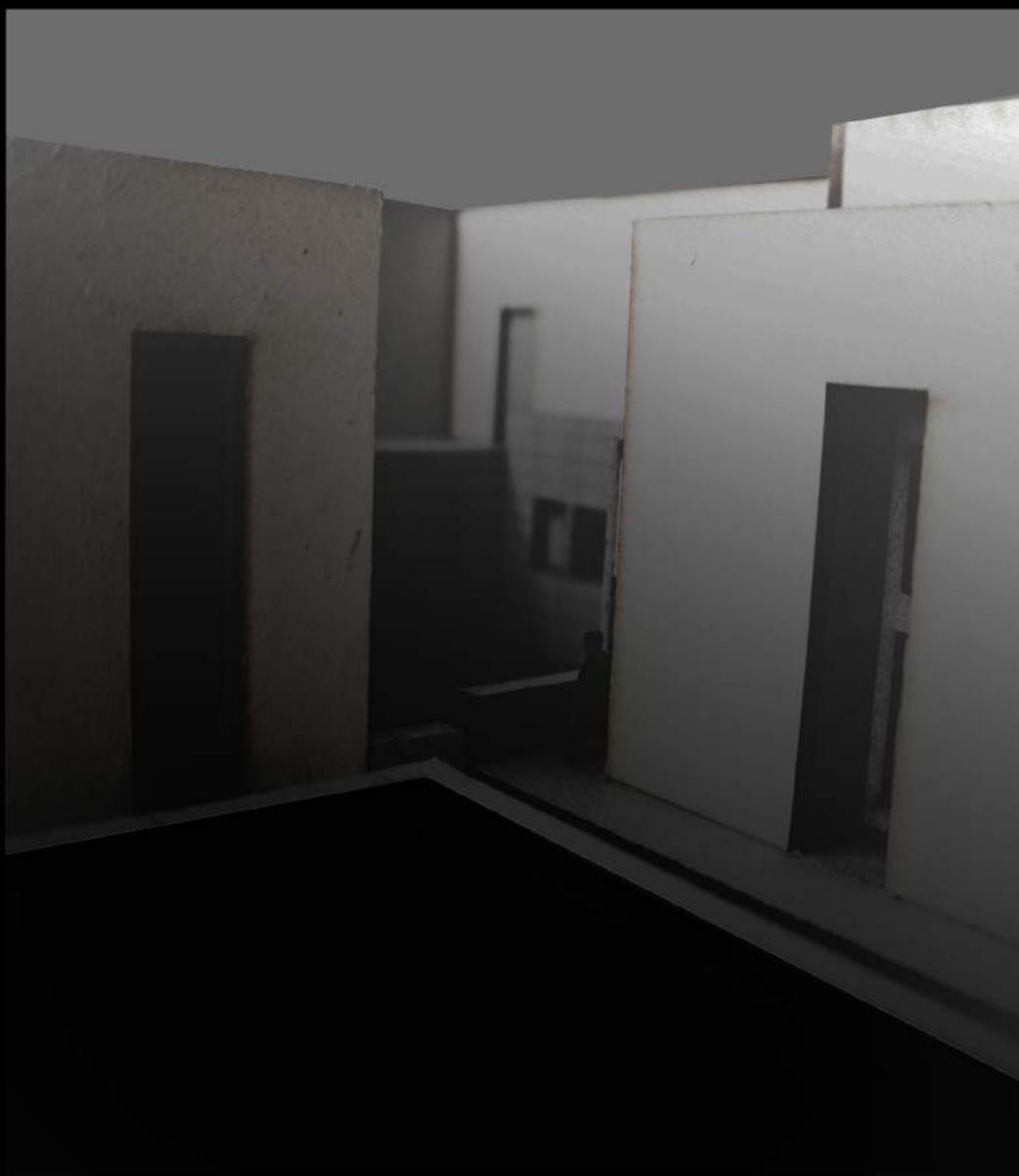














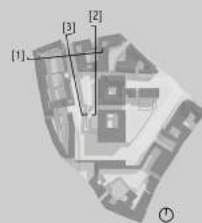
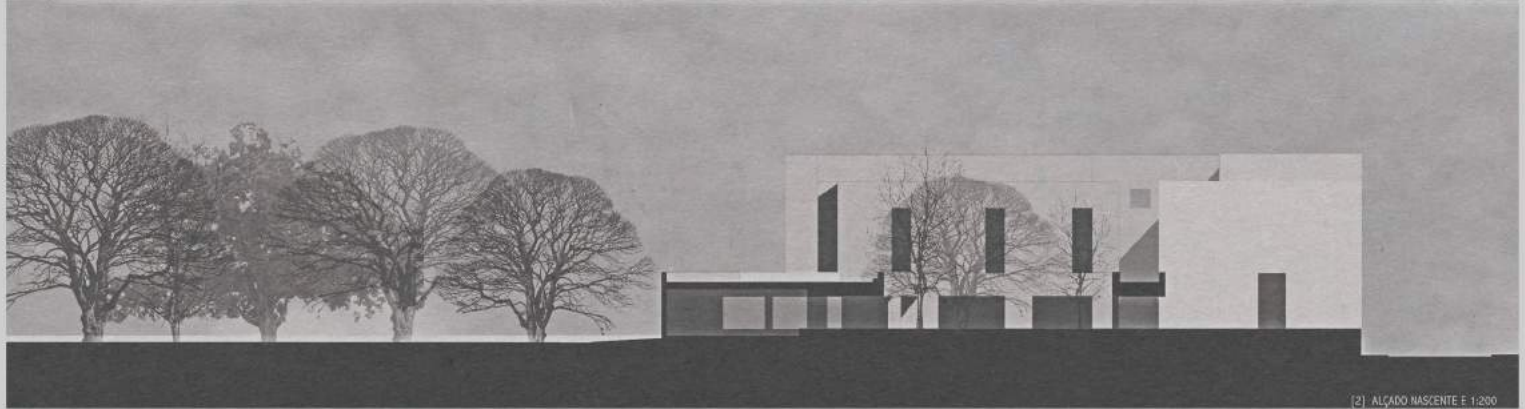
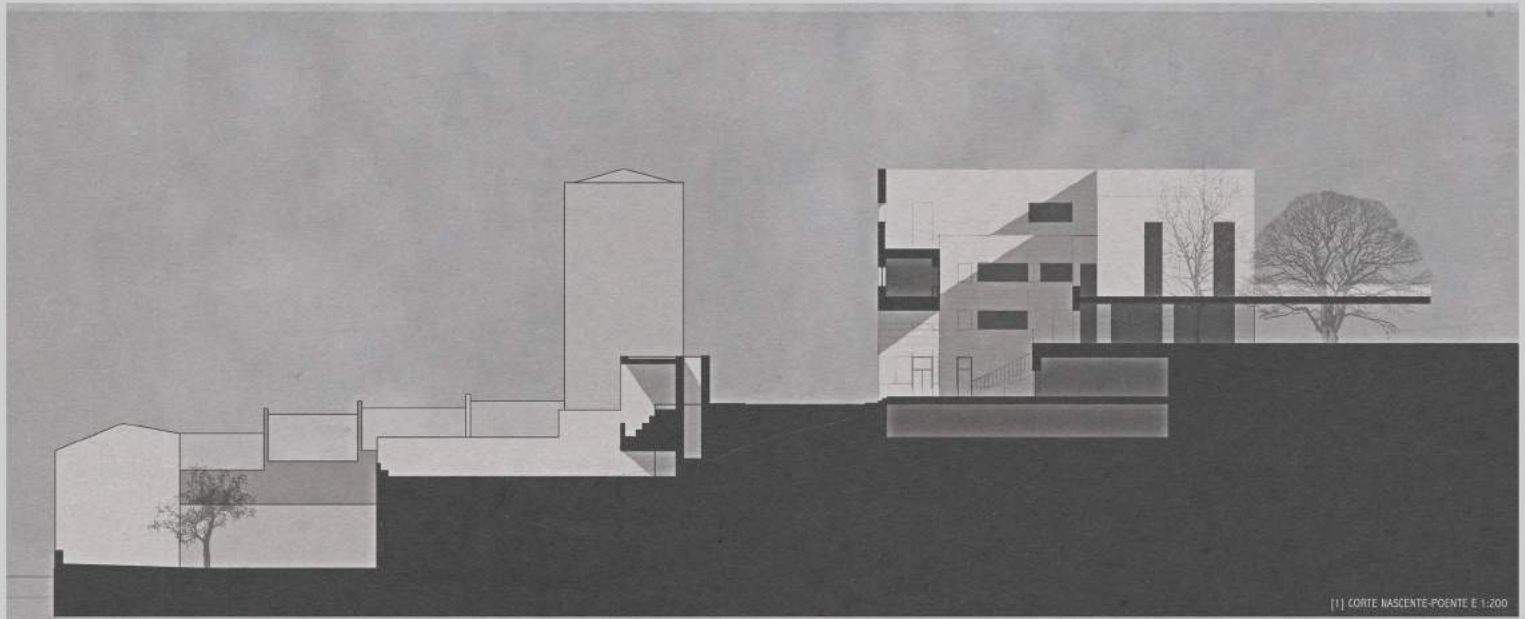






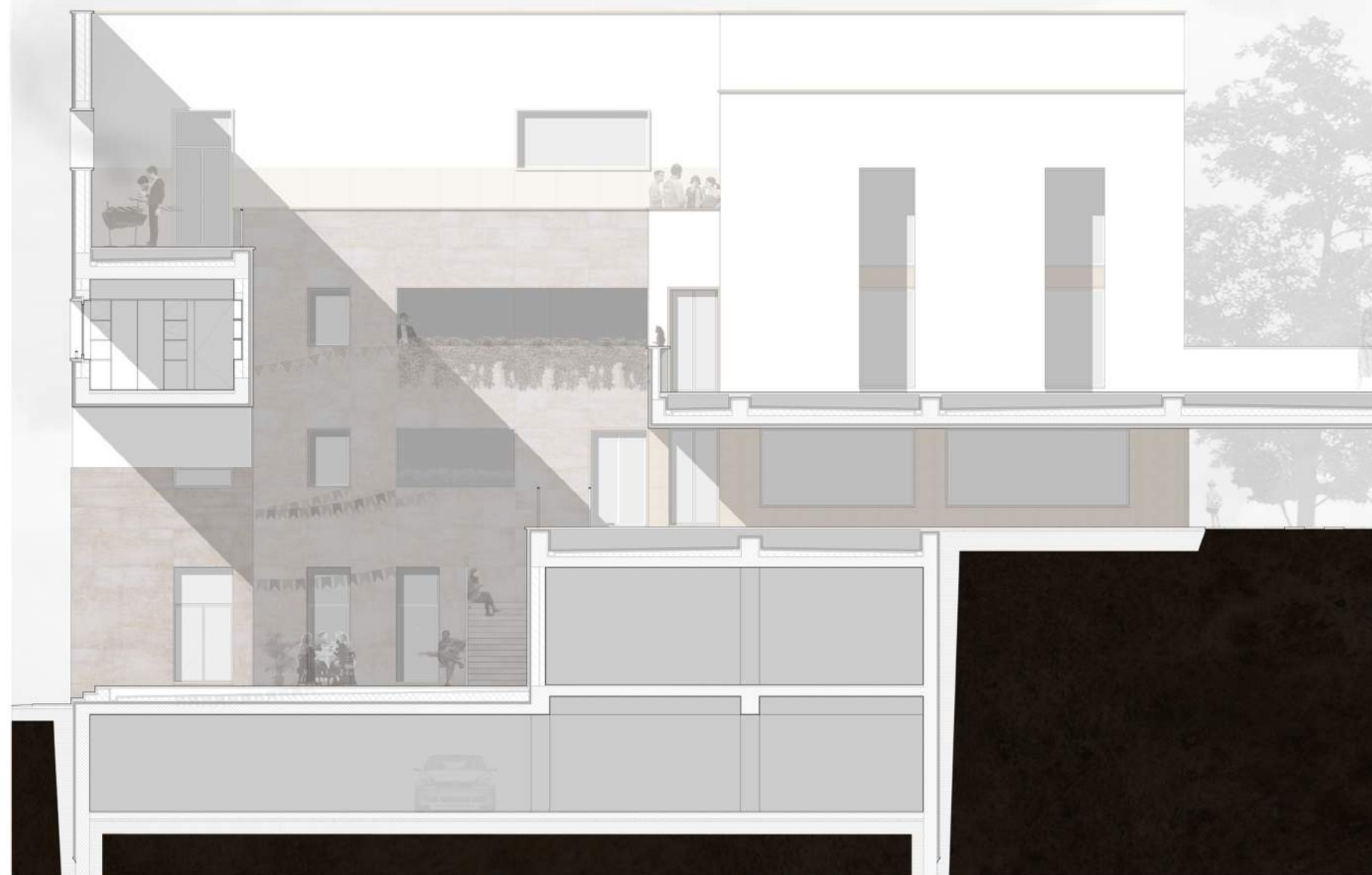






80.10

63.00





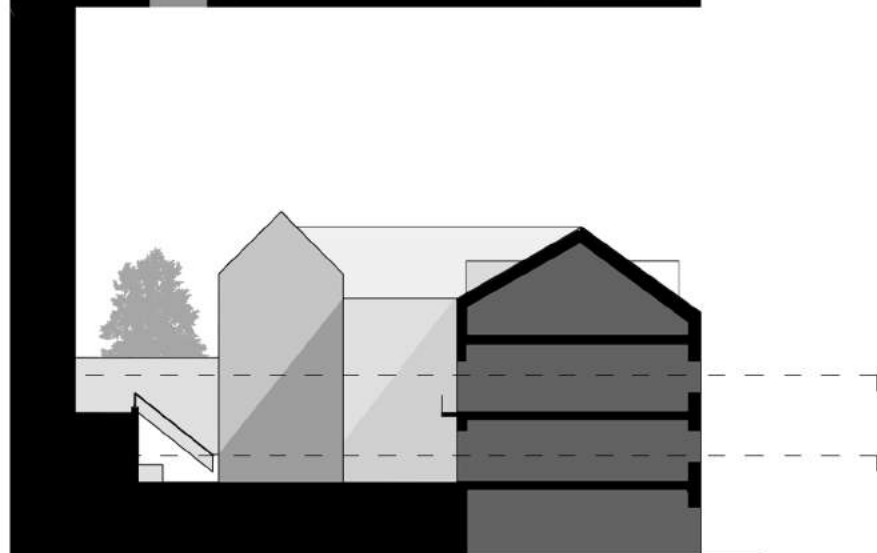
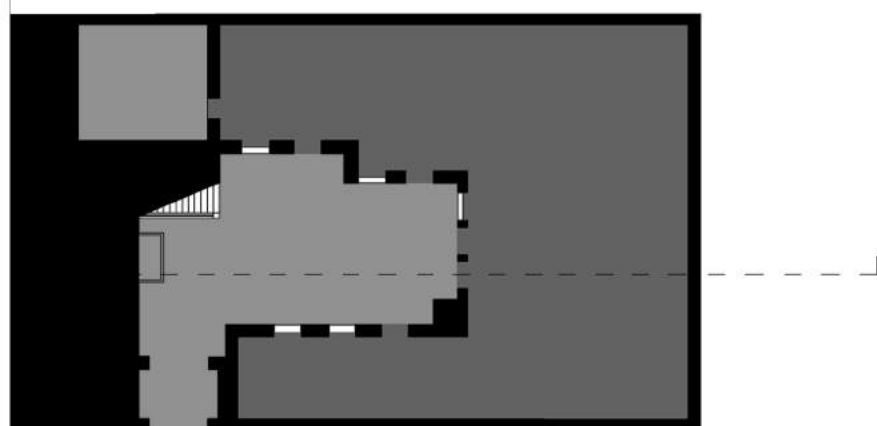
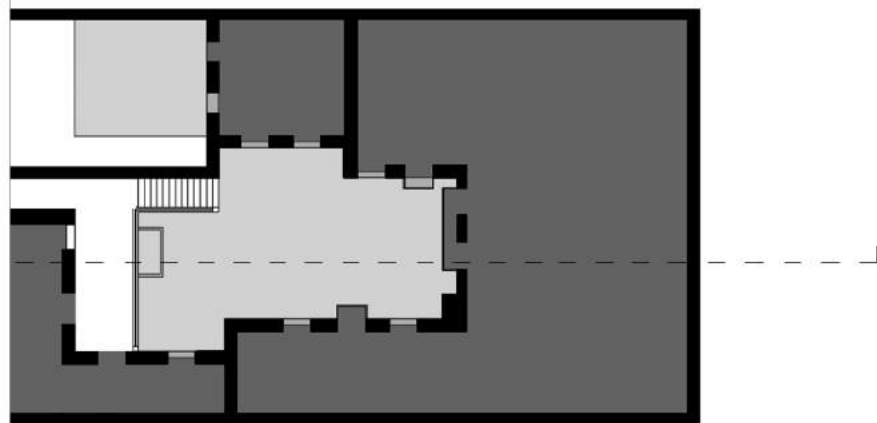
1_ CAPETAMENTO DE PLATIBANDA EM PEDRA (TRAVERTINO) COM ACABAMENTO AMACIADO (0.05) 2_ REBOCO SINTÉTICO COM ACABAMENTO PINTADO 3_ ISOLAMENTO TÉRMICO EM POLIESTIRENO EXTRUDIDO TIPO ROOFMATE (0.06) 4_ PANO DE TUILO CERÂMICO VAZADO (0.20) 5_ PANO DE TUILO CERÂMICO VAZADO (0.15) 6_ BETONILHA DE REGULARIZAÇÃO (0.03) 7_ LAJETAS DE BETÃO PIGMENTADO PARA REVESTIMENTO DE PAVIMENTO SUSPENSO (0.05) 8_ TELA VINÍLICA DE IMPERMEABILIZAÇÃO 9_ CAMADA DE FORMA COM INERTES DE ARGILA EXPANDIDA TIPO Leca 10_ LAJE EM BETÃO ARMADO (0.25) 11_ CALEIRA DE DRENAÇÃO DAS ÁGUAS PLUVIAIS COM GRELHA DE PROTEÇÃO PARA TUBO DE QUEDA 12_ REVESTIMENTO DE MOLDEIRA DE JANELA EM MADEIRA DE CARVALHO COM ACABAMENTO AO NATURAL (0.03) 13_ CAIXILHARIA DE MADEIRA DE CARVALHO COM TRATAMENTO HIDRÓFUGO E PINTADA DE BRANCO 14_ VIDRO DUPL. LAMINADO TRANSPARENTE COM CAIXA-DE-AIR (0.01) 15_ SISTEMA DE PORTADAS DE SOMBREAMENTO EM PAINÉIS DESLIZANTES DE MADEIRA DE CARVALHO COM TRATAMENTO HIDRÓFUGO 16_ GUARDA METÁLICA EM AÇO LACADO 17_ PEITORIL DE JANELA EM PEDRA (TRAVERTINO) COM ACABAMENTO AMACIADO 18_ BETONILHA DE PREENCHIMENTO 19_ REBOCO SIMPLES COM ACABAMENTO ESTUCADO, PINTADO (0.02) 20_ RODAPÉ DE MADEIRA DE CARVALHO 21_ RUFO DE MADEIRA PARA ASSENTAMENTO DE PAVIMENTO 22_ PAVIMENTO EM TACOS DE MADEIRA DE CARVALHO 23_ LAJETAS DE BETÃO PIGMENTADO PARA REVESTIMENTO DE PAREDE (0.03) 24_ CAIXILHARIA DE PORTA EM ALUMÍNIO COM CORTÊ TÉRMICO E ACABAMENTO ESCOVADO 25_ RODAPÉ EM PEDRA (TRAVERTINO) 26_ PAVIMENTO EM PEDRA (TRAVERTINO) COLADA 27_ BETONILHA DE ASSENTAMENTO (0.03) 28_ SOLERA EM PEDRA (TRAVERTINO) 29_ BETÃO DE LIMPEZA (0.05) 30_ ENROCAMENTO 31_ PAREDE SIMPLES DE BETÃO (0.15) 32_ REBOCO DE CIMENTO COM ACABAMENTO PINTADO 33_ MASSAME DE BETÃO ARMADO (0.20) 34_ PINTURA BETUMINOSA DE IMPERMEABILIZAÇÃO 35_ MANTA GEOTEXTIL 36_ TERRENO COMPACTADO

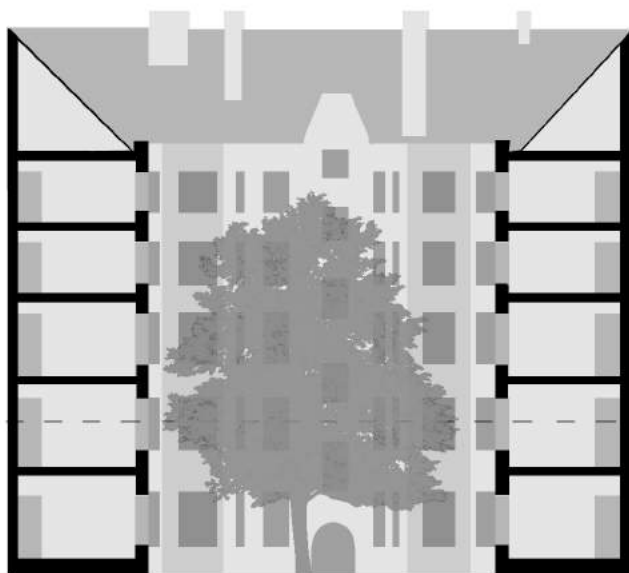
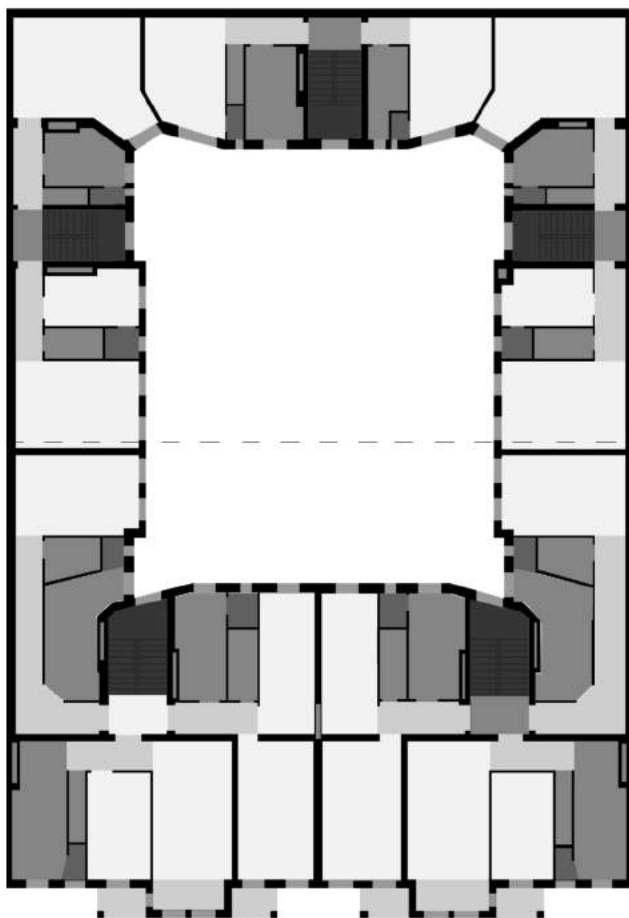
PROJECTO FINAL DE MESTRADO
FACULDADE DE ARQUITECTURA | U LISBOA
Orientador: Arq. Filipa Roseta | Co-orientador: Arq. o João Cabral
JOÃO DIAS FARINHA | 7179

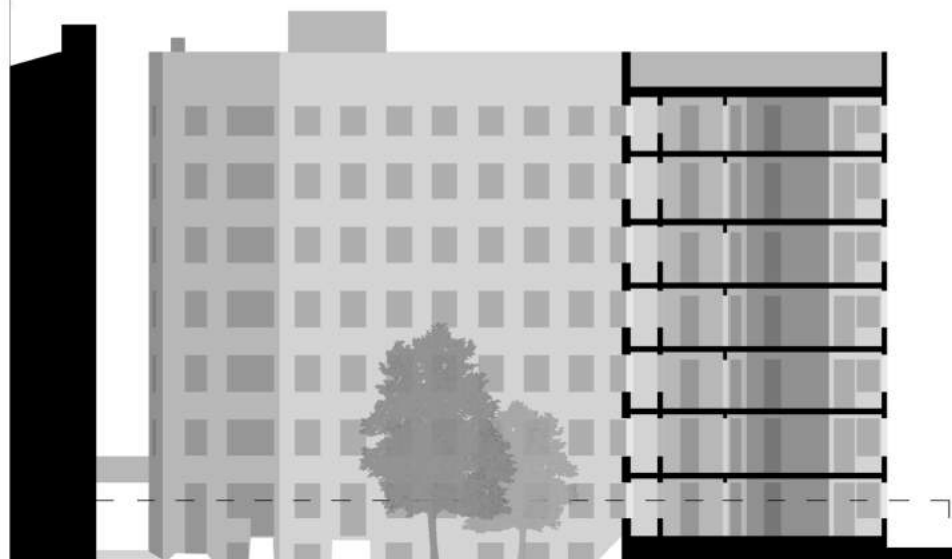
REGENERAR A APARTIR DO CENTRO
PÁTIO | ESPAÇO DE TRANSIÇÃO ENTRE A CASA E A CIDADE

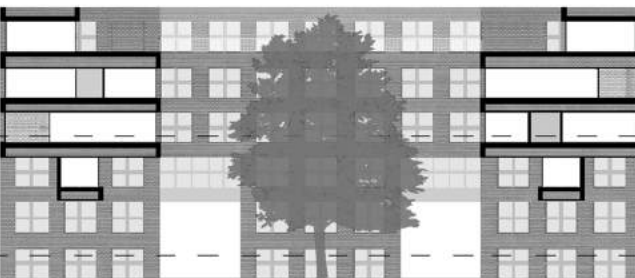
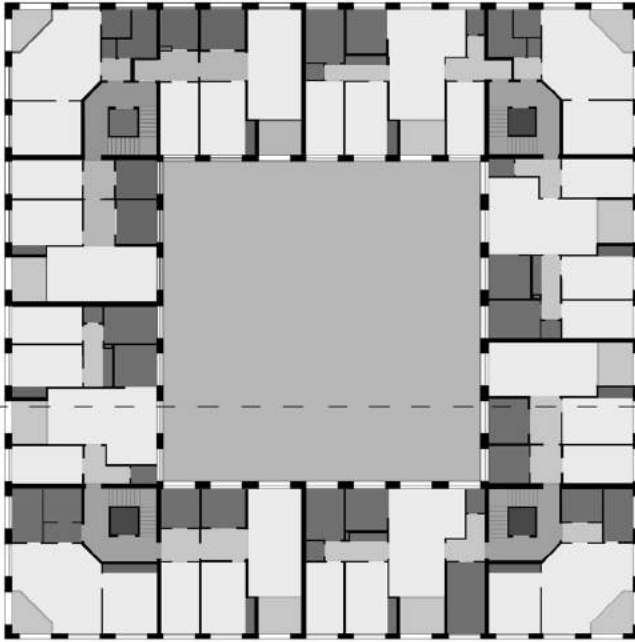
1: 20
Corte de Fachada
P09

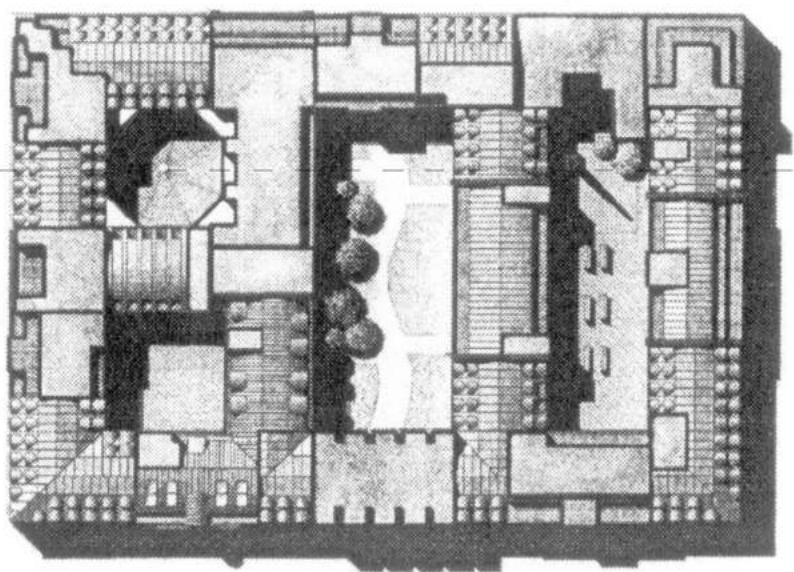


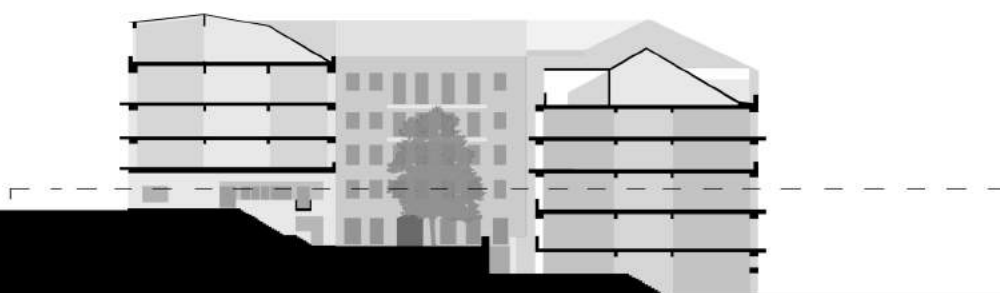
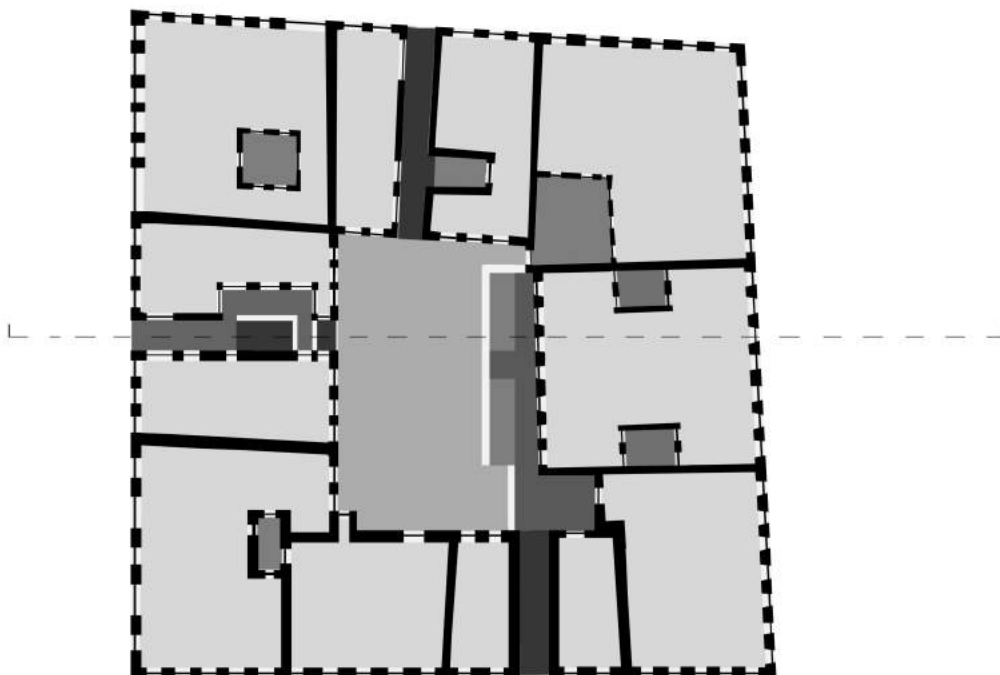


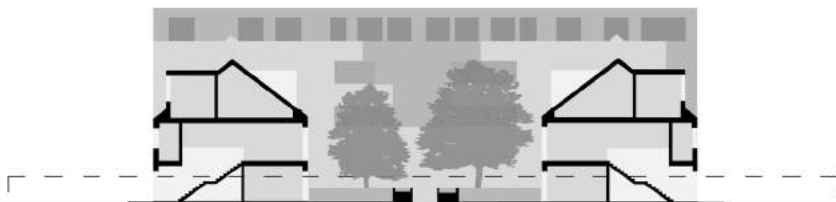
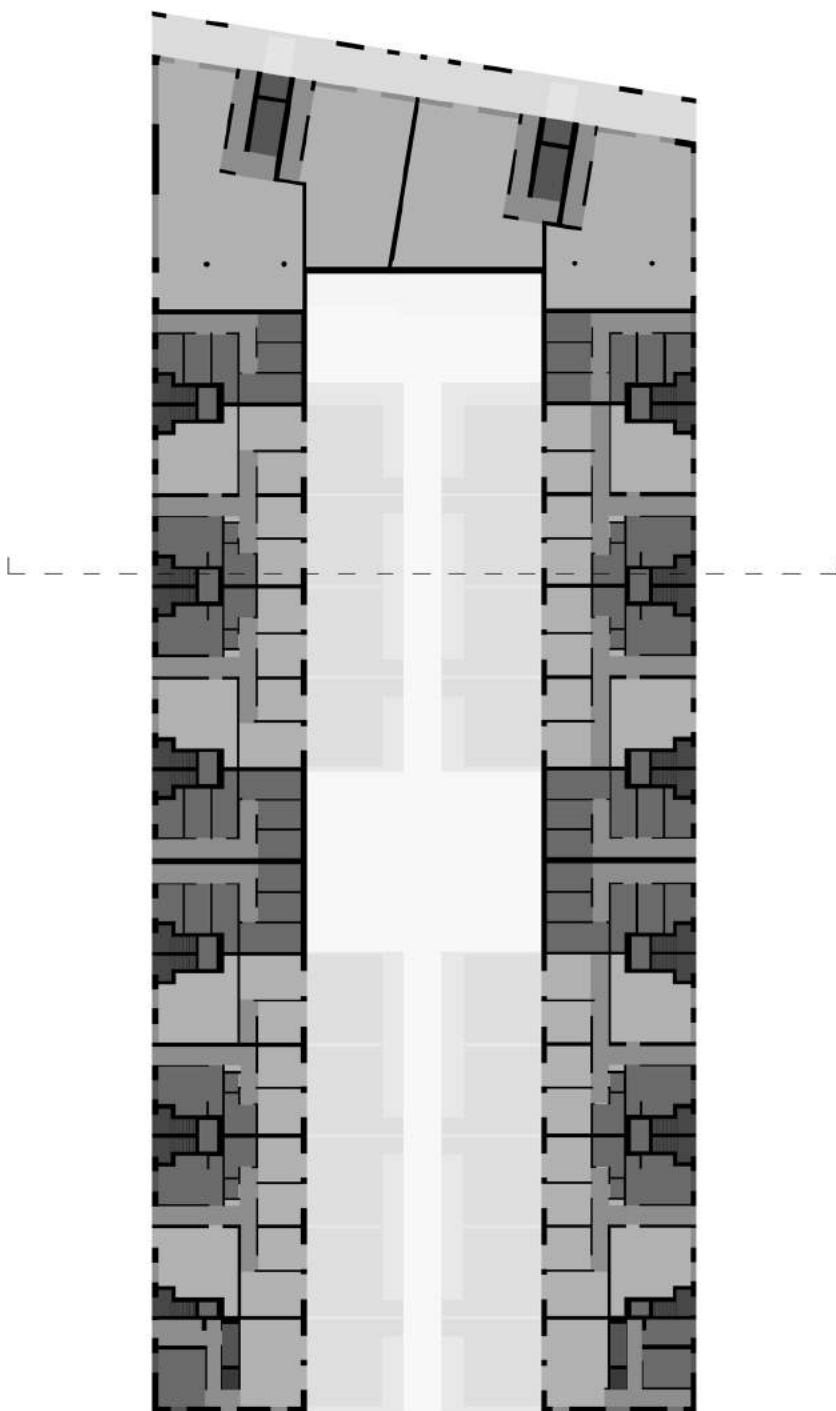


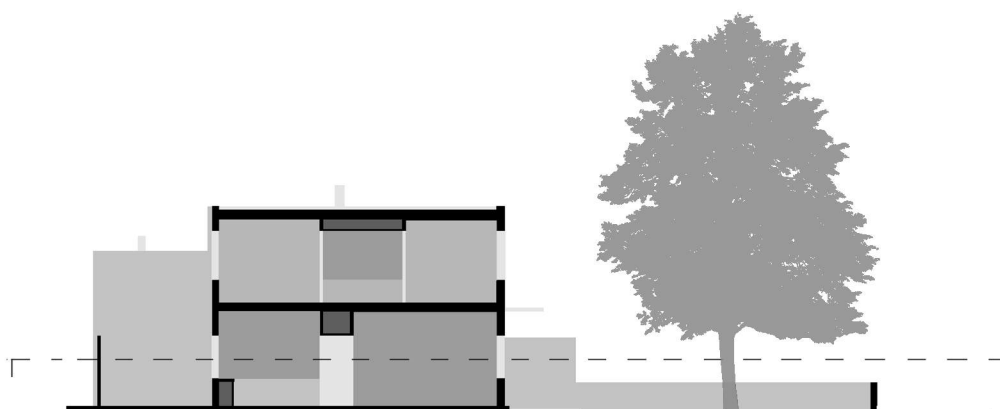












Programa	Nº	Área (m ²)	Área Total
Centro Comunitário		8800	
Administração	3	400	
Centro de Dia	4	1300	
Refeitório		1200	
Anfiteatro		900	
Biblioteca		1400	
Residência de Idosos	28	2000	
Residencia Temporária	24	1600	
Residência de Estudantes	21	2300	
Reitoria da U. Lisboa	8	3500	
Habitação	32	4000	
Bloco 1	10	1300	
Bloco 2	14	1800	
Bloco 3	8	900	
Comércio	29	2850	
Equipamento Escolar	22	3200	
Administração	5	450	
Pavilhão	1	550	
Salas de Aula	22	2200	
Equipamento de Saúde		700	
Administração	2	100	
Gabinetes	7	600	
			25350